UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós Graduação em História Social

DÉBORA VILLELA DE OLIVEIRA

A “sólida e estável” Monarquia nos Trópicos: Imagens sobre o Brasil e os Brasileiros no livro *Brazil and The Brazilians – Portrayed in Historical and Descriptive Sketches*, de Kidder e Fletcher, 1857

São Paulo, maio de 2013.

DÉBORA VILLELA DE OLIVEIRA

A “sólida e estável” Monarquia nos Trópicos: Imagens sobre o Brasil e os Brasileiros no livro *Brazil and The Brazilians – Portrayed in Historical and Descriptive Sketches*, de Kidder e Fletcher, 1857

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, a título de obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof. Dra. Mary A. Junqueira

São Paulo, maio de 2013.

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

OLIVEIRA. Débora Villela de. A “sólida e estável” Monarquia nos Trópicos: Imagens sobre o Brasil e os Brasileiros no livro *Brazil and The Brazilians – Portrayed in Historical and Descriptive Sketches*, de Kidder e Fletcher, 1857. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em História Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____ .

Julgamento: _____ Assinatura: _____ .

Prof. Dr. _____ Instituição: _____ .

Julgamento: _____ Assinatura: _____ .

Prof. Dr. _____ Instituição: _____ .

Julgamento: _____ Assinatura: _____ .

Resumo

A pesquisa analisa os temas que estruturaram o livro *Brazil and The Brazilians – portrayed in historical and descriptive sketches*, escrito por James Cooley Fletcher — próximo de Dom Pedro II e de parte da elite brasileira — e Daniel Parish Kidder, publicado pela primeira vez em 1857, na Filadélfia, Estados Unidos. O livro alcançou sucesso nos Estados Unidos e foi contemplado com mais oito edições. Sua tradução para o português ocorreu apenas em 1941. O objetivo do trabalho foi entender como os autores viram o Brasil em seus aspectos políticos, sociais e econômicos a época. Fletcher e Kidder estabeleceram aproximações entre Estados Unidos e Brasil, de modo a amenizar as imagens negativas de outras publicações sobre o país, discutindo com autores que as haviam divulgado entre os norte-americanos. Mesmo que Kidder e Fletcher procurassem não ratificar as desigualdades entre os dois países, constatavam um distanciamento entre eles no que se referia ao nível de “civilização”, mencionando que o Brasil era uma “crescente nação”, imbuída de perspectivas de progresso e desenvolvimento, mas era reconhecido pelos autores que o Brasil não tinha o mesmo nível de desenvolvimento dos Estados Unidos. Assim, a despeito das aproximações que os autores procuraram eleger, foram identificados aspectos da “cultura imperial”, própria da sociedade norte-americana, enxergando os Estados Unidos como liderança emergente no hemisfério Ocidental.

Palavras chave: Estados Unidos, Brasil Império, Imagens, Representações, Livro.

Abstract:

The research analyses the book *Brazil and The Brazilians – portrayed in historical and descriptive sketches*, written by James Cooley Fletcher – who had contact with the Emperor D. Pedro II and several politicians of the Brazilian Empire – and Daniel Parish Kidder, first published in 1857, at Philadelphia, United States. The book had been a great success, receiving other eight editions in the nineteenth century. Its Portuguese translation was published in 1941. The analysis seeks the comprehension about how these authors described the Brazilian Empire in the book by political, social, and economic aspects, under the circumstances of Brazil at that time. Fletcher and Kidder had established connections between Brazil and United States in *Brazil and The*

Brazilians in order to alleviate most negative images of other publications that circulated about Brazil at that time in United States, arguing with other authors about those aspects. Even that Kidder and Fletcher tried not to affirm these disparities, they noticed distances in the levels of “civilization” of the two countries, mentioning that Brazil was a “growing nation”, imbued with perspectives of progress and development; even though, it was recognized by them that Brazil wasn’t in the same level of development of United States. So, even with the established connections, Kidder and Fletcher still reproduced some of the aspects of an Imperial Culture presented at that time, by pointing up the United States as the most emergent and promising leader country of Western.

Key words: United States; Brazilian Empire; Book; Images; Representations.

AGRADECIMENTOS

Foi no domingo de Páscoa, um dia extremamente importante para mim e para minhas crenças, que comecei a escrever esses agradecimentos.

Primeiro a Deus, que me propiciou a sabedoria, energia, vontade e a fé em mim e Nele, para construir esse trabalho. E ainda, sobretudo por ter colocado em meu caminho pessoas boas, sérias e experientes, que em todos os sentidos me apoiaram, fortaleceram meu trabalho, que adensaram e refinaram os questionamentos e os resultados de minha pesquisa. Uma delas é minha orientadora, Mary A. Junqueira, que com seu pulso firme, apoio dedicação e cuidado (algumas vezes exploradas por mim, confesso) levaram-me a concluir esse trabalho. Outra, Rodolpho Rabello da Rocha, que incansavelmente esteve disponível a tudo aquilo que precisei e, se novamente Deus permitir, estaremos lá, um para o outro, pela vida toda.

Além de Mary e Rodolpho, agradeço a meus amigos de Pós-Graduação e de Grupo de Estudos: Valdir dos Santos Jr., Flávio Francisco, Carla Paulino, Ivania Motta, Ana Paula Souza, Vanessa Pacheco, Laís Olivato, Vivian Krauss, Camilla Fontes, Marília Arantes, Marina Novaes, Romilda Motta. Aos colegas que me ajudaram prontamente, com seus trabalhos, mesmo sem conhecê-los pessoalmente, Luciana Brito e Maria Clara Sampaio. Saudações também são necessárias aos outros professores que me acompanharam ao longo desse processo: Prof. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilardaga, Profa. Dra. Maria Lúgia Coelho Prado, Prof. Dra. Cecília da Silva Azevedo, Prof. Dr. Antonio Pedro Tota e Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares.

E aqueles que foram minha base e que me possibilitaram chegar até aqui: minha família de sangue e de coração: meus pais, professores e engenheiros, Marisa da Cunha Villela de Oliveira e Flávio Faria de Oliveira, meu irmão, Flávio, meus primos, em especial Natália Rezende de Oliveira e Lúcio Villela, que tiveram oportunidade de ler ao menos parte deste trabalho; meus “outros irmãos”, Eliza Albuquerque, Samuel Oliveira, Ana Carolina Del Nero, Elisa Evangelista, Gisleni Rocha, meus “tios”, Rubens de Souza, Terezinha Aparecida Sávio, Antonio Francisco Marques, Patrícia Montenegro Ortiz. Novamente, nada a dizer, só, obrigada.

Não poderia esquecer uma pessoa que me auxiliou a trilhar meus caminhos acadêmicos, mas que hoje se encontra, como na citação de D. Casmurro (que ele tanto

gostava!) “estudando a geologia dos campos santos”. Professor Silvio Carlos Correa: toda a gratidão, reverência e saudade.

Por último, agradeço especialmente às instituições, aos setores de Pós Graduação da Universidade de São Paulo, representado aqui pelo Nelson, à Fundação de Amparo à Pesquisa no estado de São Paulo (FAPESP) que me possibilitou apoio e financiamento à dissertação, ao Museu Imperial, à Biblioteca Nacional e ao Instituto Histórico e Geográfico (em especial ao seu Pedro), sediados no Rio de Janeiro, que gentilmente me possibilitaram a pesquisa em seus respectivos acervos.

Sumário

Agradecimentos	07
Introdução	10
I. <i>Brazil and The Brazilians: o livro e seus autores</i>	21
1.1 Breves apontamentos sobre a trajetória dos autores	21
Daniel Parish Kidder	21
James Cooley Fletcher	26
Sobre a autoria de <i>Brazil and The Brazilians</i>	44
1.2 Uma nova imagem sobre o Brasil nos Estados Unidos	45
Estratégias utilizadas pelos autores para elaborar o livro	51
As fontes	51
A estadia dos autores no Brasil	53
As imagens	56
1.3 Pistas sobre a edição do livro	58
Sobre a editora e as outras edições de <i>Brazil and The Brazilians</i>	60
1.4 A divulgação de <i>Brazil and The Brazilians</i> nos Estados Unidos	62
As resenhas sobre o livro	63
Palestras de Fletcher, sobre o Brasil, nos Estados Unidos	65
1.5 Pistas da recepção do livro no Brasil Império	66
II. A Monarquia Necessária	70
2.1 A Monarquia brasileira: entre os Estados Unidos e os países da América Hispânica	70
2.2 Aspectos do funcionamento do Império brasileiro	84
2.3. A Imagem da Monarquia brasileira no Brasil e nos Estados Unidos	98
III. Rumo ao progresso: deficiências e possibilidades da sociedade brasileira	102
3.1 O Brasil não é tão diferente dos Estados Unidos	102
3.2 O brasileiro e o trabalho na ótica de Kidder e Fletcher	107
3.3 O lugar do negro e a questão da escravidão no Brasil	113
3.4 A condição feminina no Brasil	120
3.5 Educação e produção intelectual brasileiras	125
3.6 As práticas religiosas	131
IV. Controlar o destino do Novo Mundo: O papel dos Estados Unidos e as oportunidades que o Brasil oferecia	137
4.1 As Percepções sobre o Território e a Natureza brasileiros	137
4.2 Potencialidades econômicas e comerciais do território brasileiro	148
4.3 As possibilidades dos intercâmbios comerciais entre Brasil e Estados Unidos	159
Considerações Finais	166
Fontes	172
Referências Bibliográficas	177

INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com o livro *Brazil and the Brazilians – Potrayed in Historical and Descriptive Sketches*¹, ocorreu quando buscava por um documento que contemplasse uma possível pesquisa sobre aspectos da religião nos Estados Unidos. A relação entre excepcionalismo norte-americano e o discursos religioso parecia-me um tema instigante de investigação². Logo após o processo de Independência, em 1776, a nação norte-americana procurava se sustentar como país que tinha uma *uniqueness*, pois se pressupunha que os norte-americanos avançavam rumo à modernidade em razão da República moderna que construíam e da sociedade composta por homens que carregavam “ideais cívicos”³.

Por sugestão de minha orientadora, procurei por relatos de missionários protestantes no Brasil e me deparei com a sexta edição de *Brazil and The Brazilians*, de 1866. Surpreendeu-me a existência de uma aparente visão positiva do Brasil expressa já no prefácio que configurava o Brasil como “uma sólida e estável monarquia constitucional”⁴. Até então, era-me desconhecida a produção de visões “positivas” do Brasil nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, período marcado pelas

¹ A partir de agora, me referirei ao livro apenas como *Brazil and The Brazilians*. Essa simplificação foi também utilizada por James C. Fletcher.

² Inspirei-me no artigo de AZEVEDO, Cecília. *A santificação pelas obras: experiências nos EUA do protestantismo*. *Tempo*: UFF, n.11, jan. 2001, pp. 111-129.

³ Sobre a ideia de excepcionalismo norte-americanos, ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Estados Unidos. A consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

⁴ Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 3.

controvérsias norte-americanas envolvendo a escravidão que desencadearam na Guerra Civil norte-americana (1861-1865)⁵.

Busquei então, pela primeira edição do livro, publicada em 1857, na qual a pesquisa se concentra. Um pouco antes disso, em 1840, Kidder havia estado no Brasil em trabalho missionário e Fletcher, além de fazer várias viagens para conhecer o País durante a década de 1850, atuou no serviço diplomático dos Estados Unidos no Brasil estabelecendo contatos com membros da elite e com o próprio Imperador, como já indicado.

Ao realizar esse trabalho de busca por outras edições, constato outra surpresa: a publicação obtivera sucesso nos Estados Unidos, posto que em nove anos já contara com seis edições. Também surpreendia a mesma ter tamanha boa acolhida no período da Guerra Civil norte-americana e nos primeiros momentos da Reconstrução dos Estados Unidos. Certamente, o fato do Brasil e dos Estados Unidos serem os dois países que mais receberam escravos nas Américas, fez com que houvesse nas duas regiões debates sobre o fim, ou não, da escravidão, além de se discutir o possível lugar do negro na sociedade, no caso da abolição. O interesse por esse tema permitiu um intercâmbio entre esses países.

Ao final desse levantamento, cheguei a nove edições em inglês de *Brazil and The Brazilians* no século XIX, a última publicada em 1879. Encontrei também a primeira tradução do livro para português, na Coleção Brasileira, de 1941, sob o título de *O Brasil e os Brasileiros – esboços históricos e descritivos*. A tradução baseava-se na sétima edição do livro, de 1867⁶.

⁵ Sobre esse período da História norte-americana, ver: FONER, Eric. *Free Soil, Free Labor, Free Men: The Ideology of the Republican Party Before the Civil War*. New York: Oxford University Press, 1995; MC PHERSON, James. *Battle Cry of Freedom: The Civil War Era*. New York: Oxford University Press, 1988; STAMPP, Kenneth. *1857: a nation on the brinks*. New York: Oxford University Press, 1989.

Segundo o historiador Edgar Carone, que fez um levantamento das publicações e dos propósitos da *Brasiliana*, *Brazil and The Brazilians* foi o primeiro relato de viagem de norte-americanos sobre o Brasil editado pela coleção⁷. Um texto que deve ter sido interessante para os fins políticos da época, plena Segunda Guerra Mundial, e no qual se construía aspectos importantes da política de Boa-Vizinhança entre Brasil e Estados Unidos: um livro escrito por norte-americanos que tratavam “com cuidado” as condições brasileiras do século XIX⁸. Ainda que o livro tenha sido traduzido apenas em 1941, foi observado ao longo da pesquisa que isso não impediu que a publicação circulasse em inglês entre os brasileiros desde sua primeira edição, em 1857.

Assim, *Brazil and The Brazilians* constituiu-se em fonte e objeto de pesquisa: procurei analisar o conteúdo do livro, buscando pelas imagens e representações do Brasil, mas, também, detive-me sobre a constituição do livro como um objeto que passou por um processo de edição e, na medida do possível, tentei avaliar algumas expectativas de público leitor norte-americano que o livro procurara contemplar.

O processo de pesquisa foi marcado por surpresas. A maior delas, entretanto, mostrou que o livro *Brazil and The Brazilians* pouco tratava de religião, e a visão “positiva” do Brasil, identificada inicialmente, era marcada por uma cultura imperial já existente nos Estados Unidos e claramente expressa pelos autores do livro ao tratar do Brasil, ainda que eles escrevessem em nome da aproximação e do intercâmbio entre os

⁶ KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *O Brasil e os Brasileiros (esboços históricos e descritivos)* (trad. de Elias Dolianti e revisão de Edgard Sussekund de Mendonça). Rio de Janeiro / São Paulo/ Porto Alegre / Recife: Ed. Civilização Nacional. Coleção *Brasiliana*, v. 205, 1941.

⁷ Cf.: CARONE, Edgar. Notícias sobre ‘Brasilianas’. *Perspectiva: revista de ciências sociais*, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/index.php/perspectivas/article/viewFile/1491/1195>>. Acesso em dez. 2012.

⁸ Sobre o período e as formas nuançadas de domínio que o discurso norte-americano estava imbuído no momento de publicação da primeira tradução de *Brazil and The Brazilians*, ver: TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

dois países. Além disso, a publicação foi assinada por dois autores, entretanto, a pesquisa mostrou que um deles, James Cooley Fletcher, era mais atuante tanto na escritura do texto, como nas tentativas de estabelecimentos de contatos das duas nações.

Para contemplar as formas com que os autores apresentavam a política, a sociedade e a economia brasileira, foi necessário reportar às contingências e questões norte-americanas que envolviam as opiniões expressas pelos autores em sua época de publicação, assim como aos eventos e processos brasileiros que os autores descreveram a partir da sua estada no país⁹.

Como observado, o olhar que a grande maioria de autores norte-americanos que estiveram no Brasil em meados das décadas de 1840 e 1850 que registraram em livro suas impressões, distancia-se bastante da forma como os autores de *Brazil and The Brazilians* e, em especial, como veremos, James Cooley Fletcher, apresentava o País a seus leitores.

Grande parte dos norte-americanos que visitaram o Império, desde a Independência, referia-se ao país, ratificando a profunda diferença e, por consequência, a inferioridade do Brasil em relação aos Estados Unidos. Essas impressões circularam por lá através de notícias de jornais, artigos, livros, relatos de viagem, etc. Em geral, eram percepções individuais sobre a condição tropical brasileira, sobre a natureza selvagem do País, sobre as condições sociais, nas quais eram sublinhadas a miscigenação e mistura de homens (ou de “raças diferentes”) em lugares públicos.

A título de exemplo, o viajante Henry Bradley, em 1821, notava com repugnância o fato de brancos, negros e índios tomarem banho nos mesmos lugares. Na década de 1840, o Reverendo Robert Walsh sentia temores em relação à proporção de

⁹ Os autores estiveram no Brasil em períodos distintos. Kidder entre 1839 e 1840, já Fletcher residiu no Rio de Janeiro entre 1850 e 1853, realizando, posteriormente, durante a década de 1850, mais uma série de viagens por todo o Império.

negros existentes no Brasil, enxergando possibilidades de instabilidade política que conduziriam o País a um estado próximo ao do Haiti que havia declarado independência a partir de uma rebelião escrava¹⁰. Na década de 1850, o reverendo C. S. Stewart que publicara seu relato de viagem um ano antes que Kidder e Fletcher, também mostrava apreensão pela existência do grande número de negros que contatou no Rio de Janeiro. Nos Estados Unidos, o maior número de escravos encontrava-se na zona rural, do sul do país, ainda que a escravidão alcançasse o país de norte a sul.

Note-se que, para os viajantes, o problema da escravidão no Império brasileiro era tema de destaque e não só para originários dos Estados Unidos. Mas, como já sugerido, o olhar norte-americano que sublinhava a questão da escravidão nos trópicos pressupunha dialogar com o controvertido tema também naquele país¹¹.

Outros viajantes enxergavam o Brasil como lugar apropriado para comprovação de diversas teorias científicas que se desenvolviam nos Estados Unidos da época. Esse era o caso de Thomas Ewbank, um dos fundadores da *American Ethnological Society*, que viajou ao Brasil em 1846 e viu os brasileiros como uma “raça de homens”, confinada ao ambiente insalubre dos trópicos, em tudo inferiores aos norte-americanos. Em 1865, foi a vez de Louis Agassiz que, em importante viagem científica à Amazônia, constatou, por causa do determinismo geográfico, a degeneração e a mestiçagem como próprias das “raças de homens” que habitavam os trópicos¹².

¹⁰ Citado por HORNE, Gerald. *O Sul Mais Distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o Tráfico de Escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 41-45.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p. 129.

¹² Para uma análise do relato de viagem de Thomas Ewbank, ver PAULINO, Carla Viviane. *O Império do Atraso: Etnologia, Política e Religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank*,. São Paulo: USP- Universidade de São Paulo – FFLCH – Departamento de História. Dissertação de Mestrado, 2011(mimeo); para a viagem de Louis Agassiz ao Brasil, ver MACHADO, Maria Helena. *Travels and Science in Brazil* , in: *ReVista – The Harvard Review of Latin America*, vol. 8, n. 3, Spring, 2009, p. 34-40.

Assim, a imagem do Brasil que circulava nos Estados Unidos era a de um ambiente onde vigorava uma natureza que não havia sido dominada pelo brasileiro, visto como passivo e condescendente. Era um País licencioso, amoral e degenerado. No campo da política, o Brasil também era registrado por esses viajantes, geralmente, como um “país fraco”, agarrado a tradições já superadas, onde antigos ideais monárquicos ainda vicejavam, excessivamente burocratizado, com uma população mestiça profundamente desordenada, afeita às práticas irracionais, inferior aos países europeus e aos Estados Unidos.

Entre os viajantes norte-americanos, essas ratificações consolidavam a superioridade dos Estados Unidos, em termos econômicos, políticos, sociais e morais em relação ao Brasil. Todavia, como Kidder e Fletcher perceberam, sobretudo após suas estadias no país, essas impressões, por procurarem atestar essa inferioridade, atinham-se sempre a temas que indicassem a “barbárie”, o que, para os autores, não refletia a condição do Império na década de 1850, além de inviabilizar novos contatos comerciais que poderiam ser profícuos a ambos os países¹³. O diferencial da publicação de Kidder e Fletcher, portanto, foi produzir uma imagem despida de tantas negatividades sobre o Brasil nos Estados Unidos, num período em que essas eram reproduzidas e disseminadas nos escritos de outros viajantes. Ou, como dito por eles: “empreender a tarefa de fornecer um retrato justo e geral sobre o Brasil”¹⁴.

¹³ Kidder e Fletcher entendiam que o Império no período passava por grande desenvolvimento. De fato, a historiografia brasileira assinala a década de 1850 como um período áureo, de consolidação das fronteiras, estabilidade política, crescimento econômico, desenvolvimento cultural e de algumas alterações na estrutura social do mesmo. Cf.: HOLLANDA, Sérgio Buarque de e CAMPOS, Pedro Moacyr (orgs). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 2, O Brasil Monárquico; v. 3: *Reação e Transação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996; ALENCASTRO, Luiz Felipe. *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 2- *Império, a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). *O Brasil Imperial – volume 2: 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

¹⁴ KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 582: “...the task to give in such small space a just and general view of Brazil”.

Assim, na narrativa de *Brazil and The Brazilians*, era objetivo dos autores rever a inferioridade atribuída aos brasileiros, apresentando, para tanto, dados sólidos acerca da política, economia, educação, ciência, cultura, e dos grupos sociais do Império ao público norte-americano. Eles procuraram também mostrar as várias regiões do território brasileiro, suas especificidades regionais e seus níveis de desenvolvimento no intuito de reduzir as distâncias entre os dois países¹⁵.

Outra peculiaridade do conteúdo do livro era o fato de que mesmo que os autores fossem pastores protestantes, a religião não era central na obra de Kidder e Fletcher. Ainda que os autores se remetessem a ela, o conteúdo do livro fornecia ao leitor norte-americano um panorama abrangente sobre o Brasil com destaque para a importância do governo do Império e para o papel central de Dom Pedro II.

Assim, pela riqueza de suas informações *Brazil and The Brazilians* foi utilizado, em suas versões em inglês e português, amplamente por historiadores como fonte que ajudaria a compreender não os Estados Unidos, mas o Brasil do século XIX¹⁶. O conteúdo do livro pode sim ajudar a compreender a sociedade visitada por Kidder e

¹⁵ O texto de *Brazil and The Brazilians* apresenta a seguinte divisão: do capítulo 1 ao 14 são descritas as condições da capital do Império, o Rio de Janeiro, suas instituições, a História Geral de formação do Brasil, além da sociedade do país. A partir do capítulo 15 iniciam-se as descrições dos outros estados brasileiros, baseadas principalmente nas viagens de Fletcher.

¹⁶ Para ver autores brasileiros que utilizaram *Brazil and The Brazilians* ver: FREYRE, Gilberto. *Social life in Brazil in the middle of the nineteenth century*. *Spanic American Historical Review*, v.5, n.4, Nov.1922, pp. 597-630; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994; SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. Além desses expoentes da produção cultural brasileira, textos pioneiros em estudos sobre as mulheres também se utilizaram da obra. Cf.: QUINTANEIRO, Tania. “A Criança Brasileira no Século XIX na percepção de viajantes ingleses e norte-americanos: uma análise comparada”. In: *Síntese: nova fase*, v. 19, n. 58, 1992, pp. 361-390. Ainda podem ser citados trabalhos recentes sobre os olhares estrangeiros no Brasil Império. Cf.: GERBOVIC, Tathiane. *O olhar estrangeiro em São Paulo até meados dos oitocentos: relatos de viajantes ingleses e norte-americanos*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. 2010.

Fletcher e a identificar aspectos do Brasil Império; entretanto, uma análise crítica do documento ainda não havia sido feita e é nesse sentido que encaminho minha pesquisa.

Procedimentos teórico-metodológicos

Para atingir os objetivos propostos e para bem compreender *Brazil and the Brazilians*, em especial no que concerne à imagem do Brasil e dos brasileiros elaborada pelos autores, encontramos no trabalho de Edward Said, *Cultura e Imperialismo*, instrumentos para discutir a questão do saber e do conhecimento sobre os outros lugares, os quais estão, em geral, intimamente vinculados às intenções e práticas de poder da época¹⁷. Said mostra como alguns romances ingleses ajudaram a fomentar legitimidades e justificativas para o domínio e construção do Império inglês, fosse em seu próprio território, fosse nas colônias, co-formadoras do Império; de forma a naturalizar sua existência e o controle sobre regiões dominadas¹⁸. Embora o livro a ser analisado na pesquisa, não seja um romance, mas uma publicação que divulgou imagens sobre o Brasil e os brasileiros nos Estados Unidos, considera-se que a perspectiva de *Said*, guardadas as devidas proporções, permite compreender melhor tais representações sobre o nosso país forjadas no século XIX.

Nesta direção, conceitos de Mary Louise Pratt, em *Os Olhos do Império – Relatos de Viagem e Transculturação*, serão fundamentais para análise pretendida. As viagens, tanto de Kidder como de Fletcher, podem ser compreendidas como experiências travadas em lugares os quais a autora denomina como zona de contato – “espaços de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínua” –

¹⁷ Cf.: SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 15-30.

¹⁸ Idem, p. 15.

portanto, onde as várias diferenças, histórico, geográficas e sócio-culturais, deflagram-se, produzindo relações, em geral, assimétricas¹⁹. Juntamente à zona de contato, a autora propõe a ideia de transculturação: ou “como grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir de materiais a eles transmitidos por uma cultura dominante ou metropolitana”²⁰.

Embora, na época, os Estados Unidos não pudessem ser considerados um país com um potencial dominador semelhante ao dos europeus, desde a formação de seu Estado nacional percebe-se a existência de uma cultura imperial, sendo fomentada no país, como destacado por historiadores como Gilbert Joseph, Amy Kaplan e Ricardo Salvatore em *Close Encounters of The Empire – Writing the Cultural History of U.S. – Latin America relations*²¹.

Em especial Ricardo Salvatore, apresenta observações referentes aos encontros entre norte-americanos e latino-americanos. O conceito de *Informal Empire* (Império Informal) é lançado pelo autor como definidor das relações estabelecidas entre Estados Unidos e América Latina desde a primeira metade do século XIX. Nele, apareceriam múltiplas representações, potencialidades e possibilidades imaginadas daquilo que viria a ser o contato com esta parte da América: um potencial mercado, um impressionante experimento de mistura racial, metas para missionários e outros religiosos, campo de estudo para as ciências naturais, entre outros. A partir destas idealizações, produziram-

¹⁹ Cf.: PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – Relatos de Viagem e Transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 22.

²⁰ Idem, p. 30.

²¹ Cf.: GILBERT, Joseph; LE GRAND, Catherine & SALVATORE, Ricardo D. *Close Encounters of the Empire – Writing the Cultural History of U.S. – Latin American relations*. Duke University Press, 1998.

se diversas práticas, referentes às potencialidades distintas envolvidas no contato, que mereceriam estudo, tal como a análise pretendida²².

Além das imagens e representações sobre o Brasil, como havíamos comentado anteriormente, foram buscadas pistas sobre aspectos materiais do livro, principalmente dados sobre a primeira edição de 1857, elementos sobre sua possível circulação nos Estados Unidos e indícios da leitura da obra de Kidder e Fletcher. Nesses aspectos, as proposições de Roger Chartier foram úteis ao trabalho de pesquisa. Para ele, a leitura se inscreveria socialmente como individual, particular, podendo ser realizada de muitas formas dependendo assim da interpretação do leitor, que, em última instância, é aquele que dá sentido e significado ao texto, escapando ou não das intenções do autor do texto²³.

Além desses apoios bibliográficos, para compreensão dos vários aspectos relacionados à constituição e circulação de *Brazil and the Brazilians* foram consultadas outras fontes, entre elas: resenhas, apresentações e notícias sobre o livro publicadas por periódicos norte-americanos e brasileiros da época obtidos via internet, pelos sites da Universidade de Cornell e do New York Times, e em arquivos, como os da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Tais materiais mostram que o livro contou com uma boa divulgação nos Estados Unidos.

O primeiro capítulo da dissertação abrange alguns dados sobre os autores e sobre a construção, organização e recepção do livro. Discuto, principalmente, a questão da autoria de *Brazil and The Brazilians* que, embora fosse assinado por dois autores, foi

²² Cf.: SALVATORE, Ricardo. "The Enterprise of knowledge: representational machines of informal empire", in: JOSEPH, Gilbert, KAPLAN, Amy, SALVATORE, Ricardo (org.), *Op. Cit.*, p. 71

²³ Cf.: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2000.

possível notar que o empenho de James Cooley Fletcher foi maior tanto na produção do texto quanto nos vínculos estabelecidos no Brasil.

O segundo capítulo mostra a visão que os autores produziram sobre a Monarquia Constitucional do Império, entendendo-a como um governo moderno, estável e seguro ao Brasil. Veremos que os escritores viam-na como necessária para a sociedade brasileira se organizar politicamente.

O terceiro capítulo contempla a forma que a sociedade brasileira foi retratada em sua organização. Nele, será mostrado que os autores indicavam algumas deficiências do brasileiro, em particular a ausência de virtudes cívicas no seio da população, ainda que encontrassem e apresentassem aos leitores sinais que essa mesma sociedade se encaminhava rumo ao progresso.

Por fim, o quarto capítulo apresenta as oportunidades de desenvolvimento econômico norte-americano que especialmente James Cooley Fletcher vislumbrava na medida em que os Estados Unidos se dispusessem a compreender o Brasil como um possível mercado e, mais do que isso, entendessem que havia a possibilidade de aumentar a influência norte-americana em meio às pretensões dos países europeus com relação à América do Sul.

A dissertação pretende, assim, observar como os autores de *Brazil and The Brazilians* articularam esses temas em prol de uma imagem menos negativa do Brasil nos Estados Unidos da metade do século XIX. Para eles, uma imagem mais positiva do Brasil nos Estados Unidos poderia facilitar intercâmbios e acordos comerciais entre os dois países, fato que alçaria o país do norte a exercer um lugar de destaque no Novo Mundo.

I - *Brazil and The Brazilians*: o livro e seus autores.

O objetivo deste capítulo é apresentar brevemente os autores de *The Brazil and The Brazilians*, destacando os vínculos e contatos que eles estabeleceram no País que visitaram. Foram sublinhados também alguns aspectos da elaboração do livro e estratégias dos autores para tratar do assunto com legitimidade e autoridade, além de indícios sobre a edição do impresso, de 1857, e de sua possível recepção na época.

1.1 Breves apontamentos sobre a trajetória dos autores

1.1.1 Daniel Parish Kidder

Esse pastor é muito conhecido dos historiadores em razão de um importante relato de viagem que escreveu, muito utilizado como fonte para se compreender o século XIX no Brasil, de título, *Sketches of Travel and Residence in Brazil*, de 1845²⁴. Ele foi um missionário metodista, segundo consta, influente nos Estados Unidos no campo religioso. Nascido em Darien, Nova York, em 1815, era filho de Selvey Kidder e Mehetabel Parish, casal cuja religião era Episcopal. Kidder se converteu à doutrina Metodista voltando de sua primeira missão, em Lima, Peru, no ano de 1833²⁵. Logo após, ingressou no Wesleyan College, instituição educacional formadora de pastores metodistas, para concluir seus estudos, formando-se em 1834²⁶.

²⁴ KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of Travel and Residence in Brazil – 2 vols.* New York: Sorin & Ball, 1845. A tradução para o português mais antiga do livro foi publicada pela editora Martins, em 1943, Cf.: KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1943.

²⁵ Sobre Kidder, Cf.: MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. *O Celeste Porvir*. São Paulo: ASTE, 1995; MENDONÇA, Antônio G. e VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, São Paulo: Loyola, 2002, LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2005 e STROBRIDGE, G. E. *The Biography of the Reverend Daniel Parish Kidder*. New York: Hunt & Eaton, 1894.

²⁶ A *Wesleyan University*, fundada em 1831, foi inicialmente uma instituição para a formação de missionários metodistas. Seu nome é uma homenagem a um dos primeiros missionários da doutrina: *John*

O pastor foi reconhecido por se preocupar em tratar de questões religiosas nos Estados Unidos, e produziu alguns livros a esse respeito²⁷. Foi secretário das *Sunday School* (Escolas Dominicais)²⁸, entre 1844 e 1856, e, ao sair do cargo, tornou-se professor do Evanston College, outra faculdade destinada à formação de pastores. Além da viagem ao Brasil, Kidder esteve no Peru, em 1833, e na Europa em 1852.

Kidder engajou-se em organizações de cunho religioso que se orientavam pela doutrina Metodista, que intensificara e expandira suas atividades a partir do *Second Great Awakening* (Segundo Grande Despertar)²⁹. A *American Bible Society* foi uma das organizações criadas a partir desse movimento religioso, onde Kidder ingressara ainda jovem³⁰. Nesse período, já havia propostas de disseminação da fé protestante nos países católicos³¹.

Wesley (1709-1791). Disponível em: <<http://www.wesleyan.edu/about/uhistory.html>>. Acesso em maio, 2012.

²⁷ Entre eles, *Mormonism and the Mormons. A Historical View of the Rise and Progress of the Sect Self Styled The Latter-Day Saints* (New York: G. Lane & P.P. Snadford, 1844); *A Treatise on Homiletics: designed to teach the true theory and practice of preaching the gospel* (New York: Phillips & Hunt, 1864, 1884) e *The Christian Pastorate: its character, responsibilities and duties* (Cincinnati: Hitchcock & Walden, 1871).

²⁸ As *Sunday Schools* eram escolas formadas pela associação de pastores e da comunidade relacionadas ao metodismo. Sua implantação acompanhou a expansão da doutrina pelos Estados Unidos. Os objetivos eram o ensino e a alfabetização para a leitura da Bíblia. Cf. STROBRIDGE, George. *Op. Cit.*, p. 95.

²⁹ O *Second Great Awakening* (1795-1859) foi um movimento que procurou reacender o fervor religioso protestante em áreas do meio-norte/nordeste do país e depois a meio-oeste. Esse movimento é considerado por alguns autores como uma reação protestante à imigração católica. Cf.: MATHEWS, Donald. "The Second Great Awakening as an organizing process, 1790-1830: An hypothesis", in: *American Quarterly*, Baltimore, vol. 21, n. 1, 1969, pp. 23-43; MARSDEN, George. *Religion and American Culture*. Nova York: Harcourt Brace College Publishers, 1990. O metodismo, nos Estados Unidos, caracterizou-se como religião protestante de mais fácil e ativa propagação, capaz de rivalizar com o avanço do catolicismo relacionado aos novos imigrantes no país, no período de expansão territorial da primeira metade do século XIX. As práticas metodistas possuíam maior informalidade do que a de outras denominações protestantes, pois não exigiam a construção de lugares sagrados ou aparatos litúrgicos. Os cultos, por exemplo, podiam ser realizados em clareiras ou acampamentos. Cf.: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Op. Cit.*, 1995, p. 35-76.

³⁰ A *American Bible Society*, fundada em 1816, tinha por objetivo a distribuição de Bíblias e evangelização protestante em áreas do interior dos Estados Unidos. A partir de meados da década de 1840, a disseminação da leitura bíblica já procurava alcançar países estrangeiros. MENDONÇA, Antônio

Daniel Parish Kidder³²

Kidder no Brasil

Kidder viajou ao Brasil, em 1838, permanecendo no país até 1840, para auxiliar o Reverendo Justus Spaulding, também metodista, no trabalho de distribuição de Bíblias. A missão dos pastores era divulgar a leitura da Bíblia e sua circulação no Rio de Janeiro. Eles obtiveram relativo resultado nessa empreitada. Com isso, Kidder realizou outras três viagens pelo Brasil às províncias de São Paulo, Bahia e Pará. Aparentemente, essas viagens não estavam previamente programadas pela missão.

Em São Paulo, Kidder procurou se aproximar de políticos locais. Seus esforços na Câmara Legislativa da província — sempre em prol da divulgação da Sagrada Escritura — foram descritos no relato de viagem de sua autoria, já mencionado, e, novamente, em *Brazil and The Brazilians*:

“A partir da ideia de distribuir algumas dúzias de Bíblias em várias escolas da cidade, fui impelido a pensar na aplicabilidade de introduzir as mesmas como

G. e VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, pp. 99-112.

³¹ O catolicismo era visto como uma religião desvirtuada em meio a rituais externos, os quais não se amparavam na Bíblia, considerada pelos protestantes como a única fonte da lei e da fé. A chegada de imigrantes católicos aos Estados Unidos permeava o imaginário de grupos protestantes nacionalistas, de maneira a fazê-los imaginar uma conspiração papista, contrária aos “valores democráticos da América”. Essa ideia incentivou a disseminação do protestantismo nos países católicos como reação. Cf.: MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Op. Cit.*, São Paulo: Aste, 1995, “apêndice 2 – O Protestantismo Americano e a Igreja Católica”, p. 76-78.

³² Imagem do autor disponível em: <<http://hd.housedivided.dickinson.edu/node/26105>>, último acesso em mar. de 2013.

livros de leitura nas escolas de toda a província. (...) Encorajado pelos agradecimentos gerais das pessoas às quais apresentei as cópias [das Bíblias] e também pelo julgamento de todos aqueles que consideraram própria a sugestão da ideia, finalmente resolvi oferecer ao Governo, de forma adequada, uma doação de Bíblias correspondente à magnitude das necessidades da província. Ele [secretário e professor catedrático da universidade] me informou que a forma apropriada de assegurar este intento seria pelos meios de uma ordem vinda da Assembleia Provincial, direcionando os professores das escolas a receberem esses livros para uso. Na manhã seguinte, cedo, ele e eu fomos propor a medida a vários membros proeminentes da Assembleia Legislativa”³³. (*Brazil and The Brazilians*, pp. 390-391).

Pela passagem, verificamos que Kidder construiu no Brasil contatos políticos. O mais importante deles foi o Padre Diogo Feijó, regente brasileiro. Kidder o considerava visionário e esclarecido. Essa consideração por Feijó pode se relacionar ao fato de que, durante o período, o padre fora um entusiasta da proposta de contração do matrimônio por parte do clero brasileiro, exposta também em *Brazil and The Brazilians*. Kidder era favorável a essa proposta polêmica, por acreditar que um dos maiores problemas brasileiros se relacionava à imoralidade do clero, consequência direta das obrigações do celibato clerical³⁴.

³³ “From the idea of distributing a couple of dozen of Testaments in several schools of the city, I was led to think of the practicability of introducing the same as reading books in the schools of the whole province. (...) Encouraged by the uniform thankfulness of those individuals to whom I presented copies [of the testament], and also by the judgment of all whom I had thought proper to suggest the idea, I had finally resolved to offer to the Government, in some approved form, a donation of Testaments corresponding in magnitude to the wants of the province. (...) He [] informed me that the proper method of securing the object would be by means of an order from the Provincial Assembly, (if that body should see fit to pass one) directing the teachers of schools to receive said books for use. Early next morning he called with me to propose the subject to various prominent members of the Legislative Assembly”.

³⁴ Cf.: LÉONARD, Émile. *O Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995, p. 50.

Kidder e os encargos missionários nos Estados Unidos

Kidder regressou aos Estados Unidos, em 1840, para trabalhos na Paróquia de Patterson, Nova Jersey. Em 1844, após a Conferência Geral Metodista em Nova York³⁵, o pastor foi nomeado editor das publicações das *Sunday Schools*, designado para ampliar e melhorar as publicações da escola. O reverendo permaneceu neste cargo até 1856, realizando profundas estruturações nessa instituição e teve a oportunidade de conhecer o funcionamento dessas escolas pelo território norte-americano³⁶.

Nesse período, Kidder escreveu “*Sketches of Travel and Residence in Brazil – 2 vols*”, publicado, como mencionado, em 1845. Os tomos relatavam tanto a viagem ao Rio de Janeiro e a São Paulo como às províncias do norte e nordeste do Brasil, sendo um dos primeiros missionários protestantes a visitar Belém - Pará. O autor construiu no livro uma imagem do Império e do período crítico que o mesmo atravessava – o da Regência – apontando problemas como o desequilíbrio das contas do governo e a organização social em torno da escravidão, além de conceber a Igreja Católica, em geral, como uma instituição corrupta³⁷. O livro teve grande repercussão nos Estados

³⁵ Essa Conferência ficou conhecida pela cisão de opiniões sobre a questão da escravidão. O metodismo tinha, arraigado em sua doutrina, um posicionamento antiescravagista e abolicionista. As incursões da doutrina ao sul dos Estados Unidos, sobretudo após a Revolta escrava de Nat Turner (1835), geravam tensões e conflitos, tanto com escravocratas que se opunham ao metodismo como conflitos internos, entre os missionários, que oscilavam entre o temor por suas vidas e o posicionamento abolicionista. Nisso, os metodistas do norte, dentre os quais Kidder, não cederam em suas crenças originais, enquanto que os metodistas do sul decidiram romper com a doutrina, e procuraram se desvincular, sobretudo, da forte ligação entre metodismo e abolicionismo. Cf.: MATHEWS, Donald G. *Slavery and Methodism: A Chapter in American History (1780-1845)*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

³⁶ STROBRIGDE, G. E., *Op. Cit.*, p. 169.

³⁷ Ainda sobre as ideias de Kidder sobre o Brasil, Cf.: FERREIRA, Valdinei Aparecido. *Protestantismo e Modernidade no Brasil*. Tese de doutoramento apresentada ao departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo), pp. 180-188.

Unidos e é utilizado como fonte de informações para pesquisas sobre o Brasil até hoje, e foi traduzido para português na década de 1940, pela editora Martins.

Brazil and The Brazilians foi considerado por alguns historiadores protestantes como uma espécie de “atualização” do *Sketches of Travel and Residence in Brazil*, de Kidder. Sob meu ponto de vista, essa afirmação é questionável: aparenta ser uma desqualificação do trabalho do outro autor, James Cooley Fletcher, pois, ainda que o último também fosse pastor protestante, mostrava-se menos afeito às normas da religião, o que o desfavorecia na percepção desses estudiosos. Kidder continuou a trabalhar no campo da educação e da evangelização até o ano de sua morte, 1891. Veremos que o envolvimento de Kidder com a religião era dominante, o que não acontecia com o outro autor do livro, objeto de minha pesquisa.

1.1.2 James Cooley Fletcher

James Cooley Fletcher era filho do banqueiro e filantropo abolicionista Calvin Fletcher e de Sarah Hill, casal importante da sociedade do estado de Indiana. Nasceu em 1823, em *Indianapolis*. Ele recebeu educação modelar: estudou em *Brown University*, em 1846; cursou, em seguida, dois anos de Teologia no *Princeton Theological Seminary*³⁸. Para completar sua formação, ele viajou para a Europa onde aperfeiçoou seus estudos em francês em Paris, França, e Genebra, Suíça. Os historiadores que recuperaram a sua trajetória lembram que era desejo de Fletcher partir em missão para o

³⁸ Embora presbiteriano, Fletcher estudou em universidades com orientações religiosas distintas. A Brown University, de orientação batista, fundada em 1764, em Warren, sob o nome de Faculdade de Rhode Island. Em 1770, a instituição mudou para o local atual, College Hill, Providence. Em 1804, em reconhecimento de uma doação de Nicholas Brown, a faculdade ganhou o nome atual. Disponível em: <<http://www.brown.edu/web/about/history>>. Acesso em maio, 2012. O *Princeton Theological Seminary*, fundado em 1812, foi o primeiro seminário da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana. No século XIX, ele foi um centro de formação para pastores presbiterianos tanto para o território norte-americano como para missionário. Disponível em: <http://www3.ptsem.edu/intContent.aspx?id=1264&menu_id=67>. Acesso em maio, 2012.

Haiti, e, portanto, o estudo de língua francesa era um dos requisitos para essa empreitada. Em Genebra, Fletcher se casou com Henriette Malan, filha do pastor Cesar Malan, ministro calvinista³⁹.

James Cooley Fletcher⁴⁰

Fletcher e o Brasil

James Cooley Fletcher fez muitas viagens ao Brasil, o que dificulta definir a data exata de cada uma delas. As indicações obtidas circunscrevem uma primeira estada pelo período de três anos, entre 1850 e 1853, uma segunda viagem no ano de 1855. Nos dez anos seguintes, temos notícias de que Fletcher esteve no país por outras três ocasiões. Em uma delas, em 1865, ele esteve no Amazonas com a incumbência de coletar espécimes de peixes do rio para o famoso cientista Louis Agassiz (1807-1873)⁴¹.

No início da década de 1850, Fletcher envolveu-se nos projetos da *American Bible Society* e passou a atuar também na *American's Seamen Friend Society*, organização voltada à conversão e moralização dos marinheiros⁴². Designado capelão

³⁹Cf.: JAMES, David. *D. Pedro II e os amigos da Nova Inglaterra*. Anais do Museu Imperial. Petrópolis: Ministério da Saúde e Educação, 1952, p. 10 e VIEIRA, David Gueiros, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1980, p. 61.

⁴⁰ Imagem disponível em http://search.ancestry.com/cgi-bin/sse.dll?gl=ROOT_CATEGORY&rank=1&new=1&so=3&MSAV=1&msT=1&gss=ms_r_f-2_s&gsfn=James+Cooley&gsln=Fletcher&msbdy=1823&msbpn_ftp=Indianapolis%2c+Indiana%2c+USA&msddy=1901&msdpn_ftp=Los+Angeles%2c+California%2c+USA&cpxt=0&catBucket=p&uidh=000&cp=0, acesso em mar. de 2013.

⁴¹Sobre as pesquisas de Agassiz no Brasil, ver: MACHADO, Maria Helena P. T. “A Ciência Norte-Americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo ‘degeneracionista’”. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, set./nov. 2007 e da mesma autora: *Travels and Science in Brazil*” *ReVista – The Harvard Review of Latin America*, Cambridge, v. 8, n. 3, mar-may, 2009, p. 34-40,

da última, partiu, em 1850, para o Brasil com esposa e filho, para verificar o potencial da atividade missionária no país, atuando no porto do Rio de Janeiro, junto aos marinheiros norte-americanos ali presentes. Aqui se inicia o período de permanência mais longo do autor no Brasil.

Pela apuração de um dos historiadores do protestantismo no Brasil, David Gueiros Vieira, Fletcher, para exercer o seu trabalho evangelizador no País, ingressou primeiro como Capelão da Legação Americana, constando nos quadros diplomáticos como “Adido”, provavelmente graças a sua condição de religioso⁴³. A partir de então, como veremos, Fletcher aos poucos passou a diminuir a sua ação missionária, voltando-se, também aos poucos, para os negócios e contatos políticos.

O autor tornou-se Secretário do Consulado Norte Americano no Brasil, trabalhando ao lado de Edward Kent (1802-1877), e substituindo Ferdinand Coxe, antigo secretário. Kent era também cônsul interino na ausência de Robert Schenk (1809-1890). Foi assim que Fletcher passou a conviver com membros da elite da sociedade brasileira, funcionários graduados norte-americanos no País e outros estrangeiros no Brasil. Nessa função, ele teve acesso às tramitações políticas e acordos comerciais que o cargo permitia.

⁴²A *American Seamen's Friend Society* foi criada em 1818 por religiosos protestantes engajados também no Segundo Grande Despertar. O objetivo central era converter e defender uma maior moralidade entre as populações marinheiras, ver: CONWAY, Molly. “*African Americans in antebellum Boston: A study of boardinghouses for 'free colored Seaman' in antebellum Boston*”. Disponível em: <<http://www.primaryresearch.org/bh/research/conway/index.php>>. Acesso em out., 2012 e HOVDE, David. *Sea Colportage. The loan library system of the American Seamen's Friend Society 1859-1967*, *Libraries & Culture*, Austin: v. 29, n. 4, aug-oct, 1994, p. 389-414.

⁴³ David Vieira acredita que o trabalho na Secretária do consulado dos Estados Unidos era uma forma do governo norte-americano facilitar a entrada de missionários protestantes em solo brasileiro e zelar pela integridade de seus cidadãos. Isso porque o Padroado, por existir como lei garantidora de tutela do Estado Nacional Brasileiro para com a Igreja Católica, poderia seria um possível mecanismo jurídico passível de uso na extradição de missionários protestantes. Cf.: VIEIRA, *Op. Cit.*, p. 63, e FEITOSA, Pedro Barbosa de Souza. “‘Que venha o Teu Reino’: estratégias missionárias para a inserção do protestantismo na sociedade monárquica (1851–1874). 2012. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012, pp 13-21.

O Rio de Janeiro, além de capital política do Império, era ponto de paragem para navios de diversas nacionalidades, onde era possível realizar o suprimento e o conserto de embarcações em viagens de longo curso. Após a descoberta do ouro na Califórnia, em 1848, a passagem de norte-americanos pelo Rio cresceu consideravelmente. Os navios daquele país atracavam no Rio de Janeiro antes de atravessar o Cabo Horn e alcançar a costa oeste da América do Norte⁴⁴.

Na época, a Califórnia era território recém-anexado pelos Estados Unidos, após a Guerra contra o México (1846-1848), conflito após o qual o país latino-americano perdeu metade de seu território, inclusive a própria Califórnia. Apesar das dificuldades, era mais fácil chegar lá por mar do que por terra. Em carta a seu pai, Fletcher mencionou sobre os viajantes que se dirigiam para aquelas paragens:

“Aqui [num barco para a Califórnia] você vê aquele senhor idoso, que largou uma fazenda em alguma região do norte para ir para o jovem e distante estado. (...) Sentadas perto de mim estavam algumas mulheres do condado de Duchess, cujas crianças, por estarem tanto tempo a bordo, sentiam-se como os primeiros cruzados a alcançarem Bizâncio, e perguntariam ‘Isto não é Jerusalém?’ — e então os pequeninos sentem, se é que não dizem — ‘Isto é a Califórnia’⁴⁵.

Fletcher era cético a respeito do esforço para se chegar à região pouco povoada. No entanto, o importante a ressaltar aqui é o trânsito de norte-americanos pelo Atlântico e Pacífico e a importância do porto do Rio de Janeiro como ponto de paragem e de descanso para aqueles viajantes. Ironia ou não, Fletcher faleceu em 1901, exatamente em Los Angeles, Califórnia.

⁴⁴ Sobre a importância do porto do Rio de Janeiro e da cidade para o apoio à navegação, ver: MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O Olhar Britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 e HUTTER, Lucy Maffei. *Navegação nos Séculos XVII e XVIII: Destino, Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

⁴⁵ Citado por JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 24. Carta de J. C. Fletcher a C. Fletcher, 28.07.1852.

A atividade no Consulado fez com que Fletcher se envolvesse com o âmbito dos negócios e parece ter despertado nele o entusiasmo por intercâmbios e acordos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. Tais possibilidades foram incrementadas também em razão dos seus contatos com membros da elite brasileira. Assim, ele passou também a trabalhar para um “melhor diálogo entre as duas nações”. Em outras palavras, os objetivos pessoais de Fletcher foram se alterando: de pastor protestante, voltado para trabalhos de assistência religiosa, para um influente promotor das relações entre Estados Unidos e Brasil.

O declínio da atividade missionária na vida de Fletcher pode ser avaliado em razão de algumas escolhas profissionais que fez: por exemplo, em 1852, ele se tornou correspondente no Brasil do *Journal of Commerce of New York*, periódico norte-americano para o qual escreveu vários artigos a respeito da situação política no Brasil. Seus artigos defenderam uma abertura dos Estados Unidos em favor de um diálogo mais simétrico com o Brasil⁴⁶. Assim, Fletcher atuou em várias frentes: primeiro, como religioso, depois, como Secretário do Consulado e, por fim, como correspondente de um jornal norte-americano no Brasil. Essa trajetória aponta que o autor de *Brazil and The Brazilians*, aos poucos, envolvia-se no mundo dos negócios e da política.

Todavia, a carreira de Fletcher como Secretário de Legação no Consulado norte-americano no Brasil teve vida curta. Com a saída de Kent e de Schenk, entrou em cena outro cônsul, o ex-oficial do exército norte-americano que havia servido na Guerra com o México: William Trousdale (1790-1872). O autor indispôs-se com esse novo cônsul, “por acreditar que o Brasil mereceria uma representação melhor dos Estados Unidos na

⁴⁶ Cf.: VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 62.

intermediação de diálogos”⁴⁷. As críticas de Fletcher ao novo cônsul foram duras, calcavam-se naquilo que ele via como inabilidade do diplomata em estabelecer acordos⁴⁸. Esses desentendimentos fizeram-no deixar o cargo em 1853. Novamente em carta a seu pai, citada por David Gueiros Vieira, ele referiu-se da seguinte forma a Trousdale: “[Ele] é o palhaço de toda a corte, do corpo diplomático e de seus próprios patrícios. É um homem que não pede conselho a ninguém e não toma conselho de ninguém que tente dar-lho”⁴⁹. Em razão dessas desavenças, Fletcher deixou o Consulado, mas estreitou laços com os membros da elite política brasileira.

Pode-se depreender, com o exposto, que o envolvimento de Fletcher com o Brasil e com os brasileiros ultrapassava, e muito, a anterior atuação de Kidder no país. Enquanto Kidder centrou suas ações no trabalho missionário, Fletcher deslocou seu interesse da religião para política e para as negociações diplomáticas.

Crítica dos missionários às atividades de Fletcher

Para os missionários protestantes norte-americanos que estiveram no Brasil entre o fim da década de 1850 e o início de 1860, a atuação mundana de Fletcher, além de surpreendente, mostrava-se desvinculada de qualquer ação evangelizadora. Ao contrário

⁴⁷ Cf.: GONÇALVES, Bruno Rosi. *A Atuação de Missionários Protestantes na Construção das Relações Internacionais entre Brasil e Estados Unidos*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro. 2009 (mimeo), p. 151.

⁴⁸ Os acordos que buscavam estabelecer aproximações entre Estados Unidos e Brasil, nos idos de 1850, diziam respeito, basicamente, à navegabilidade dos grandes rios da América do Sul, o Prata e o Amazonas. Aos Estados Unidos interessava a abertura desses rios à navegação comercial, o que era negado pelo Brasil. Robert Schenck, cônsul entre 1850 e 1853, tentava negociações tanto com o Brasil como com a Argentina, obtendo maiores avanços nas negociações com a última. Cf.: VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 63; GONÇALVES, Bruno Rosi. *Op. Cit.*, pp.100-102 e 105-110.

⁴⁹ Citado de VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 61.

de Kidder, Fletcher foi alvo de muitas críticas públicas por parte de seus colegas religiosos⁵⁰.

As acusações feitas a Fletcher partiam de três pastores presbiterianos: Richard Holden (1828-1886), Alexander Blackford (1829-1890) e Ashbel Simonton (1833-1867)⁵¹. Os três estiveram em missão em diversas regiões do Brasil e registraram impressões bastante diferentes das relatadas por Fletcher.

Simonton, por exemplo, sentia insegurança em se distanciar da capital, dado que no interior, “as leis eram muitas vezes esquecidas ou ignoradas pelas autoridades locais”⁵². Ele chegara ao Brasil em 1859, por intermédio do próprio Fletcher. Em 1863, ele escreveu uma carta contundente, denunciando as atitudes do pastor, acusando-o de “mundanismo”. A um colega nos Estados Unidos, ele descreveu Fletcher como um “estorvo religioso (...) que deveria ser afastado”⁵³.

Seus outros colegas, Holden e Blackford, expressavam opiniões semelhantes e relataram que escreveram a Fletcher uma carta, lembrando-lhe do papel missionário.⁵⁴ Essas críticas foram posteriores à primeira publicação de *Brazil and The Brazilians*, mas, já eram correntes nos Estados Unidos antes das acusações dos missionários

⁵⁰ Existia na época um forte debate entre as formas de missionação norte-americana protestante em outros países. Chegavam às instâncias coordenadoras dessas ações como a *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, na década de 1850, acusações que mencionavam o fato de filhos de pessoas estabelecidas tornarem-se pastores missionários apenas para alcançarem cargos públicos. Em meio a essas críticas, a associação tomou uma postura dogmática, que desvinculava, das missões qualquer aspecto civilizatório mais material imbuído nesse projeto. Cf.: HARRIS, Paul. “Denominationalism and Democracy: Ecclesial Issues Underlined Rufus Anderson’s Three Self Program”. SHENK, Wilbur. *North American Foreign Missions, 1810-1914: Theology, Theory and Policy*. William Eersmann, 2004, pp. 75-88.

⁵¹ Ver: VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*; MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Op. Cit.*

⁵² Carta de Ashbel Simonton a John Wilson. Rio, 9.03.1860, Citado de VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.*, p. 138.

⁵³ Carta de Ashbel Simonton a J. C. Lowrie. Rio, 05.11.1863, Citado de VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.*, p. 161.

⁵⁴ VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.*, p. 161.

citados. Em 1862, Fletcher respondeu publicamente, em nota do *Journal of Commerce*, às críticas que recebia:

“Sei que alguns podem dizer que não é do papel de um clérigo missionário estar se envolvendo com negócios. Mas creio que tenho uma visão mais alta do que o mero interesse mercantil do meu país, pois sou dos tais que creem que a religião e o comércio são servos que, unidos com a bênção de Deus, servem para a promoção dos interesses mais nobres e mais altos da humanidade”⁵⁵.

Para Fletcher, não havia conflito entre religião e comércio, religião e política. É possível observar que o debate sobre o papel do religioso protestante em outro país instaurou-se entre os missionários na época. Note-se que o próprio Kidder, o outro autor de *Brazil and The Brazilians*, em sua estada no Brasil, desenvolveu contatos políticos bastante importantes e proeminentes; mas, que não chegaram a ser alvo de tantas críticas, a ponto dele ser rechaçado por seus próprios companheiros. Os vínculos de Kidder com políticos locais estavam sempre vinculados com a ação religiosa: ele esteve na Assembleia Legislativa de São Paulo, mas exclusivamente para incentivar a leitura da Bíblia no país. Definitivamente, esse não foi o caso de James Cooley Fletcher.

O esforço para o estreitamento das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Inicialmente, a forma que Fletcher encontrou para intensificar o contato entre as duas nações foi a realização de duas exposições: uma no Brasil, sobre os Estados Unidos e outra, nos Estados Unidos, sobre o Brasil. Com esse objetivo em mente, ele se mostrou um hábil articulador, interessado em estreitar as relações entre os dois países, principalmente, no que dizia respeito ao comércio e ao intercâmbio cultural.

⁵⁵ JOURNAL OF COMMERCE, New York, 06.09.1862, Citado de VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 65.

Ele relatou, em *Brazil and The Brazilians*, seus esforços para a organização dessa exposição⁵⁶. Para Fletcher, existia um relativo descaso por parte do governo norte-americano para com o governo brasileiro. Ao perceber essa desatenção, ele resolveu partir para a iniciativa “privada” para que o evento pudesse, enfim, ser realizado.

Fletcher colocou diversos anúncios em jornais, pedindo o auxílio dos leitores, para que enviassem qualquer artigo manufaturado ou publicação que apresentasse os Estados Unidos ao Brasil. O material recolhido por ele seria presenteado, depois da exposição, ao Imperador brasileiro, D. Pedro II. Fletcher conseguiu, por meio dos anúncios, uma variedade considerável de objetos para essa exposição que aconteceu no Museu Nacional, em 1855.

O *New York Times* mencionou, em nota, a exposição no Rio de Janeiro. Entre os itens que chamaram a atenção estavam os livros da editora Appleton, como *Republican Court* e *Queens of England*, os mapas de J.H. Colton (o mesmo que desenhou dois mapas incluídos em *Brazil and The Brazilians*), litografias de Spearing & Stulzman e gravuras variadas. Além disso, foram apresentados produtos como couro e sapatos norte-americanos⁵⁷. A exposição foi um momento em que Fletcher conseguiu vislumbrar possibilidades reais para seu intento de aproximação entre Brasil e Estados Unidos. Em suas palavras:

“Eu estava muito feliz pela oportunidade de explicar meus planos a tal grupo de cavalheiros, e encontrar neles as maiores simpatias: expressavam livremente seus desejos de ver os Estados Unidos e o Brasil mais proximamente unidos.

⁵⁶ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, pp. 237-246.

⁵⁷ Cf.: NEW YORK Times, New York , june, 28, 1855 , “*Exibition of American Manufacturers in Brazil*”, e DIÁRIO DO Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 17 de maio, 1855 “Notas”, p. 2.

Esses avanços foram retratados pela imprensa, e os meus motivos foram mais amplamente conhecidos pela sociedade” (*Brazil and The Brazilians*, p. 246)⁵⁸.

Após esse evento, o autor estreitou ainda mais contatos com políticos e entusiastas da indústria no Brasil, além de pensadores e cientistas, concentrados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Os contatos com essa elite foram bastante importantes para a construção do livro⁵⁹.

Assim, aos poucos, o desejo de Fletcher de aproximar as duas nações o transformou num “divulgador” do Brasil nos Estados Unidos, iniciativa que agradou Dom Pedro II em poder ter naquele país um influente e destacado defensor, numa tentativa de neutralizar aqueles que se indispunham contra o Brasil e contra o Império.

Fletcher e o Imperador

Pouco antes de iniciar a escrita de *Brazil and The Brazilians*, em 1855, Fletcher intensificou contatos com o Imperador do Brasil, D. Pedro II. Esse era um objetivo já idealizado anteriormente. Ele conhecera o Imperador em 1852, mas, só a partir da exposição realizada no Museu Nacional, obtivera possibilidades de um diálogo mais efetivo.⁶⁰ A bibliografia encontrada sobre Fletcher, menciona que Dom Pedro II exercia um fascínio considerável na imaginação do autor. Essa admiração derivava, em grande

⁵⁸ “*I was very glad to have the opportunity of explaining my plans to such a body of gentlemen, and found them most sympathetic: they freely expressed their desire to see the United States and Brazil more closely united. These remarks were reported for the press, and my motives were thus more widely made known to the people*”.

⁵⁹ O Instituto Histórico e Geográfico é mencionado nos agradecimentos do livro analisado.

⁶⁰ Esse encontro se deu quando da visita do imperador ao vapor norte-americano *City of Pittsburg*, no Rio de Janeiro. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, pp. 234-237.

parte, do amor que o último tinha pela “ciência e pela técnica, bem como sua grande erudição e conhecimento da literatura norte-americana”⁶¹.

Aos poucos, Fletcher se aproximava de D. Pedro II. Tais vínculos foram confirmados por nós por meio de cartas, encontradas no Museu Imperial. Essa correspondência foi publicada pelo próprio Museu e reúne cartas trocadas entre Fletcher e o Imperador e entre este e pensadores e escritores norte-americanos⁶². Elas nos ajudam a compreender melhor os contextos e as formas de estabelecimento de contatos entre Brasil e Estados Unidos, bem como os posicionamentos de Fletcher sobre a aproximação entre os dois países.

O teor da maioria dessas cartas mostra como se formaram os vínculos entre o Imperador e a intelectualidade norte-americana por intermédio de Fletcher. Destacam-se os poetas de Cambridge, Massachusetts, como Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882) e John Greenlief Whittier (1807-1892); além de outros pensadores e cientistas dos mais diversos campos⁶³. O estreitamento desses deu-se após a primeira publicação de *Brazil and Brazilians*, a partir da década de 1860.

Numa das correspondências entre Fletcher e o monarca, era mencionado o envio da sexta edição do livro *Brazil and The Brazilians*, publicada em 1866, com votos de Fletcher para que o Imperador apreciasse o texto e encarasse as “eventuais críticas” como construtivas, cujas manifestações demonstravam a fiel lealdade do autor:

“Senhor,
Tenho a honra de lhe oferecer a sexta edição de “The Brazil and the Brazilians”.
O prefácio indica onde as novas informações podem ser encontradas.

⁶¹ Idem, p. 235.

⁶² Cf.: JAMES, David. *Op. cit.*, p. 25. e VIEIRA, David Gueiros, *Op. cit.*, pp. 64-65. James refere-se ao círculo intelectual que Fletcher freqüentava nos Estados Unidos como *New Athens*.

⁶³ Cf.: JAMES, David, *Op. Cit.*, p. 55-56. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II, Rio de Janeiro, 05.09.1864 doc. 6586, Museu Imperial.

Vossa Majestade encontrará em mim um amigo sincero do Brasil, e, se no capítulo conclusivo, parecer que falo de algum modo severo sobre as carências e deficiências dos brasileiros, faço-o segundo o princípio de Salomão: ‘Leais são as feridas deixadas pelos amigos, os beijos dos inimigos são enganadores’.

(...)

Do mais obediente e humilde servo e admirador de Vossa Majestade,
J. C. Fletcher”⁶⁴.

Embora o livro *Brazil and The Brazilians* apresentasse uma imagem positiva sobre o Império, os autores não se furtaram a criticar alguns aspectos do país. Contudo, como já indicado, as impressões sobre o governo são predominantemente positivas e tinham como intuito revelar ao leitor norte-americano aspectos do funcionamento das instituições e da sociedade brasileira. Nos próximos capítulos, será observado que enquanto o Império de Dom Pedro II era valorizado, nem sempre o mesmo ocorria com relação à sociedade brasileira. O excerto acima revela, por outro lado, que Fletcher preocupava-se em como o imperador receberia determinadas críticas.

Entre os assuntos discutidos nas cartas, Fletcher fez diversos comentários sobre a política de ambos os países. Ele escreveu, por exemplo, um bilhete comentando o fim da Guerra de Secessão:

“Senhor,
O “San Roman”, um vapor inglês, acabou de chegar com notícias de 23 de abril.
(...) O Presidente Johnson tem toda a confiança da nação. (...) [As fortificações]
Mobile e Selma, no Alabama, caíram e o Capitão do “San Roman” me diz que a
Guerra é terminada.
Em grande urgência,

⁶⁴ Cf.: JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 145. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6818, New York, 21.nov. 1866. “Sire, I have the honor to offer to Your Majesty the sixth edition of “Brazil and The Brazilians”. The Preface indicates where new additions may be found. Your Majesty will find that I am a sincere friend to Brazil, and if in the concluding chapter I speak somewhat severely of faults and deficiencies of the Brazilians its on the principle of Solomon: ‘Faithful are the wounds of a friend, but the kisses of an enemy are deceitful’ (...) I am Your Majesty’s most obedient servant and admirer, J. C. Fletcher”.

Do humilde servo de Vossa Majestade,
J. C. Fletcher”⁶⁵.

Esse excerto aponta que, provavelmente, Fletcher tornou-se um importante contato para D. Pedro II nos Estados Unidos. Outro indício da “leal amizade” de Fletcher para com o Brasil, e para com o Imperador, veio com a Guerra do Paraguai (1864-1870). Pelo fato das informações jornalísticas que chegavam aos Estados Unidos serem muito desencontradas, ou inexistentes, era custoso aos norte-americanos entenderem os motivos da Guerra. Fletcher procurou esclarecer as causas do conflito com o Paraguai posicionando-se favoravelmente à causa brasileira na imprensa norte-americana.⁶⁶ Isso pode ser percebido nas cartas trocadas entre o autor e o Imperador, quando, por exemplo, ele criticou a posição de parte da imprensa norte-americana sobre o evento:

“Senhor,
(...) Nós ficamos contentes ao ver o progresso feito pelo exército de Vossa Majestade contra o déspota do Paraguai, e não temos dúvida de que a causa do Brasil – causa da justiça e da civilização – vá triunfar, e esperamos que a bandeira dourada e verde flameje agora triunfante em Humaitá. Como em nossa Guerra Civil, nós éramos constantemente mal representados em nossos

⁶⁵ Idem, p. 78. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6635, Rio de Janeiro, 24.05.1865. “*Sire, The ‘San Roman’, an English Steamer, has just arrived with de date to the 23d of April. (...) President Johnson has the whole confidence of the people. (...) Mobile and Selma, Alabama have fallen, and the Captain of the ‘San Roman’ tells me that the war is finished. In great haste. Your Majesty’s humble servant, J. C. Fletcher*”. Mobile e Selma eram cidades às margens do rio Alabama, estado do mesmo nome, que se tornaram bases militares de confederados durante a Guerra Civil norte-americana. Selma tinha sua importância estratégica reconhecida por jornais nortistas que apontavam a cidade como ponto de reabastecimento de víveres, de combustível e de munições, além de ponto de entroncamento de várias linhas férreas e de comunicação entre sul e norte. Mobile também abrigava fortificações da Marinha confederada, reconhecidas por seus grandes navios. Cf.: “IMPORTANT from Alabama. The City of Selma--Its Great Military Importance to the Rebels--Its Manufactures of War Material, Clothing, Salt, &c.--Description by a Resident of the Place”. *New York Times*: New York, April, 5th, 1864. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1864/04/05/news/important-alabama-city-selma-its-great-military-importance-rebels-its.html?pagewanted=all>>, Acesso em out. 2012.

⁶⁶ Cf.: JAMES, David, *Op. Cit.*, p. 130.

posicionamentos pelos ingleses; da mesma forma, temos alguns poucos, muito poucos, que simpatizam com o Paraguai, mas eu tenho estado em alerta, desde o começo das hostilidades, para levar ao público o esclarecimento devido, em relação às informações de alguns de nossos periódicos”⁶⁷.

A passagem revela que o autor se tornou um importante defensor das questões da política externa brasileira nos Estados Unidos, tentando desfazer “possíveis incompreensões” dos norte-americanos sobre o Brasil, ocasionadas pela ausência de comunicação entre os países, o que certamente agradava Dom Pedro II. Com isso, Fletcher ajudava a divulgar outra imagem do Brasil naquele país, o que certamente era estimulado pelo Imperador. Fletcher difundia tal imagem também nos jornais do período:

“Senhor,
Anexados, eu envio a Vossa Majestade três artigos que escrevi ou que incentivei a escrever [sobre o Brasil] em três dos grandes jornais de Nova York: o Evening Post, o Tribune e o Express. Eles possuem três visões políticas distintas e irão, portanto, alcançar vários milhares de pessoas de Nova York à Califórnia”⁶⁸.

Reitero que, se interessava a Fletcher os vínculos entre Estados Unidos e Brasil, certamente interessava a D. Pedro II ter no país estrangeiro, um homem que interviesse

⁶⁷ Ibidem. Carta de J. C. Fletcher a Dom Pedro II, Doc. 6818. Newportbury, Massachussets, 20.07.1866. “*We have been delighted to see the progress made by Your Majesty’s army against the Despot of Paraguay, and have no doubt that the cause of Brazil – the cause of justice and civilization – will triumph, and hope that the golden green flag now floats triumphantly at Humaitá – As in our civil war we were constantly misrepresented by the Englishmen, so we have a few, a very few, who sympathize with Paraguay, but I have been on the alert from the beginning of the hostilities to set the public right through the means of some of our journals*”.

⁶⁸ Idem, p. 184. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6914. New York, 23.05.1868. “*Sire, enclosed I send Your Majesty three articles which I wrote or caused to be written of our leading journals in New York, namely the Evening Post, the Tribune, and the Express. They are of different political views, and will therefore reach many thousand of people from New York to California*”.

na imprensa e nas instituições norte-americanas em favor do Brasil. Fletcher manteve correspondência com D. Pedro II até 1879.

Os esforços dele para aproximação entre Brasil e Estados Unidos só aumentaram. Isso parece estar relacionado ao crescente envolvimento de Fletcher na diplomacia norte-americana já nos Estados Unidos. A partir de 1865, temos indícios que Fletcher atuava junto à Secretaria de Estado norte-americana. Há comentários à política externa determinada por William Seward (1801-1872), Secretário de Estado dos governos de Abraham Lincoln (1809-1865) e de Andrew Johnson (1808-1875). Fletcher mostrava-se crítico a política externa norte-americana nessas correspondências⁶⁹.

A influência de Fletcher nos meios diplomáticos nos Estados Unidos lhe valeu, em 1869, a nomeação como embaixador norte-americano em Portugal⁷⁰. As atividades diplomáticas de nosso autor continuaram em Lisboa, Londres e Nápoles. Na cidade italiana, ele permaneceu dezessete anos. Há relatos de que numa viagem de D. Pedro II à Europa, o monarca encontrou-se com Fletcher em Lisboa. Como já mencionado, ele faleceu em 1901, em Los Angeles, Estados Unidos⁷¹. A trajetória de Fletcher é marcada pelo arrefecimento do seu trabalho como missionário em prol do serviço diplomático do seu país, dos acordos comerciais e da iniciativa privada.

Os vínculos entre D. Pedro II e a intelectualidade norte-americana destacam aquilo que José Murilo de Carvalho apontou sobre Fletcher, considerando-o como

⁶⁹ William Seward (1801-1872), republicano abolicionista, atuou, sobretudo, no período inicial da reconstrução. Seu posicionamento com relação à política externa era bastante agressivo, intentando a continuação da política norte-americana de anexações de territórios. Sobre isso ver: HORNE, Gerald. *O sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁷⁰ Cf.: VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.*, p. 112.

⁷¹ Obituário do *New York Times*, oct, 24, 1901. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9504E2D61E38E733A25757C2A9629C946097D6CF&scp=18&sq=Rev.+J.+C.+Fletcher&st=p>>, Acesso em 12, jun., 2009.

“cupido entre D. Pedro II e os Estados Unidos”⁷². Isso reafirma sua importância na formação de um círculo de amizades norte-americanas do Imperador. Os registros também fornecem material para pensar a atuação de Fletcher como uma mediação entre parte da elite brasileira e da intelectualidade norte-americana⁷³.

Outros Vínculos de Fletcher no Brasil

Além da amizade com o monarca, Fletcher travou outras amizades no campo político brasileiro, sobretudo após a publicação de *Brazil and the Brazilians*. O fato do autor, em 1862, ter recebido o título de membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é um indício da amplitude de seus contatos com a elite política e intelectual brasileira⁷⁴.

Fletcher era simpatizante de muitos liberais, defensores de causas abolicionistas na Câmara, que foram inclusive citados em *Brazil and The Brazilians*⁷⁵. Ele procurava trazer materiais que aprofundassem os conhecimentos dos políticos brasileiros sobre o tema, com produções literárias e estudos históricos abordando questões sobre o negro e sobre o abolicionismo. Em carta a Dom Pedro II, foi mencionada a tradução de *The Cry of The Lost Soul*, do poeta abolicionista norte-americano John Whittier (1807-1892)⁷⁶. David Gueiros Vieira apontou que, em 1865, havia notícias de que Fletcher distribuía

⁷² Cf.: CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 112.

⁷³ Os trabalhos de Gabriela Pellegrino Soares forneceram subsídios para pensar a posição de Fletcher como um possível “mediador cultural”. Ver: SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear Horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007.

⁷⁴ Cf.: REVISTA DO Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, tomo XXV, 1862, p. 692-695.

⁷⁵ Entre outros, Fletcher cita o Senador Nicolau Vergueiro, Antônio Carlos Andrada e Rafael Tobias de Aguiar. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, cap. XXI. Sobre o posicionamento liberal desses políticos, ver: DOLHNNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial*. Rio de Janeiro: Globo, 1999.

⁷⁶ Cf.: JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 51. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. *Exchange Hotel*, Rua Direita, 27.07.1864, doc. 6586, Museu Imperial.

livros considerados antiescravagistas aos brasileiros, como a obra de George Livermore, *An historical reaseach respecting the opinion of the founders of Republic, on negroes as slaves, as citizens and as soldiers*⁷⁷. Dentre os amigos de Fletcher na época, estavam o Ministro Plenipotenciário do Brasil nos Estados Unidos, Joaquim Maria Nascente de Azambuja e o deputado liberal Luiz Pedreira Couto Ferraz (1818-1886)⁷⁸.

Todavia, a principal amizade e mais frutífera do autor, em termos políticos, seria o deputado liberal pernambucano Aureliano Tavares Bastos (1839-1875)⁷⁹. O político brasileiro acompanhava os trabalhos do norte-americano desde os artigos publicados em 1853, sobre a questão da abertura do Amazonas à navegação internacional. Bastos tornou-se promotor da causa de abertura da navegabilidade do Amazonas e era, também, defensor da liberdade e abertura de culto no Brasil, facilitando a entrada de outros missionários protestantes no País. Ele entendia tais medidas como necessárias para o Império adentrar ao “progresso”⁸⁰.

Fletcher auxiliou Bastos e Azambuja nos projetos que envolveram os Estados Unidos e o Brasil na implantação de um vapor entre Rio de Janeiro e Nova York⁸¹. Sua

⁷⁷ LIVERMORE, George. *An historical Research respecting the Opinion of the Founders of Republic, on Negroes as slaves, as Citizens and as Soldiers*. Boston: Wilson & Son, 1862.

⁷⁸ Cf.: VIEIRA, David Gueiros. *Op. Cit.*, p. 92.

⁷⁹ Idem, p. 94.

⁸⁰ Bastos ficou conhecido por seus posicionamentos favoráveis à incorporação de hábitos norte-americanos / anglo-saxões aos brasileiros, como forma de alcance do progresso e civilização no Império. Suas ideias sobre o assunto podem ser encontradas nas *Cartas do Solitário, estudos sobre reforma administrativa, ensino religioso, africanos livres, tráfico de escravos, liberdade da cabotagem, abertura do Amazonas e Comunicações com os Estados Unidos* (Rio de Janeiro: Typographia da Actualidade, 1862). Para explicações sobre os pareceres de Tavares Bastos, ver: VIANNA, Luiz Werneck. “Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos”. In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: vol. 34, n. 2, 1991.

⁸¹ *Steam communication with Brazil; Interesting address by Rev. J. C. Flecher, before the Boston Board of Trade. New York Times*, New York, August, 14th, 1863. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1863/08/14/news/steam-communication-with-brazil-interesting-address-rev-jc-fletcher-before.html>>, Acesso em out. 2012.

influência nesses debates pode ser percebida pelos resultados alcançados: dentre os planos existentes para a implantação dessa linha de vapores, o projeto vencedor foi o de Thomas Rainey (1824-1910), exatamente o recomendado ao Brasil por Fletcher em detrimento do projeto do então atual diplomata norte-americano, James Watson Webb (1802-1884)⁸². Nas cartas ao imperador, Fletcher tecia comentários ácidos à pessoa do diplomata, além de ser notável a série de incidentes diplomáticos causados por Webb quando fora cônsul no Brasil⁸³. É possível conjecturar, portanto, que as opiniões de Fletcher a respeito de Webb, contidas nas cartas a D. Pedro II e os contatos dele com políticos brasileiros importantes do período, tenham influenciado a escolha pelo projeto de Thomas Rainey.

Em 1865, sob autorização de D. Pedro II, Fletcher viajou pelo Amazonas coletando amostras de peixes para o naturalista suíço radicado nos Estados Unidos Louis Agassiz (1807-1873), seu amigo. As visitas que Fletcher fez ao Brasil estenderam-se até o ano de 1866, quando, finalmente, em 1867, estabeleceram-se os tratados de navegação entre Estados Unidos e Brasil. Sobre o assunto, em 1865, Fletcher escreveu um livro, *International Relations with Brazil*⁸⁴.

⁸² O nome de Thomas Rainey foi mencionado nos agradecimentos no livro. Rainey era editor do jornal *Cincinnati Daily Republican*, nos Estados Unidos. A linha de vapores entre Brasil e Estados Unidos o fez ganhar muito dinheiro. Cf. *The New York Times*, Dr. Thomas Rainey – Bridge father – dead”, 30.03.01.

⁸³ Cf.: JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 185. Carta de J.C. Fletcher a D. Pedro II, doc. 6984. *New York*, 23.05.1868. Sobre os incidentes diplomáticos de Webb, ver: SAMPAIO, Maria Clara Salles Carneiro. *Fronteiras Negras ao Sul: A Proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afro-descendentes norte-americanos na Década de 1860*. Dissertação (Mestrado em História Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo), pp. 21-25.

⁸⁴ FLETCHER, James C. *International Relations with Brazil*. New York: John Amersman, 1865. A referência foi encontrada na primeira edição traduzida para o português do livro, Ver: KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros – esboço histórico e descritivo* Coleção Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.

Fletcher tornou-se importante articulador das relações Estados Unidos e Brasil, procurando implementar intercâmbios comerciais, políticos e culturais entre os dois países. Para isso, o autor utilizava diversos contatos obtidos por meio de seu círculo de vivência e, em menor medida, as vias diplomáticas oficiais. Certamente, os vínculos do autor com o Brasil o fizeram escrever um texto simpático ao país que o acolheu. Pode-se afirmar que a marca de Fletcher é indelével em *Brazil and The Brazilians*.

1.1.3 Sobre a autoria de *Brazil and the Brazilians*

A ideia de elaborar outro livro sobre o Brasil partira de Daniel P. Kidder, que propusera a Fletcher, em 1853, “atualizar e complementar” seu relato de viagem: *Sketches of Travel and Residence in Brazil*, publicado em 1845⁸⁵. Provavelmente, entre 1854 e 1855, quando viajara para a montagem da Exposição dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Fletcher começou a recolher material para o livro⁸⁶.

Embora, na época, a parceria dos autores fora observada como profícua pelas resenhas do livro — sobre as quais nos deteremos adiante —, nos Estados Unidos, percebemos, via outros apontamentos, que os resultados de *Brazil and The Brazilians* foram obtidos mais dos esforços de Fletcher do que propriamente de Kidder. Os nomes dos dois autores aparecem nas capas das várias edições da obra, porém, como levantado por José Mindlin e comprovado pela observação da oitava edição do livro, de 1868, a ordem dos mesmos se inverte: ao invés de constar Daniel Parish Kidder & James Cooley Fletcher (como nas sete primeiras edições), temos uma inversão na oitava para:

⁸⁵ VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 79.

⁸⁶ Os indícios dessas coletas de material por parte de Fletcher estão nas datações dos relatórios dos Ministérios de Império de 1854 e 1855 mencionados no livro.

James Cooley Fletcher & Daniel Parish Kidder. Segundo Mindlin, em algumas cartas, Fletcher reivindicaria para si a autoria do livro⁸⁷.

É possível comprovar, portanto, que embora Fletcher não fosse o único autor do livro, foi o principal responsável por sua elaboração. A inserção e envolvimento de Fletcher no Brasil nos meios políticos, científicos e culturais era notadamente maior do que foi a do Rev. Kidder, que focou suas ações no Brasil na disseminação de Bíblias. Por isso, certamente, o empenho e as posições de James Cooley Fletcher foram centrais para a construção das imagens projetadas em *Brazil and The Brazilians*.

Devido ao mencionado sobre a atuação predominante de Fletcher como autor do livro, não nos parece plausível considerar *Brazil and The Brazilians* como simples atualização do relato de viagem de Kidder – *Sketches of Travel and Residence in Brazil*, de 1845. O livro contou com inúmeras informações novas recolhidas sobre o Império durante as viagens de Fletcher, e as análises contidas na publicação diziam mais respeito às condições de vida presentes no Brasil e nos Estados Unidos da década de 1850, do que sobre a década de 1830, quando Kidder aqui esteve. Ainda assim, o relato de viagem de Kidder, pode ser entendido, em relação à *Brazil and The Brazilians* como uma importante referência para sua elaboração.

1.2 – Uma nova imagem sobre o Brasil nos Estados Unidos.

O objetivo dos autores ao construírem *Brazil and The Brazilians* era apresentar o Brasil a público norte-americano sob perspectiva diferente da corrente nos Estados Unidos da época. No prefácio, eles apresentaram essa intenção a seus leitores:

⁸⁷ Cf.: MINDLIM, José. Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n. 7, 1991, p.50.

“A noção popular de Brasil [nos Estados Unidos] é, em certa medida, delineada pelo acompanhamento das imagens ilustrativas. Rios poderosos, florestas virgens, palmeiras e jaguares, anacondas e crocodilos, (...) minas de diamantes, terremotos são parte componente das imagens formadas nas cabeças das pessoas. É provavelmente quase jocoso dizer que uma grande maioria de leitores são melhor informados sobre a China e a Índia do que sobre o Brasil. Quão poucos parecem estar atentos que, no distante Hemisfério Sul, está *uma estável monarquia constitucional e uma crescente nação*, ocupando um território de maior área que os Estados Unidos e cujos descendentes dos portugueses possuem a mesma posição relativa na América do Sul que os descendentes dos ingleses na metade norte do Novo Mundo! Quão poucos protestantes parecem estar cientes do fato de que no território brasileiro que a religião reformada foi primeiramente proclamada no continente ocidental!”⁸⁸ (*Brazil and The Brazilians*, p. 3-4).

Mesmo descrevendo as imagens de natureza presentes no imaginário norte-americano sobre o Brasil do período, os autores indicavam que o país era diferente do esboçado pelo senso comum dos leitores: enfatizavam, positivamente, a organização política e a grandiosidade do território brasileiro, elementos que os norte-americanos geralmente desconsideravam.

As imagens sobre o Brasil que circulavam nos Estados Unidos da época eram semelhantes às do relato do viajante Thomas Ewbank, um dos fundadores da *American Ethnological Society*, autor do livro *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*, que estivera no país por conta própria e publicara nos Estados

⁸⁸ “The popular notion of Brazil is, to a certain extent, delineated in the accompanying side-illustrations. Mighty rivers and virgin forests, palm trees and jaguars, anacondas and alligators(...), diamond mining, revolutions, and earthquakes, are the component parts of the picture formed in mind’s eye. It’s probably hazarding nothing to say that a very large majority of general readers are better acquainted with China or India than with Brazil. How few seem to know that in the distant Southern Hemisphere is a stable constitutional monarchy and a growing nation occupying a territory of greater area than that of United States, and the descendants of the portuguese hold the same relative position in South America as the descendents of the English in the northern part of the New World! How few protestants are cognizant of the fact that in the territory of Brazil the Reformed religion was first proclaimed on the Western Continent”

Unidos, em 1856, sua experiência. Esse autor, e outros, descreveram o Brasil de forma profundamente preconceituosa: como região em que avançava a natureza selvagem, grandiosa e exuberante, governada por uma monarquia presa a rituais desnecessários, em tudo inferior à República, onde o homem comum não se interessava pelo trabalho⁸⁹.

Kidder e Fletcher publicaram *Brazil and The Brazilians* apenas um ano após a publicação do relato de viagem Thomas Ewbank e, como apresentado no trecho acima, procuravam trilhar um sentido contrário. Para justificar a abordagem, traziam a seguinte opinião sobre o livro de Ewbank:

“O senhor Ewbank (há mais de dez anos atrás) era um forasteiro com permanência de poucos meses num novo e curioso país, e publicou um relato de observações e eventos dos quais ele registrou a partir das impressões do momento e, nada mais faz do que algumas generalizações” (*Brazil and The Brazilians*, p. 582)⁹⁰.

Em contrapartida a Ewbank, os autores esmeraram-se na construção de uma imagem do Brasil como um Império sólido, construído sobre as bases de uma monarquia constitucional. Ao longo do hiato entre a viagem de Ewbank e a escrita de *Brazil and The Brazilians*, os autores enxergaram mudanças consideráveis no país, e questionavam as imagens produzidas por Ewbank, em razão do curto período de permanência no país e pelo fato de ter conhecido exclusivamente o Rio de Janeiro.

⁸⁹ Para um trabalho que analisa o relato de viagem de Ewbank e os contextos de formação da *American Ethnological Society*, consultar: PAULINO, Carla Viviane. *O Império do Atraso: Etnologia, Política e Religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank*. São Paulo: USP- Universidade de São Paulo – FFLCH – Departamento de História. Dissertação de Mestrado, 2011(mimeo). Sobre as imagens do Brasil que circulavam nos Estados Unidos, ver: MANTHORNE, Katherine. “O Brasil no Imaginário norte-americano no século XIX”. *Revista USP*, São Paulo, n.30, pp.58-72, jun/ago, 1996. Dossiê Viagens e Viajantes.

⁹⁰ “Mr. Ewbank (more than ten years ago) was a stranger abiding for a few months in a new and curious country, and published a journal of observations and events which he have jotted down from the impressions of the moment and makes but few generalizations”.

Kidder e Fletcher procuraram desconstruir imagens negativas do Brasil nos Estados Unidos, mostrando no livro que o entendimento da nação brasileira deveria ir além de impressões apressadas. Assim, a forma de legitimar aquilo que escreviam sobre o Império baseava-se na ampla experiência dos dois no País – em especial a de Fletcher — e na extensa pesquisa que realizaram sobre diversos aspectos do Império brasileiro.

Ewbank não foi a única referência sobre o Brasil publicada no mesmo período do livro utilizada pelos autores. Havia também o trabalho do Reverendo. Charles Stewart (1795-1870), *Brazil and La Plata: the personal records of a cruise*, também publicado em 1856. Kidder e Fletcher citaram esse livro de forma mais positiva que ao trabalho de Ewbank, considerando úteis as descrições que Stewart produzira sobre a Baía da Guanabara e sobre os procedimentos jurídicos brasileiros⁹¹.

As referências aos livros de Ewbank e Stewart, produzidos na mesma época, e suas respectivas menções em *Brazil and The Brazilians*, conferiram ao texto de Kidder e Fletcher uma inserção no campo de produção de imagens sobre a América do Sul nos Estados Unidos. Resenhas sobre os respectivos trabalhos desses outros dois autores enfatizavam tanto uma cientificidade excessiva como uma ausência de objetividade na escrita dessas publicações⁹². Ao comparar tais comentários às elogiosas resenhas sobre *Brazil and The Brazilians*, é perceptível que o livro de Kidder e Fletcher se impôs no

⁹¹ KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, p. 20; 267.

⁹² Sobre *Life in Brazil*, a resenha do magazine *Putnam's Monthly*, enfatiza a presença de dados relevantes no livro, mas a carência de uma estética narrativa empolgante. Sobre *Brazil and La Plata – personal records of a cruise*, a resenha deste mesmo periódico enfatiza a monotonia da leitura como prejudicial à relevância do tema. Cf.: PUTNAM'S MONTHLY Magazine of American Literature, Science and Art. New York: vol. 009, i. 49, jan. 1857, "Mr. Stewart's Brazil Personal Records of a Cruise", pp. 98-99: "there is really very little knowledge (...) The too frequent commonplace and vulgar expressions injures the effect of the book" e PUTNAM'S MONTHLY Magazine of American Literature, Science and Art. New York: vol. 007, i. 40, apr. 1856, "TRAVELS", pp. 436-437: "His volume is very instructive, but not charming (...) we do not find in his style any peculiar tone or color which one likes in a book about the tropics. That brilliant nature never seems to have lifted the writer into poetry, nor have seduced out of him the cold practical habits of the man of science".

mercado como superior aos outros escritos no que dizia respeito à qualidade, à pertinência e sistematização de dados sobre o Império Brasileiro.

Algumas resenhas consideraram as menções a trabalhos de outros autores que escreveram sobre o Brasil como qualidades do livro de Fletcher e Kidder: “A noção popular [sobre o Brasil] prevaleceu mesmo sobre os homens educados [...] nós devemos agradecer a Gardner, Ewbank, Waterton Wallace e especialmente a esses autores por nos corrigirem nesses vários assuntos”⁹³.

Percebia-se, portanto, a interatividade do texto de *Brazil and The Brazilians* com outros textos produzidos sobre o Brasil no período, indicando que informações, dados e análises sobre o País eram corrigidos conforme essas publicações vinham a público. Assim, o livro de Fletcher e Kidder ganhava aos poucos notoriedade e legitimidade em relação a outras publicações de tema semelhante.

Ainda, no Prefácio, Kidder e Fletcher procuraram distinguir e distanciar culturalmente o Brasil das Repúblicas da América Hispânica, vizinhas do país. Para isso, escreveram um tópico sobre a Língua Portuguesa, no qual evidenciavam a fala do português no Brasil e suas diferenças em relação ao espanhol, seja em relação à grafia, seja em relação a termos de uso cotidiano:

“A língua portuguesa é falada universalmente no Brasil. Ela não é o um dialeto do espanhol, como muitos supõem, mas, como Vieira diz, é a filha mais antiga do Latim. Ela é muito mais masculina que o castelhano e, em sua força, concisão e expressividade, claramente indica seu parentesco romano (...) O termo ‘Dom’ não é usado indistintamente, como o Don dos espanhóis, mas apenas é aplicado aos portugueses de descendência monárquica, príncipes e bispos”⁹⁴ (*Brazil and The Brazilians*, p. 6).

⁹³ THE LIVING Age, Nova Iorque, v. 66, n. 844, Ago. 1860, “Brazil and The Brazilians”, p. 297: “The popular notion has been the prevalent on even among educated men [...] We have to thank Gardner, Ewbank, Waterton, Wallace and specially these authors for setting us right on all these topics.”

O excerto oferece oportunidade para perceber que Kidder e Fletcher indicavam a público norte-americano especificidades do Brasil, e aponta também que, no século XIX, os norte-americanos pouco conheciam as distinções entre os países da América Latina. Fica claro, pela ênfase à masculinidade atribuída à Língua Portuguesa, que Kidder e Fletcher encaravam o País de forma mais positiva que aos países da América Hispânica.

Folha de rosto do livro *Brazil and The Brazilians*.

⁹⁴ “The Portuguese language is universally spoken in Brazil. It is not a dialect of Spanish as many suppose, but, as Vieira says, it is the eldest daughter of Latin. It is much more masculine than the Castilian and in its strength, compactness and expressiveness clearly indicates its Roman parentage. (...)The term “Dom” is not used indiscriminately, like the Don of the Spanish, but is only applied by the Portuguese and their descendants to monarchs, princes, and bishops”.

1.2.1 Estratégias utilizadas pelos autores para elaborar o livro

Além de uma apresentação geral da obra e de seus principais propósitos, é necessário observar os mecanismos que autores utilizaram para legitimar o que escreveram, quais eram os argumentos de autoridade que dispunham para produzirem os comentários sobre o Brasil.

As fontes

O livro de Kidder e Fletcher foi escrito com base nas experiências dos autores no país, nos trabalhos de outros escritores, como mencionado, e na ampla pesquisa realizada nos arquivos, bibliotecas e instituições do Brasil. Esse trabalho foi descrito no Prefácio:

“Os autores consultaram todos os trabalhos importantes em Francês, Alemão, Inglês e Português que pudessem iluminar a História do Brasil. (...) Para as estatísticas eles examinaram pessoalmente os arquivos provinciais e Imperiais ou extraíram informações diretamente de papéis de Estado Brasileiros”⁹⁵ (*Brazil and The Brazilians*, p. 4-5).

Dentre os autores, além de Stewart e Ewbank, que ajudaram Kidder e Fletcher a montar o painel sobre o Brasil que apresentaram em *Brazil and The Brazilians*, destacam-se Padre Antonio Vieira (1608-1697), Padre Simão de Vasconcellos (1596-1671); escritores e intelectuais como o norte-americano Henry Wadsworth Longfellow, já citado. Além desses, Kidder e Fletcher consultaram informações retiradas de relatos de viajantes, como os de naturalistas como Johann Baptiste von Spix (1781-1826), Carl Friedrich P. von Martius (1794-1868), George Gardner (1808-1851), e, ainda, de outros viajantes, como Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) e John Mawe (1764-1829). Também foram consultados historiadores distintos, como: Robert Southey (1764-1843),

⁹⁵ “The authors have consulted every important work in French, German, English and Portuguese that could throw light on the History of Brazil (...) For statistics they have either personally examined the Imperial and Provincial Archives or have quoted directly from Brazilian state papers”.

e o Gen. José Inácio de Abreu Lima (1794-1869). Essas menções estavam contidas em excertos como:

“Esses [insetos] eram as caças favoritas de naturalistas amadores, que, imbuídos daquele entusiasmo característico de sua vocação, ainda podem achá-las tão interessantes quanto Spix e Martius, cujos trabalhos sobre História Natural do Brasil podem ser comparados aos de Humbolt e Bonplant no México e na Colômbia⁹⁶” (*Brazil and The Brazilians*, p. 104)

Ou ainda:

“O jesuíta Vasconcellos subiu esta Serra [Serra do mar] há duzentos anos atrás, e sua descrição é maravilhosamente elaborada; mas a sua estimativa da altitude estava certamente exagerada (...) o Dr. Kidder critica Vasconcellos: ‘A última frase é errônea, tal como as precedentes são pictóricas e belas’. Eu não deveria, no entanto, sentir necessidade em corrigir esta afirmação, se Southey, partindo de toda sua autoridade, não representasse a subida como contínuas oito léguas até a localidade de São Paulo”.⁹⁷ (*Brazil and The Brazilians*, p. 357-358).

Nota-se que os autores procuraram ler o que havia de mais atual sobre o Brasil, além de, obviamente, remeterem-se a autores de ciência conhecidos e renomados tanto no Brasil quanto no exterior. A variedade de referências pesquisadas, inclusive destacada pelos autores ao longo do trabalho, era também uma forma de valorizar o livro, conferindo-lhe maior autoridade.

⁹⁶ “These [insects] are favorite haunts for amateur naturalists, who, if imbued with the characteristic enthusiasm of their calling, may still find them as interesting as did Spix and Martius, whose learned works upon the natural history of Brazil can be compared with those of Humbolt and Bonplant in Mexico and Colombia”.

⁹⁷ “The Jesuit Vasconcellos made the ascent of this Serra [Serra do Mar] two hundred years ago, and his description is sketched with masterly hands; but his estimate of the altitude was certainly extraordinary (...) Dr. Kidder criticizes Vasconcellos: “The last sentence is an erroneous as the preceding are graphic and beautiful. I should not, however, deem it necessary to correct the statement had not Southey, upon his authority represented the ascent to continue eight leagues to the very site of São Paulo”.

A estadia dos autores no Brasil

Além de fundamentarem seu conhecimento em autores renomados da época, outro recurso para demonstrar autoridade sobre o que escreviam foi o fato de afirmarem que aqui estiveram e aqui permaneceram: eram, portanto, testemunhas do que relatavam. A experiência deles no país, considerada longa, foi outro elemento que os ajudou a legitimar suas explicações sobre os processos sociais e culturais que eles viram e viveram no Império, autorizando-os a tratar do país da forma com que trataram.

Como brevemente apresentado em suas trajetórias, os missionários estiveram no País em períodos diferentes. Kidder esteve no Brasil entre os anos de 1838 e 1840. A década de 1830 foi marcada no Brasil pelo governo da Regência, que tentava conter as conhecidas rebeliões em várias províncias. Além disso, o tráfico de escravos, mesmo com os tratados contrários a ele, firmados com a Inglaterra, estava em plena atividade⁹⁸. Nos Estados Unidos, o período marcou-se pela presidência de Andrew Jackson, que concedeu o direito a voto aos homens brancos e livres acima de 18 anos, incentivou a expansão norte-americana a oeste e estabeleceu novas políticas para o tratamento dos indígenas; além de serem recebidos, ao norte do país, levas de imigrantes irlandeses, alemães e italianos⁹⁹.

⁹⁸ DOLNIKHOF, Miriam. *O pacto federalista*. Rio de Janeiro: Globo, 1999, pp. 45-53.

⁹⁹ Sobre a Era Jackson, ver: MC PHERSON, James. *Battle Cry of Freedom. The Civil War era*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 11-16; ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism and Politics in The Antebellum Republic. Vol. 1 – conflict and compromise 1820-1850*. New York: Cambridge University Press, cap. 5.. Sobre a política indígena do período, ver: PRUCHA, Francis Paul. *The Great Father: The United States Government and The American Indians*. Lincoln: Nebraska University Press, 1984; FIXICO, Donald. *Federal State Policies and American Indians*. In: DELORIA, Philip Joseph; SALISBURY, Neal (Ed.). *A Companion to American Indian History*. Malden: John Wiley Professional, 2004. Blackwell Companions.

Já Fletcher, visitou o Brasil pela primeira vez entre os anos de 1850 e 1853. Para além dessa, como já mostrado, houve outras três, até o ano de 1865¹⁰⁰. Nesse período, a situação do Império já se encontrava mais definida: as últimas revoltas internas haviam sido apaziguadas, o café se destacava como produto de exportação nacional capaz de equilibrar a balança de comércio brasileira, e o governo de D. Pedro II completava dez anos¹⁰¹. Além disso, no fim de 1850, os debates na Câmara preocupavam-se com medidas relacionadas à escravidão, que culminaram na aprovação da Lei Eusébio de Queirós. Essa lei, embora considerada conservadora, amainou os ensejos abolicionistas. Assim, as bases políticas, econômicas e a dinâmica social do Império brasileiro haviam encontrado uma estabilidade. Nas palavras de Sérgio Buarque de Holanda:

“Na periodização da História política do Império, é possível reconhecer alguns marcos: (...) de 1850 a 1864 é a relativa estabilidade geral e o primeiro surto de realizações materiais significativas; de 1864 a 1870 está tudo dominado pela Guerra do Paraguai (...) Trata-se, assim, da época que é o núcleo principal do Império, quando se realizam, dentro do possível plenamente, as virtualidades do sistema: ele está maduro, após a conquista da Independência e o estabelecimento da nação, quando os grupos sociais se compõem, definindo seus objetivos”¹⁰².

No período da vinda de Fletcher ao Brasil, a perspectiva expansionista dos Estados Unidos direcionava seu olhar à descoberta de ouro na Califórnia, acontecida em

¹⁰⁰ O registro das seis viagens foi obtido a partir da edição traduzida para o português da Coleção Brasiliana. Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *O Brasil e os Brasileiros – esboço de quadros históricos e descritivos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1941, Introdução.

¹⁰¹ Cf. COSTA, Wilma Peres. “A economia mercantil escravista nacional e o processo de construção do Estado no Brasil (1808 – 1850)”, in: SZMERCSÁNYI, Tamás e LAPA, José Roberto do Amaral(orgs.). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec / Edusp / Imprensa Oficial, 2a ed., 1996.

¹⁰² HOLANDA, Sérgio Buarque de. e CAMPOS, Pedro Moacyr (org.). *História da Civilização Brasileira, tomo II, volume 3, Reações e transações*. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1976, p. 9.

1848. Isso o que fazia com que muitos norte-americanos “enfrentassem o Cabo Horn” e se dirigissem à região recém-adquirida em busca de riquezas¹⁰³.

Além disso, vários dos novos estados formados na Era Jackson, após a conquista territorial, admitiam uma economia agrícola de mão de obra escrava, semelhante a dos estados sulistas, fazendo a balança de poder pender para o lado do sul nas decisões políticas. Acentuavam-se, portanto, os contrastes relacionados à escravidão entre as regiões dos Estados Unidos: o norte, embora tivesse escravos em todos os seus estados, negava o sistema de *plantation* e de exportação de matéria-prima (especialmente o algodão), por esse impedir o florescimento de seus negócios, ligados à manufatura e à construção naval, com ideologia vinculada ao livre empreendedorismo e comércio. Já o sul defendia ardorosamente o seu ambiente “aristocrático”, mantido por mão de obra escrava, de ideologia voltada ao pensamento agrarista e escravocrata. Assim, a tensão com relação ao negro e à escravidão rachara a sociedade: tornara-se núcleo dos debates de ordem social, política e econômica¹⁰⁴.

Surgiam também discussões acerca da natureza e do futuro do negro na sociedade norte-americana, cuja demografia marcou-se pelo discurso de “não mistura de raças”. Esses questionamentos orientavam, inclusive, as discussões científicas: era o negro da mesma espécie que o branco? Poderia o negro ser livre? Ele teria a

¹⁰³ A travessia pelo Cabo Horn ainda era a forma mais rápida e vantajosa de se chegar à costa oeste dos Estados Unidos no período. No percurso, existiam duas paradas na América do Sul: a primeira, no Rio de Janeiro, Brasil, e a segunda, em Valparaíso, Chile. As paragens eram utilizadas tanto para conserto das naus como para reabastecê-las com víveres. Sobre o assunto ver: HUTTER, Lucy Maffei. *Navegação nos Séculos XVII e XVIII*: Destino, Brasil. São Paulo: Edusp, 2005. p. 329-380; e ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de. *Desafio Americano à preponderância britânica no Brasil: 1808-1850*. Tese de Doutorado em História apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1970, cap. 4: “Cabo Horne: Rota Americana de Comércio e Ideias”, pp. 121-164.

¹⁰⁴ MC PHERSON, James. *Battle Cry of Freedom: The Civil War Era*. New York: Oxford University Press, 1988, pp. 48-59. Sobre as diferenças ideológicas de norte e sul, ver: ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism and Politics in the Antebellum Republic. Vol. 1 – conflict and compromise 1820-1850*. New York: Cambridge University Press, 2002, pp. 37-50.

capacidade de ser livre? Ele poderia ser incorporado à sociedade? Essas várias questões, portanto, atravessavam a sociedade norte-americana no momento do lançamento de *Brazil and The Brazilians*¹⁰⁵.

1.2.3 As imagens

As imagens foram outro recurso na composição de *Brazil and The Brazilians*. Ao todo, são 150 gravuras. O modo como as gravuras eram dispostas, entre os textos, fornece um indicativo da alta técnica empregada na construção da publicação. Logo no início do livro, localizam-se duas imagens importantes: a primeira delas é um mapa do Brasil, produzido em 1855, no qual está destacado todo o território brasileiro em sua extensão, marcadas no mapa, também, a hidrografia e o relevo do País. A segunda imagem é um busto de D. Pedro II, em trajes civis, identificado apenas pelo brasão do Império Brasileiro.

Imperador D. Pedro II na primeira página do livro

¹⁰⁵ Sobre as questões raciais nos Estados Unidos da época, consultar: PAULINO, Carla Viviane. *Op. Cit.*; MACHADO, Maria Helena P. T. *O Brasil no Olhar de William James*. São Paulo: EDUSP, 2010; SAMPAIO, Maria Clara S. C. *Fronteiras Negras ao Sul: a proposta dos Estados Unidos em colonizar a Amazônia Brasileira com afro-descendentes norte-americanos na década de 1860*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

No interior do livro, as imagens apresentavam paisagens, plantas características do Brasil, como a palmeira, a mandioca, o café e o mate, bem como animais e aves brasileiras. Imagens sobre a vida urbana também foram inseridas ao longo do texto, já que os autores queriam mostrar que o Brasil não se circunscrevia a florestas selvagens e a indígenas incivilizados. Além dessas, encontramos gravuras que demonstravam a presença do homem na lida da agricultura e de outras práticas cotidianas, etc.

Largo do Paço e Rua Direita, Rio de Janeiro.

1.3 Pistas sobre a edição do livro

1.3.1 Aspectos da produção de livros nos Estados Unidos

No período da publicação de *Brazil and The Brazilians*, a produção de livros nos Estados Unidos ganhou centros especializados, como os das cidades de Nova York, Boston e Filadélfia, além de melhorias técnicas consideráveis¹⁰⁶. As formas de produção dos livros se diversificaram, atendendo a um público cada vez mais amplo: era possível obter desde um livro de capa dura, com ilustrações coloridas, até um livro feito de papel jornal. É importante lembrar que os índices de alfabetização dos Estados Unidos já eram consideráveis, no século XIX, posto que as denominações protestantes estimulavam o aprendizado das primeiras letras para um público amplo¹⁰⁷. O objetivo era que os fiéis adquirissem competência mínima para ler e entender a Bíblia. Porém as habilidades de leitura também permitiam a esses leitores oportunidades de diversificar os temas que liam, conforme seus interesses.

Com o aumento da produção de livros e de leitores nos Estados Unidos, foi possível ampliar a quantidade de circulação desses materiais. O rápido avanço das ferrovias no país fez com que não apenas o transporte dos livros e periódicos fosse otimizado, mas com que o trem se tornasse um espaço de leitura, de propaganda e venda de livros e periódicos. Com a alfabetização disseminada, o momento de leitura se tornou algo individual, possível de ser feito em momentos de solidão, como, por exemplo, durante as viagens¹⁰⁸.

¹⁰⁶ CASPER, Scott. Introduction. In: CASPER, Scott E., GROVES, Jeffrey D., NISSENBAUM, Stephen W, WINSHIP, Michael. *A History of the Book in America. Volume 3: The Industrial book (1840-1880)*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, pp. 1-40.

¹⁰⁷ MC PHERSON, James. *Op. Cit.*, pp. 19-21.

¹⁰⁸ ZBORAY, Ronald J.. *A Fictive People: Antebellum Developing Economy and the American Reading Public*. New York: Oxford University Press, 1993, pp. 15-16.

Do observado ao longo do capítulo, *Brazil and The Brazilians* estabelecia diálogos com uma produção já existente nos Estados Unidos sobre o Brasil. Tal produção estava inserida num campo de literatura específico, cujo tema tratava de viagens a terras desconhecidas. Sobre o assunto, periódicos norte-americanos da época, a exemplo do *Atlantic Monthly* – citado por Fletcher a D. Pedro II nas cartas –, assim como nos outros periódicos onde foram encontradas resenhas, sempre eram publicadas colunas informativas com novas edições sobre essa temática. É possível pensar, portanto, que esse tipo de leitura fazia parte do cotidiano dos leitores daquele país, inferindo que as publicações sobre os lugares distantes e aventuras de norte-americanos em regiões remotas exerciam fascínio no público leitor da época¹⁰⁹.

Não podemos, todavia, afirmar que *Brazil and The Brazilians* seja um romance de aventuras. Seu texto foi elaborado em estilo jornalístico, habilidade que provavelmente Fletcher desenvolveu quando foi correspondente de jornais norte-americanos no Brasil. Descritivo e informativo, além de bem escrito, o livro apresentava – “com legitimidade e autoridade” – um mundo desconhecido e novo ao público norte-americano interessado no assunto.

¹⁰⁹ Segundo Scott Casper, historiador especialista no assunto, a leitura sobre terras distantes era parte do padrão norte-americano de erudição da época. Cf.: CASPER, Scott, CHAISON, Joanne and GROVES, Jeffrey. *Perspectives on American Book History. Artifacts and Commentary*. Cambridge: University of Massachussets Press, 2002, pp. 129-132. Outro exemplo que temos sobre tal padrão viria da própria correspondência de Fletcher: o autor enviara a D. Pedro II um livro sobre o Chile fazendo-lhe as seguintes recomendações: “Eu envio a Vossa Majestade um livro intitulado *Chile, Estados Unidos e Espanha*. Ele mostrará a Vossa Majestade como o Chile nos instrui sobre ele e como ele induz a imigração a partir da concessão gratuita de terra” JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 110-111. Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6635. Newburyport, Massachussets, April, 27th, 1866. “*I send your majesty a brochure entitled Chili, the United States and Spain. It will show Your Majesty how Chili instructs us about herself and how she induces immigration by free gifts of land*”. O livro referido aqui é HUNTER, Daniel J.. *Chili, the United States and Spain – a sketch of Chili expressed prepared for the use of emigrants from the United States and the Europe to that country*. New York: S. Hallet, 1866.

1.3.2 Sobre a editora e as outras edições de *Brazil and The Brazilians*.

Pelo fato do foco da pesquisa ser a primeira edição do livro, foram levantados apenas dados sobre a Childs & Peterson, primeira editora de *Brazil and The Brazilians*. Fundada em 1852, por George Childs, a editora ascendeu nesse ramo e seu proprietário, posteriormente, tornou-se filantropo¹¹⁰. Assim, na época da publicação de *Brazil and The Brazilians*, 1857, essa era uma editora bastante recente.

Consta que Childs era um homem bastante arrojado, que percebeu oportunidades no rápido crescimento do campo editorial. Ele se apresenta, em grande medida, como um exemplo oriundo do crescimento e da revolução técnica já mencionada, na qual o mercado editorial foi um ramo bastante contemplado, sobretudo, após a década de 1860. Embora não tenham sido encontrados dados concretos sobre o número de exemplares de suas tiragens, na *Appleton's Cyclopedia of American Biography* de 1918, *Brazil and The Brazilians* constava como um dos sucessos de vendas da editora de Childs¹¹¹.

Dentre outras publicações da editora na época, no livro de William Elder, *Elisha Kent Kane – a biography*, uma biografia sobre um explorador do ártico e nos escritos de Dr. Kane, *Arctic Explorations*, também se nota o interesse por narrativas de aventuras em terras distantes. Assim, Childs aparentemente obteve ganhos a partir da exploração desse interesse do público leitor.

Brazil and The Brazilians foi muito bem recebido na época pelo público leitor norte-americano: ressaltase o número de edições que o livro obteve: nos 11 anos que sucederam seu lançamento, em 1857, foram lançadas outras oito edições. A boa

¹¹⁰ NEW YORK Times, New York, Feb. 3rd, 1894. “Death of George Childs – the Philadelphia Philanthropist is at rest”.

¹¹¹ FISKE, John; WILSON, James Grant; DICK, Charles; HOSMAN, James (Org). *The Cyclopaedia of American Biography*. New York: The Press Association Compilers, 1918. p. 205. Disponível em: <http://openlibrary.org/books/OL13517824M/The_Cyclopaedia_of_American_biography>. Acesso em: 07 jun. 2012.

recepção fez com que, inclusive, as edições seguintes fossem publicadas por editoras distintas¹¹².

As edições subsequentes do livro sofriam alterações contínuas, cujo objetivo era “atualizar” as informações sobre o Brasil. Numa das cartas, na qual foi enviada a oitava edição, de 1868, do livro a D. Pedro II, Fletcher destacou alguns desses novos dados, como o casamento das princesas e a promulgação da Lei do Ventre Livre¹¹³. Tais alterações, no entanto, não desorganizavam a estrutura do livro, pois eram apresentadas como notas ao final de cada capítulo.

Além disso, eram feitos nos prefácios das novas edições comentários sobre novos livros que haviam sido publicados em outros países, sobre o Brasil. Fletcher mencionou e avaliou, por exemplo, o conteúdo dos escritos do político norte-americano William Bate (1826-1887), *Naturalist on the Amazon*, e do pintor francês Auguste François Biard (1799-1882), *Deux annés au Brésil*, no prefácio à sexta edição do livro, o que demonstra sua atenção pelas publicações que saíam sobre o Brasil nos Estados Unidos e países da Europa¹¹⁴.

Deve ser reafirmado aqui que, apesar do breve panorama sobre as outras edições, o foco de minha pesquisa é a primeira edição do livro, por considerá-la base fundamental das outras. A primeira edição é, também, de acordo com o acompanhado da trajetória de Fletcher, um marco da formalização de suas intenções quanto ao estabelecimento de contatos intelectuais e comerciais entre Brasil e Estados Unidos,

¹¹² Além da editora Childs & Peterson, da Filadélfia, houve edições da Little & Brown, de Boston (2ª, 3ª, 4ª, e 5ª) e da Sampson e Marston, em Londres (5ª).

¹¹³ Cf.: JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 272. Carta de J.C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 8230. St. Mary's Street, Indianapolis, 01.01.1879.

¹¹⁴ As informações sobre as editoras foram extraídas da primeira edição brasileira traduzida de *Brazil and the Brazilians*.

divulgada num momento extremamente conflituoso vivido em seu país de origem – as divisões que permitiram o desencadeamento da Guerra Civil se aprofundavam.

1.4 A divulgação de *Brazil and The Brazilians* nos Estados Unidos

Nesse breve panorama sobre a produção editorial presente nos Estados Unidos da década de 1850, é possível observar que o livro em geral tornava-se um artigo de consumo na época, e por isso, era necessária sua divulgação. Ela deveria ser feita, obviamente, em lugares em que o público leitor fosse tanto informado sobre o lançamento, como atraído para sua aquisição, alavancando, assim, sua vendagem. O historiador Ronald Zboray nota a existência um aparelho de difusão de livros bastante amplo nos Estados Unidos da metade do século XIX:

“Os livros difundiram uma ampla variedade de canais para chegar aos leitores, e os empresários do ramo esforçaram-se prodigiosamente para encontrar informações sobre seus mercados em perspectiva. Além dos atores familiares ao mundo editorial – autores, editores, vendedores de livros, livreiros e leitores – uma gama de outros envolvidos de uma forma ou de outra na distribuição dos livros: gerentes de correio, editores de jornais, proprietários de armazéns, meninos jornaleiros, agentes, mascates, ilustradores. Uma variedade de instituições como feiras de troca, palestras públicas, e resenhas em periódicos também desempenharam papel importante na distribuição de livros e na disseminação de informações sobre livros”¹¹⁵.

Pelo apurado, a disseminação das informações de *Brazil and Brazilians* seguiu os parâmetros expostos pelo historiador citado.

¹¹⁵ ZBORAY, Ronald. *Op. Cit.*, 1993, p. 18.

1.4.1 As resenhas sobre o livro

Brazil and The Brazilians foi avaliado pelos periódicos da época principalmente na forma de resenhas. Esse tipo de divulgação do livro foi encontrado nos seguintes periódicos e datas: *Harper's Magazine*, *Atlantic Monthly* e *New Englander*, em 1857, *The Living Age*, em 1860 e *New York Times*, em 1861. Estas revistas e jornais alcançavam uma ampla circulação, o que auxiliava, e muito, a necessidade de divulgação do livro junto ao público leitor¹¹⁶.

As resenhas destacavam o empenho e o conhecimento pessoal dos autores sobre o Brasil. A experiência em terras brasileiras era enfatizada, confirmando a autoridade deles sobre o tema. Como apontado no *Atlantic Monthly*: “Eles possuem conhecimento pessoal direto do país, adquirido durante uma longa residência no lugar, e eles estudaram cuidadosamente todo livro confiável sobre sua história e recursos”¹¹⁷. Isso também foi frisado pela *Harper's Magazine*:

“Os autores deste trabalho são bem qualificados pela experiência e observação pessoal a fornecer um autêntico balanço do interessante país ao qual este [o livro] é devotado. Eles [os autores] residiram no país por vários anos, no exercício de importantes cargos públicos”¹¹⁸.

¹¹⁶ Os estudos nos quais me baseio para tratar dos meios de divulgação dos livros são: NORD, David. *A Republican Literature: Magazine Reading and Readers in Late-Eighteenth-Century New York*. In: DAVIDSON, Cathy (org.). *Reading in America. Literature and Social History*. John Hopkins University Press, 1989; ZBORAY, Ronald. “Fiction and Informed Reading in early nineteenth America”. *Nineteenth Century Literature*. University of California, vol. 47, n.3, dec. 1992, pp. 320-348 e ZBORAY, Ronald, and ZBORAY, Mary S. “Reading and every day life in Antebellum America: the diaries of Daniel F. and Mary D. Child”. *Libraries & Culture*, Austin, v. 32, n. 3, 1997.

¹¹⁷ ATLANTIC MONTHLY, Boston: v. 1., n. 1, Literary Notes, “BRAZIL and The Brazilians”. p. 122: “They have a direct personal knowledge of Brazil, gained during a long residence in the country, and they have carefully studied every valuable book on its history and resources”.

¹¹⁸ HARPER'S MONTHLY Magazine, New York: v. 15, n. 866, out. 1857, “Brazil and The Brazilians”, p. 690. “The authors of this work are well qualified by experience and personal observation to furnish an authentic account of the interesting country to which it is devoted. They have resided in Brazil for several years, in the discharge of important public functions”.

O estilo de escrita utilizado por Fletcher também fora elogiado, considerado fino e de qualidade, o que distinguia *Brazil and The Brazilians* de outras publicações sobre o Brasil, como a de C. S. Stewart e a de Thomas Ewbank, que receberam críticas acerca desse aspecto. As resenhas também destacavam a importância das gravuras para a publicação: consideravam-nas pertinentes, facilitadoras do entendimento dos conteúdos escritos, reafirmavam a qualidade da obra. Segundo o *Atlantic Monthly*: “A elegância de sua execução (...) e a profusão de gravuras ilustrando o texto, juntar-se-á à sua boa recepção, senão ao seu valor”¹¹⁹.

Os resenhistas também reconheciam haver nos Estados Unidos um desconhecimento sobre o Brasil; recomendavam, pois, o livro para “preencher aquela lacuna”. Esses comentários são indícios de que o objetivo mais explícito dos autores na produção do livro era identificado, compreendido e justificado pelos críticos: levar ao público daquele país uma imagem do Brasil distinta daquela que circulava por lá. As resenhas mostram que jornais e revistas do país se interessaram em divulgar *Brazil and The Brazilians* e, ainda, o recomendavam para um público mais amplo.

O livro, enquanto objeto, recebeu elogios, fosse pela “edição bem cuidada” como descrito pela *Harper’s*¹²⁰, ou por ter um “estilo belo”, como notado pelo *New Englander*¹²¹. Nisso se destacava uma preocupação editorial, que construía o livro como um objeto bonito, “elegante”, nos dizeres do *Atlantic Monthly*, para assim alcançar o leitor não apenas por meio da temática, mas também por seu formato atraente. Pelo fato do livro ser editado em capa dura e bem cuidado em sua apresentação, presumimos que

¹¹⁹ ATLANTIC MONTHLY, *Op. Cit.*, p. 123: “The elegance of its mechanical execution, and the profusion of engravings illustrating the text, will add to its popularity, if not to its value”.

¹²⁰ HARPER’S MONTHLY..., *Op. Cit.*, p. 691.

¹²¹ NEW ENGLANDER..., *Op. Cit.*, p. 746.

a editora e os autores procuravam atingir um público mais qualificado nos Estados Unidos, ainda que, a temática das terras distantes e lugares remotos alcançasse, possivelmente, públicos distintos. Tal meta da editora não quer dizer que o livro não tenha caído em mão de leitores comuns e com poucos recursos. É sabido, por exemplo, que notícias e romances baratos sobre o oeste dos Estados Unidos, muitas vezes mostrado como região selvagem e exuberante, já circulavam na época e que se consolidou na segunda metade do século XIX, conhecido como *dime novels*, romances baratos que procuravam alcançar um grande público¹²².

1.4.2 Palestras de Fletcher, sobre o Brasil, nos Estados Unidos.

Fletcher passou a ser visto após a primeira edição de *Brazil and The Brazilians*, como promotor das relações Estados Unidos e Brasil, e era convidado a proferir palestras sobre o país. Dentre as múltiplas formas de divulgação do livro e de informações sobre o mesmo, é interessante notar o empenho desse autor em palestras sobre o Brasil, em Sociedades e Instituições de conhecimento norte-americanas. Notas presentes no New York Times e menções feitas pelo autor em seus escritos ao Imperador do Brasil registraram palestras proferidas por Fletcher na *New York Historical Society*, no *Cooper Institute*, e no *Lowell Institute*, lugares frequentados por uma elite de pensadores e políticos norte-americanos.

O intuito de Fletcher, em aproximar o Brasil dos Estados Unidos por meio desses mecanismos era tão reconhecido que o autor foi descrito da seguinte forma pelo

¹²² Sobre o tema, consultar. SMITH, Henry Nash. *Virgin Land The American West as symbol and myth*. Cambridge.Ma: Harvard University Press, 1978.

New York Times: “Senhor Fletcher (...) o cavalheiro cujas prazerosas palestras nos fez quase tão familiares às florestas brasileiras quanto aos nossos próprios bosques”¹²³.

As palestras de Fletcher podem ser compreendidas como iniciativas para aproximar instituições norte-americanas às instituições brasileiras, firmando vínculos culturais mais estreitos entre Brasil e Estados Unidos¹²⁴. Para isso, o autor se utilizava do amplo conhecimento que tinha com membros da elite de ambos os países. Com isso, reiteramos a participação de Fletcher num círculo social diferenciado, contando com amigos em ambos os países e explorando da influência dessas amizades para a divulgação do Brasil nos Estados Unidos e vice-versa.

Não foi encontrado registro, nos periódicos pesquisados, no qual o pastor Kidder tivesse atuação semelhante nas aproximações entre Estados Unidos e Brasil. Coube a Fletcher tal papel, que, aliás, pelas indicações, era exercido com prazer.

1.5 Pistas da recepção do livro no Brasil Império

Antes mesmo de *Brazil and The Brazilians* ser publicado e circular em terras norte-americanas, era notícia corrente, divulgada no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, de que seu autor principal, James Cooley Fletcher, estava a escrever um livro sobre o Império, e inclusive, em novembro de 1856, começava a apresentar seus resultados às Academias de conhecimento norte-americanas¹²⁵. Quando de sua

¹²³ NEW YORK TIMES, New York, 24.jun.1861. “New publications – Brazil and The Brazilians, portrayed in Historical and Descriptive Sketches, By Rev. D.P. Kidder, D. D. and Rev. J. C. Fletcher. Illustrated by one hundred and fifty engravings. Philadelphia: Childs&Peterson”.

¹²⁴ Cf.: JAMES, David. *Op. Cit.*, p. 53, Carta de J.C. Fletcher a D. Pedro II. Doc: 6586. “Rio de Janeiro, 04.08.1864”.

¹²⁵ Cf.: CORREIO MERCANTIL, e *Instrutivo Político e Universal*. Rio de Janeiro: ano 14, n.1, 01.jan.1857, p.1: “Na última sessão mensal da Sociedade Historica de New York, Mr. Fletcher leu um pequeno resumo da obra que intenta publicar brevemente a respeito do Brasil. Graças a Deus, já ouvi dizer-se bem de nós nesta terra, e bem sem adulação nem mentira”.

publicação nos Estados Unidos, ela rapidamente chegou aos ouvidos desses editores, sendo, inclusive uma parte do capítulo dois, publicada na primeira página desse jornal, traduzida¹²⁶. Já naquele período, apreciações sobre a qualidade da edição e sobre o esforço de James Cooley Fletcher eram exaltados, embora as opiniões brasileiras sobre seu texto o vissem como um retrato ainda imperfeito, embora muito melhor do que o de outros estrangeiros, sobre a sociedade brasileira¹²⁷.

Temos também a notícia do envio de três edições do livro a D. Pedro II: a sexta, de 1866, a oitava, de 1868, e a nona, de 1879. Além desses envios ao imperador, logo em 1858, Fletcher escreve ao político Manuel Pacheco da Silva prometendo-lhe um novo exemplar de *Brazil and The Brazilians*¹²⁸. Ainda que a minha pesquisa tenha como foco a análise da primeira edição, de 1857, trago aqui algumas informações sobre a recepção do livro no Brasil para que seja destacado que, mesmo que ele só tenha recebido uma tradução para o português em 1941, notícias da sua circulação em inglês existiam no Império.

Sobre a leitura de *Brazil and The Brazilians* foram localizados três comentários diferentes, mencionadas por David Gueiros Vieira. Um é do Deputado Aureliano Tavares Bastos, outro foi extraído de uma ata do IHGB, e o último é a do jornal católico *O Apóstolo*. O período de produção das mesmas foi o início da década de 1860.

Tavares Bastos enxergou no livro caminhos para a ampliação de contatos entre o Brasil e os Estados Unidos, de forma a, a partir desses, o país progredir. O político, com

¹²⁶ Cf.: CORREIO MERCANTIL... Rio de Janeiro: ano 14, n. 208, 31.jul.1857, p. 1; ano 14, n. 319, 22.nov.1857, p. 1; CORREIO MERCANTIL... ano 14, n. 208, 22.nov.1857, p. 1.

¹²⁷ Cf.: CORREIO MERCANTIL... Rio de Janeiro, ano 15, n. 251, 16.set.1858, p. 1: “O livro do Rev. Fletcher contém noções muito verdadeiras, bem que não completas, do governo do Brasil: é uma obra que deveria achar-se em todas as livrarias”.

¹²⁸ Carta de James Cooley Fletcher a Manuel Pacheco da Silva, Doc. I-0907020, 30.jul.1858. Acervo da Biblioteca Nacional, Sessão de Manuscritos.

isso, parecer compartilhar, como veremos, dos pareceres de Fletcher. Para o deputado, segundo Vieira, as condições para o progresso se instalar no país dependiam de uma “reforma moral”, de cunho mais protestante que católico, e de uma aproximação com os países anglo-saxões, em suas práticas culturais e comerciais¹²⁹.

O reconhecimento da elite intelectual brasileira ao livro pode ser identificado na apreciação feita pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por ocasião da nomeação de Fletcher como membro honorário:

“Se alguma vez o seu autor se permite algum chiste a respeito de nossos costumes, não é todavia com o intento de expor-nos ao ridículo, como têm feito outros viajantes e escritores. Aponta muitos de nossos defeitos, que não se podem negar; mas, em geral, ameniza com a sua benevolência as críticas que faz: de sorte que conclui-se antes em seu autor um afeiçãoado ao Brasil, do que um desses viajantes que não tendo saído do seu gabinete maldizem de tudo e todos; se Fletcher censura, é porque desejaria e deseja que o Brasil e os brasileiros progridam na civilização”¹³⁰.

Na visão do IHGB, a publicação do livro nos Estados Unidos era boa para o Brasil: o autor demonstrava um sério comprometimento com o progresso nacional.

Como esperado, a opinião mais crítica a *Brazil and The Brazilians*, que considerou a escrita do livro ofensiva, foi a do jornal católico *O Apóstolo*. A crítica do periódico se fundava na forma com que a religião católica fora mencionada no livro: caída em descrédito em razão dos excessivos rituais e dos padres corruptos. Partes do livro pareceram ofensivas ao jornal, que condenou a condecoração que o IHGB oferecera ao autor da seguinte forma: “Van Halle [outro autor que criticou o clero brasileiro] será condecorado como já se fez com Fletcher, o detrator do Brasil, o

¹²⁹ VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, pp.100-104.

¹³⁰ REVISTA DO IHGB, Rio de Janeiro, n. 25, 1862, p. 292-293, Apud VIEIRA, *Op. Cit.*, p. 80.

escarnecedor do nosso culto público (...) O Brasil é assim, recompensa a quem o insulta”¹³¹.

Assim, foi possível observar pelos indícios de recepção que *Brazil and The Brazilians* foi bem recebido nos Estados Unidos da época: a autoridade que os autores imputaram a si era legitimada e a publicação se destacava por suas qualidades, consideradas superiores a de outros escritos sobre o Brasil do período. Tais predicados, assim como a tônica dos argumentos do livro foram obtidos e tornaram-se autorizados graças às estadias, encargos e contatos de James Cooley Fletcher no Brasil com políticos e intelectuais brasileiro. Por meio desses vínculos, o autor teve acesso a várias documentações e aos meandros culturais do Império, que procurou descrever positivamente, tornando-se, por fim, o principal responsável pela autoria de *Brazil and The Brazilians*.

No Brasil, o livro suscitou polêmicas de acordo com os modos com que esses grupos sociais o leram e com as formas com que esses grupos haviam sido representados pelo livro. Nos próximos capítulos, serão identificados aspectos que formaram as imagens de Brasil presentes em *Brazil and The Brazilians*.

¹³¹ O Apóstolo, Rio de Janeiro, 14 mai.o de 1871, Citado de VIEIRA, David Gueiros, *Op. Cit.*, p. 81.

II – A Monarquia necessária

Em *Brazil and The Brazilians*, Kidder e Fletcher retrataram a organização política do Estado brasileiro como “*uma sólida e estável monarquia constitucional*”. Por considerarem a instituição monárquica positiva à nação, o objetivo deste capítulo é identificar como e porque, para os autores, a Monarquia servia como regime mais apropriado para a sociedade e território brasileiros. Assim, será realizada uma reflexão sobre esse reconhecimento com base nos comentários dos autores sobre a construção, organização e funcionamento do Império no Brasil, sobretudo, ao compararem-no aos regimes de governo dos países hispano-americanos e aos Estados Unidos.

2.1 A Monarquia brasileira: entre os Estados Unidos e os países da América Hispânica

As comparações entre Brasil e Estados Unidos, ou, com a América Hispânica, eram recorrentes em *Brazil and The Brazilians*. A primeira menção ao Brasil, no prefácio do livro, informava aos leitores norte-americanos a existência de um país de grandes proporções territoriais, que se destacava por demonstrar “estabilidade política” na América Latina:

“Quão poucos parecem estar atentos que, no distante Hemisfério Sul, está uma estável monarquia constitucional e uma crescente nação, ocupando um território de maior área que os Estados Unidos e cujos descendentes dos portugueses possuem a mesma posição relativa na América do Sul que os descendentes dos ingleses na metade norte do Novo Mundo!” (*Brazil and The Brazilians*, p. 4-5)¹³².

¹³² “How few seem to know that in the distant Southern Hemisphere is a stable constitutional monarchy and a growing nation occupying a territory of greater area than that of United States, and the descendants of the portuguese hold the same relative position in South America as the descendents of the English in the northern part of the New World!”.

Na passagem, se os Estados Unidos lideravam na América do Norte, o Brasil era liderança, na América do Sul. Havia uma correspondência entre os países, fonte de possíveis comparações e aproximações, decorrentes do tamanho de seus territórios e da estabilidade política que demonstravam, mesmo que seus regimes políticos fossem distintos: o Brasil era uma Monarquia Constitucional, enquanto os Estados Unidos eram uma República.

A solidez e estabilidade política do Brasil eram atribuídas pelos autores ao regime Monárquico¹³³. Todavia, essa forma de governo, desde as guerras de independência, não era vista positivamente pelos norte-americanos em geral. Tal aversão se acentuou quando da formação do Estado nacional nos Estados Unidos¹³⁴.

Os “desmandos” da Monarquia inglesa eram tidos como motivos de rebelião dos colonos, e, por isso, esse tipo de governo era associado ao atraso. Para instauração da República e diferenciação da mesma em relação à Monarquia inglesa, da República da Antiguidade e das Cidades-Estado italianas, os norte-americanos discutiram a viabilidade da implantação de uma República representativa em grandes territórios – a conhecida República moderna – já que, na época, questionava-se o fato de uma República ser bem sucedida em países de grandes extensão¹³⁵. Assim, Kidder e Fletcher

¹³³ Essa atribuição dada à Monarquia foi construída, entre outros aspectos, a partir das informações sobre a História do Brasil presentes nas páginas de *Brazil and The Brazilians*. Para traçar a narrativa histórica do país, enfatizando o período nacional e o destacado papel do Império, Kidder e Fletcher apoiaram-se em reconhecidos autores da época, como o inglês Robert Southey, o General Abreu e Lima e o jornalista José Pedro Xavier Pinheiro. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, pp. 43-104.

¹³⁴ Sobre a posição antimonárquica na época da movimentação pela independência dos Estados Unidos em 1776, ver: BAYLIN, Bernard. *As Origens Ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003. Sobre o mesmo tema nos primórdios da construção do Estado nacional, consultar: WOOD, Gordon S. *The creation of the American Republic 1776-1787*. Chapel Hill/London: The University of Carolina Press, 1998.

¹³⁵ KRAMNICK, Isaac. Apresentação. In: HAMILTON, Alexander; JAY, John; MADISON, James. *Os Artigos Federalistas*. São Paulo: Nova Fronteira, 1993, pp. 9-80. Nícia Vilela Luz e Fernanda Almeida Wright também notaram que a presença de uma Monarquia nas Américas era algo temerário aos norte-

enfrentaram uma espécie de desafio discursivo ao argumentarem em favor da legitimidade da Monarquia brasileira, quando muitos norte-americanos abominavam esse regime de governo.

Para Kidder e Fletcher, o regime monárquico era o sistema de governo mais adequado aos países latino-americanos recém-independentes, pois evitava violências e disputas locais pelo poder, comuns na América Hispânica:

“A Revolução Brasileira foi, comparativamente, uma revolução sem sangue. A glória de Portugal se esvaía, seus recursos se exauriam e suas energias estavam entravadas pelas distensões internas. Aquela nação não fez nada como esforços sistemáticos e perversos para manter sua ascendência sobre a longamente oprimida, mas agora rebelde, colônia. As medidas insultosas das Cortes eram consumadas apenas em decretos vaporosos”(Brazil and The Brazilians, p. 72)¹³⁶.

Kidder e Fletcher relacionaram a independência e a formação do Estado nacional brasileiro, considerando a primeira como uma revolução e a segunda como demonstração da “evolução política” do país. A soberania brasileira emergia da fragilidade do Império português e da sua consequente opressão sobre a Colônia. O fato de a independência ter ocorrido sem guerras afirmava a opção diferenciada que ocorrera no Brasil, pela negociação e tramitação política, pois, é sabido as emancipações políticas nas Américas, tanto de países hispano-americanos quanto dos Estados Unidos, não se deram sem conflitos armados contra as antigas metrópoles. Ao compararem os

americanos na metade do século XIX. Cf.: LUZ, Nícia Vilela. “A Monarquia Brasileira e as Repúblicas Americanas”. *Journal of Interamerican Studies*: Miami, v. 8, n. 3, 1966, pp. 358-370; WRIGHT, Antonia P. Almeida. Brasil / Estados Unidos (1831-1889). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. *História da Civilização Brasileira. Tomo 2, Vol. 6. Declínio e Queda do Império*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 204-205.

¹³⁶ “The Brazilian Revolution was, comparatively, a bloodless one. The glory of Portugal was already waning, her resources were exhausted, and her energies crippled by internal dissensions. That nation made nothing like a systematic and perversing efforts to maintain her ascendancy over her long depressed but now rebellious colony. The insulting measures of the Cortes were consummated only in their vaporeing decrees”.

processos de independência do Brasil e dos países da América Hispânica, os autores valorizavam o que chamavam de transição entre a colônia — ou infância — para a maturidade política dos países:

“Foi uma ventura o Brasil ter desfrutado aquilo que nenhum outro país Hispano Americano pode experimentar – ex. um estado de transição. A nação [brasileira] não teve pressa em sair da condição colonial – uma era de infância – ao auto-governo, que só pode ser um estado natural às nações em sua maturidade. Ela teve, como vimos, o monarca de Portugal, com todo seu prestígio, sendo seu primeiro líder na existência da nação; posteriormente, o filho do rei que, por circunstâncias peculiares foi, for algum tempo ídolo da nação, ajudou o Brasil a vir a ter uma maturidade muito mais adequada ao governo representativo que qualquer daquelas que seus Estados vizinhos alcançaram mesmo obtendo suas independências anteriormente. Se a transição fosse mais violenta, a permanência de tais instituições teria sido posta em risco. Dom Pedro foi, certamente, pelas mãos de Deus, um agente proeminente em dar ao Brasil a forma de governo hoje tão amplamente assegurada no Império” (*Brazil and The Brazilians*, p. 83)¹³⁷.

Para os autores, o governo de D. Pedro I evitou que o Brasil caísse em acirradas disputas internas, como acontecera a seus vizinhos, hispano-americanos. Assim, a Monarquia era vista como solução própria e sábia: fornecera condições à manutenção total do território da antiga colônia, criara e fortalecera instituições nacionais, e com isso, consolidava o Estado nacional brasileiro. Ao mesmo tempo, nessa perspectiva, as iniciativas de construção dos Estados nacionais na América Hispânica pareciam, aos

¹³⁷ “It was fortunate for Brazil had enjoyed that which no Spanish American country had ever experienced – i.e. a transition state. She was not hurried from colonial condition – an era of childhood – into self government, which can only be the normal state of nations in their manhood. She had, as we have seen, the monarch of Portugal, with all his prestige, to be her first leader in nation existence; afterwards the son of the king, who, by peculiar circumstances was for a time the idol of the people aided Brazil in coming to a maturity far better fitted for representative government institutions than any of the neighboring states which had achieved their independence at an earlier date. Had the transition been more violent, the permanence of such institutions would be endangered. Dom Pedro was certainly, in the hands of God a proeminent agent in giving to Brazil that form of government which this day so widely rules the Empire”.

autores, um processo destrutivo, que mantinha os países fragilizados em razão da ausência de acordos em torno de um projeto de governo e ausência de instituições governamentais fortes que contornassem a violência das lutas políticas.

Para os autores, enquanto o Império brasileiro controlava as revoltas provinciais e mantinha o domínio sobre seu território, seus vizinhos latino-americanos se defrontavam com lutas sangrentas pelo domínio político:

“Enquanto todos os governos hispano-americanos têm sido cenário de sangrentas revoluções – enquanto o mundo civilizado observa isso com horror (...) o único governo luso-americano (embora tenha tido revoltas provinciais de curta duração) agüentou nada menos que duas revoluções” (*Brazil and The Brazilians*, p. 77)¹³⁸.

Note-se que a argumentação dos autores em prol da Monarquia constitucional estava vinculada a uma região das Américas após as independências: a América Latina. Para essa parte das Américas, o regime monárquico era o mais indicado já que as suas sociedades não demonstravam “maturidade política”. Os Estados Unidos, ao contrário, na opinião deles, haviam comprovado a capacidade de autogoverno, virtude cívica e estabilidade da sua República. Desse modo, para o Brasil, o regime de governo monárquico parecia mais adequado, ou mesmo necessário, a garantir a ordem social e conduzir o País ao desenvolvimento, instado nos moldes do século XIX. Em contra-exemplo a isso, os autores apresentavam a condição mexicana:

“(...)Mas o pobre México tem sido presa de todo demagogo inescrupuloso que consegue, por algum momento, comandar o exército (...) seus domínios foram dados em despojo, seu comércio travou e diminuiu, por sua própria inércia e política de curta visão(...). O Brasil, por outro lado, tem progredido

¹³⁸ “While every Spanish-American Government has been the scene of bloody revolution – while the civilized world has look which horror (...) the only Portuguese American Government (though it has had its provincial revolts of a short duration) has beheld but two revolutions, and those were peaceful, - one fully in accordance with the Constitution”.

continuamente(...). Este grande contraste não pode ser apurado completamente em razão dos dois povos e das suas respectivas formas de governo. É uma verdade indiscutível que uma Monarquia é mais adaptada às nações latinas que uma República, e é igualmente visível que há uma grande dessemelhança entre os hispânicos e seus descendentes e os portugueses e seus descendentes” (*Brazil and The Brazilians*, p. 77-78)¹³⁹.

Em primeiro lugar, a comparação entre Brasil e México se justificava por ambas as nações serem consideradas latinas. Os autores enfatizaram as discrepâncias entre a sociedade brasileira e a mexicana, em termos de desenvolvimento político e progresso material, atrelando tais condições ao regime político adotado por cada país¹⁴⁰. Desse modo, a ideia de adequação monárquica relacionava-se à determinada região e às “sociedades inferiores”, consideradas ainda despreparadas ao auto-governo. Ao demonstrar o crescimento brasileiro em contraponto ao retrocesso mexicano, era comprovada uma adequação do regime monárquico aos latinos, que garantia à

¹³⁹ “(...)But poor Mexico has been the prey of every unscrupulous demagogue who could for the moment command the army (...) her dominion has been despoiled; her commerce crippled and diminished by her own inertness and narrow policy (...) Brazil, on the other and as continually progressing. (...)This great contrast cannot be accounted for altogether on the ground of difference between the two people and between their respective forms of government. It is a doubtless true that a Monarchy is better suited to the Latin nations than a Republic; and it is equally apparent that there is a very great dissimilarity between the Spaniard and his descendents, and the Portuguese and his descendants. The Spaniard affects to despise the Portuguese and the latter has of late years been underrated in the eyes of the world. The child of Castille, take him where you will, is ambitious, chilvaric, bigoted, vain, extravagant and lazy. The son of Lusitania is not wanting in vanity, but is more tolerant and less turbulent than his neighbor, and is a being both economical and industrious”.

¹⁴⁰ No período em que *Brazil and The Brazilians* era produzido havia se passado quase dez anos do início da Guerra contra o México (1846-1848), quando o país latino-americano perdeu metade do seu território para o país do norte. Kidder e Fletcher, ao tratarem da baixa atividade comercial mexicana, assim como a instabilidade política do país, suprimiram a guerra da sua narrativa. Depreende-se, portanto, que o texto de Fletcher justificava a ação norte-americana sobre o território mexicano como forma de melhor geri-lo, e, conseqüentemente, levar a civilização à região, numa acepção próxima ao Destino Manifesto.

sociedade estabilidade e o caminho para a “almejada” maturidade política e, conseqüentemente, crescimento econômico¹⁴¹.

Nisso, também estava implícito que a República era apropriada aos Estados Unidos, sociedade predominantemente anglo-saxã, onde era exercida desde 1776, apesar das distinções e divergências entre norte sul na década 1850 que desagüaram na Guerra Civil de 1861-1865. É interessante observar que Fletcher tanto criticou a instabilidade e “anarquia” das repúblicas hispano-americanas, todavia, viveu para ver a guerra mais sangrenta que as Américas viram no século XIX, a Guerra Civil norte-americana já citada – que teve a questão da escravidão como central – na qual morreram 620 mil homens e tantos outros milhares ficaram feridos.

Retornando da pequena digressão, é necessário ressaltar que o pensamento que associava a Monarquia como forma política mais compatível ao desenvolvimento de nações latinas, ao invés da República, não era exclusivo de Kidder e Fletcher. Reflexões sobre esse assunto se encontravam, por exemplo, no pensamento do intelectual argentino Juan Batista AlberdÍ (1810-1884), em seu livro, *Bases*, publicado em 1852. Segundo ele, a República “não era uma verdadeira prática em seu solo”. Nesse aspecto, o autor apontava o governo monárquico brasileiro como o apropriado a “proteger a civilização”, enfatizando sua adequação às condições existentes no país¹⁴². Portanto, as formas de governo, ao se adaptarem às características do povo, conduziriam à civilização; seriam capazes de compatibilizar as respectivas especificidades, de cada

¹⁴¹ Aqui o termo “sociedades” está entre aspas, pois, no pensamento da época, ele se associava ao pensamento racial que diferenciava brancos e negros e cindia os caucasianos nos “ramos raciais”: anglo-saxão e latino. Os anglo-saxões, nessas teorias, eram considerados superiores em relação aos latinos. Cf.: HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny. The Origins of American Racial Anglo-Saxonism*. Cambridge: Harvard University Press, 1981, p. 99.

¹⁴² Cf.: ALBERDÍ, Juan Batista. *Bases y puntos de partida para La Confederacion en La Republica Argentina*. Buenos Aires, Editorial Plus Ultra, 1852, pp. 69-70, Apud VIANNA, Luiz Werneck. “Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: vol. 34, n. 2, 1991, p. 150.

nação, aos paradigmas do progresso, mesmo que esses povos fossem considerados menos aptos.

Em *Brazil and The Brazilians*, era possível depreender, portanto, a existência, para os autores, de uma racionalidade política brasileira, que procurava “preparar o terreno” para o desenvolvimento e progresso material ao longo de sua História:

“Quase todo o passo no progresso brasileiro foi preparado por um avanço gradual prévio: a nação não caiu de uma vez no auto-governo. Ela emergiu da condição de colônia ao status de residência da Corte de Lisboa e, desfrutou, por anos, da posição de constitutiva do Reino de Portugal. O atual estado pacífico em que o Império, sob as mãos de D. Pedro II se encontra foi precedido por uma década na qual a capacidade de auto governo de seu povo foi desenvolvida na Regência” (*Brazil and The Brazilians*, pp. 137-138)¹⁴³.

Desse modo, o Império brasileiro não era um regime centralizado e tirânico, optara pela racionalidade, e era o mais indicado à condição de sua população, ou seja, pensado em relação às condições particulares brasileiras. Deve-se notar que os temas discutidos por Kidder e Fletcher – e indiscutivelmente mais por esse último – eram debatidos a partir dos recursos e das questões do período. Divergia-se ainda sobre a efetividade da institucionalização do regime republicano em grandes territórios e a propriedade de um governo monárquico constitucional em regiões extensas.

Ainda que Kidder e Fletcher lançassem luz sobre os Estados Unidos e sombras sobre a América Latina, deve-se lembrar que mesmo o Estado nacional norte-americano não estava consolidado: comprova esse fato as disputas entre norte sul em nome da escravidão, já citadas, que se radicalizavam no país: a República, instituída pelos norte-americanos, era ainda um experimento. Tudo indicava que promissor, com algumas de

¹⁴³ “Almost every step in Brazilian Progress has been prepared by a previous gradual advance: she did not leap at once into self-government. She raised up from a colonial state by the residence of the Court from Lisbon and enjoyed for years the position of a constituent portion of the Kingdom of Portugal. The present peaceful state of The Empire under D. Pedro II was preceded by the decade in which the capabilities of the for self government were developed under regency”.

suas instituições em fase de consolidação, mas, ainda, um experimento. Outro exemplo de comparação feita por Kidder e Fletcher entre Brasil e México era apresentado:

“As razões, sob égide da providência, da grande divergência entre os resultados das Constituições brasileiras e mexicanas podem ser resumidas da seguinte forma: – Brasil, enquanto mantido sob a ordem de uma monarquia hereditária, reconheceu completamente os elementos democráticos (...). O México, na formação de sua Constituição, a copiou dos Estados Unidos, mas retirou deste documento, duas particularidades muito importantes, como se um grupo teatral qualquer, devaneando a partir da tragédia original de ‘Hamlet’ atuasse sem o papel do Príncipe da Dinamarca. A Constituição mexicana estabeleceu uma exclusividade religiosa com todo o fanatismo da antiga Espanha e toda e qualquer manifestação pública nos julgamentos e intervenções de júri foram suprimidas. Os pontos de partida de Brasil e México foram totalmente diferentes: o primeiro, feliz numa forma de governo adequada e de princípios liberais desde seu início, ultrapassou o último em tudo aquilo que incorpora grandeza à nação” (*Brazil and The Brazilians*, p. 78-79)¹⁴⁴.

Para os autores, a legislação mexicana indicava a existência de resquícios do período colonial no México independente, sobretudo com relação à permanência de uma religião considerada “fanática”, o catolicismo, e um sistema jurídico remanescente do período colonial. Infere-se que, também, no Brasil, os resíduos coloniais também estavam presentes: do contrário, o regime monárquico não seria necessário. Porém, a Monarquia brasileira aparecia adaptada às circunstâncias do momento do país. Assim,

¹⁴⁴ “The reasons, under providence, of the great divergence in the results of Brazilian and Mexican Constitution may be summed up briefly thus: - Brazil, while providing a hereditary monarchical head, recognized most fully the democratic element (...) Mexico, in the formation of her Constitution, copied that of the United States, but departed from this document, in the two most important particulars, as widely as the oft-quoted strolling actors deviated from the original tragedy when they advertised “Hamlet” to be played minus the role of the Prince of Denmark. The Mexican Constitution established an exclusive religion with all the rigorous bigotry of old Spain; and public judicial proceedings and the intervention by juries were omitted altogether. The starting point of Brazil and Mexico were entirely different: the former, happy in a suitable form of government and in liberal principles from the beginning, has outstripped the latter in all that constitutes true national greatness”.

um e outro, México e Brasil, estavam vinculados aos seus colonizadores, porém, em maior grau, o primeiro, por causa da sua instabilidade política interna.

É preciso reafirmar que na lógica dos autores, países predominantemente católicos, latinos, com indivíduos que não mostravam autonomia, não eram considerados capacitados para autogoverno, deveriam ser governados por um regime forte, monárquico: eram quase como crianças – uma vez que os autores afirmavam que muitas sociedades latinas encontravam-se ainda numa espécie de infância – necessitada de um poder paternal que as gerisse. O Brasil, por suas medidas legislativas e jurídicas era considerado superior ao México, porém, ainda deveria lidar com esses traços presentes em sua população.

A Constituição Brasileira de 1824 foi retratada como símbolo que conferia legitimidade ao governo monárquico. Ela se mostrava apropriada a demonstrar o avanço e a modernidade política do Brasil. A descrição desse documento ocupou dez páginas do texto principal de *Brazil and The Brazilians*, e seus principais artigos estavam no apêndice B, ao fim do livro. Kidder e Fletcher elogiaram-na, e, ao referirem-se a ela como o “Contrato Social” brasileiro, frisavam que era “a segunda”, logo atrás da Constituição norte-americana¹⁴⁵:

“Essa Constituição [a brasileira] iniciou-se sendo o mais liberal de todos os outros documentos similares até então anteriormente elaborados por povos sul-americanos. Em suas sábias e tolerantes noções, e em sua adaptação à nação para a qual ela foi preparada, ela secunda somente àquela que governa a Confederação anglo-saxã da América do Norte. Os Estados e indivíduos podem expressar, em seus estatutos de governo, belas sentenças acerca da igualdade e

¹⁴⁵ Os autores referiam-se à Constituição brasileira, segundo acepção iluminista, como *Government Compact*. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, p. 77. Para um trabalho que discute o tema, Cf.: SLEIMAN, Andréia. Um Império entre Repúblicas? Independência e construção de uma legitimidade para a Monarquia constitucional no Brasil, 1822-1834. In: OLIVEIRA, Cecília Helena Salles de, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Soberania e conflito: configurações do Estado nacional no Brasil do século XX*. São Paulo: Hucitec, 2010.

da razão; mas muito falham na praticidade e em assegurar aqueles vários elementos de justiça, estabilidade e progresso; essas frases acabam como ‘bronze estalado, ou címbalo estridente’. A Constituição brasileira, em grande medida, tem assegurado igualdade, justiça e, consequentemente, prosperidade nacional” (*Brazil and The Brazilians*, p. 76)¹⁴⁶.

Ao compararem a Constituição Brasileira à norte-americana, Kidder e Fletcher enfatizaram as qualidades da primeira: valorizavam seus aspectos liberais, associados à modernidade. Isso era um elemento de aproximação entre Brasil e Estados Unidos, que distanciava, ainda mais, o país sul-americano das repúblicas hispano-americanas. O Brasil foi visto como cumpridor de suas normas, de sorte que os objetivos constitucionais seriam alcançados em torno da tolerância e da justiça¹⁴⁷. Logo, a Constituição permitia a realização de um bom governo do Império segundo os autores.

2.1.1 Um Império descentralizado?

Os autores expunham da seguinte forma a organização política do Império, na descrição dos termos gerais da Constituição brasileira:

“O governo do Império é monárquico, hereditário, constitucional e representativo. A religião do Estado é a Católica Romana, mas todas as outras denominações são toleradas. Os processos judiciais são públicos, e existe o direito do *habeas corpus* e julgamento por júri. O poder legislativo está na Assembleia Geral, que corresponde ao Parlamento inglês ou ao Congresso dos Estados Unidos. Os senadores são eleitos para cargos vitalícios, os

¹⁴⁶ “This constitution commenced by being the most liberal of all other similar documents placed before a South American people. In its wise and tolerant notions, and in its adaptation to the nation for which it was prepared, it is second only to that which governs the Anglo Saxon Confederacy of North America. States and individuals may utter, in their charters of government, fine sentences in regard to equality and right; but they fail in practicability and in securing those very elements of justice, stability, and progress, the eloquent phrases are but ‘as sounding brass or a tinkling cymbal’. The Brazilian Constitution has, to a great extent, secured equality, justice, and consequently national prosperity”.

¹⁴⁷ Na prática, porém, os autores admitiam existir rincões no Império, aos quais as leis não chegavam, quando, por exemplo, mencionaram sobre a sociedade do interior de Pernambuco. Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 522.

representantes para cargos de quatro anos. Os presidentes das províncias são indicados pelo Imperador. Existe uma Assembleia Legislativa em cada província para leis locais, taxações e governo; logo, o Brasil é um Império *descentralizado*. Os senadores e representantes da Assembleia Geral são escolhidos por meio da intervenção de eleitores, como o Presidente dos Estados Unidos, e os legisladores provinciais são eleitos por sufrágio universal. A imprensa é livre, e não há proscrição por conta de cor” (*Brazil and The Brazilians*, p. 76)¹⁴⁸. (destaque dado pelos autores)

No excerto eram enfatizadas a divisão de poderes e o estabelecimento de medidas jurídicas similares as dos governos norte-americanos e ingleses¹⁴⁹. A apresentação da Constituição também afirmava as limitações da Monarquia: “O Imperador do Brasil, pelos vários limites oriundos da Constituição, não tem o escopo de mando como o da descendência de Alexandre II ou as proezas de um Napoleão III” (*Brazil and The Brazilians*, p. 231)¹⁵⁰.

Tais características, de limitação do poder monárquico e de organização política dos legislativos provinciais, presentes na Constituição, garantiam, para os autores, a existência de um “império descentralizado”. No entanto, estudos recentes sobre o Império são suficientes para indicar que o poder não se descentalizara, como

¹⁴⁸ “It most important features may be stated in a few words. The government of the Empire is monarchical, hereditary, constitutional, and representative. The religion of the State is the Roman Catholic, but all other denominations are tolerated. Judicial proceedings are public, and there is the right of habeas corpus and trial by jury. The legislative power is in General Assembly, which answers to the Imperial Parliament of England or to the Congress in United States. The senators are elected for life, and the representatives for four years. The president of the provinces are appointed by the Emperor. There is a legislative Assembly to each province for local laws, taxation and government: thus Brazil is a decentralized Empire. The senators and representatives of the General Assembly are chosen through the intervention of electors, as is the President of the United States, and the provincial legislators are elected by universal suffrage. The press is free, and there is no proscription on account of color”.

¹⁴⁹ O *habeas corpus* era um tipo de jurisprudência considerada moderna e liberal. Desse modo, recebeu destaque na apreciação produzida por Kidder e Fletcher. Sobre a presença dessa medida na Constituição, Cf.: CAMARGO, Mônica Ovinski de. “O Habeas Corpus no Brasil Império: liberalismo e escravidão”. *Revista Sequência*: Florianópolis, n. 49, dez. 2004, pp. 71-94.

¹⁵⁰ “The emperor of Brazil, by the various limits of the Constitution, has not the scope for kingcraft that is in the heritage of Alexander II or the achievement of Napoleon III”.

defendiam os autores¹⁵¹. D. Pedro II tinha um poder considerável em suas mãos e manteve a escravidão até quando possível. Mas, para Kidder e Fletcher, esse era o governo adequado para um país como o Brasil. Mesmo assim, procurava-se assegurar tal afirmação, informando os leitores sobre o papel das Assembleias provinciais na eleição de representantes¹⁵².

A ideia de Império descentralizado, valorizada pelos autores, em primeiro lugar, mostrava-se como um fator de relevância ao apresentar as limitações do poder imperial: “O poder do monarca do Brasil não é como o do monarca da Rússia, mas tão limitado quanto aquele do soberano da realeza britânica” (*Brazil and The Brazilians*, p. 228)¹⁵³. Fosse uma Monarquia ou uma República, os poderes deveriam ser incondicionalmente limitados por uma Constituição. E o Brasil estava no caminho certo, apesar da sua sociedade latina.

Mesmo com os elogios à Constituição Brasileira, Kidder e Fletcher não deixaram de mencionar as circunstâncias de sua outorga, após as divergências entre D. Pedro I e os constituintes, e da dissolução da Assembleia Constituinte.

“É evidente que a seleção do comitê de apenas dez membros, não poderia vislumbrar o quão liberal eram as bases desta constituição, muitos destes membros eram realistas; ainda assim, várias circunstâncias providenciais

¹⁵¹ Cf.: HOLANDA, Sérgio Buarque de, CAMPOS, Pedro Moacyr. *História da Civilização Brasileira*. Vol. 2, *O Brasil Monárquico*. Tomo 5. *Reação e Transação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, pp. 112-114; OLIVEIRA, Cecília Helena Salles de, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Op. Cit.*; MATTOS, Ilmar Rohloff. *No Tempo de Squaremas*. São Paulo: Hucitec, 1987 e DOLHNIKOFF, Miriam. *O pacto federalista. Origens do federalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

¹⁵² Estudos recentes sobre a Constituição consideram a existência de diversos elementos modernos para a época. Cf. BERBEL, Márcia Regina. *A Nação como Artefato. Deputados do Brasil nas Cortes portuguesas, 1821-1822*. São Paulo: Hucitec-Fapesp, 1999 e BERBEL, Márcia Regina e MARQUESE, Rafael de Bivar. “A escravidão nas experiências constitucionais ibéricas”, In: OLIVEIRA, Cecília Helena Salles de, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Op. Cit.*

¹⁵³ “The power of the monarch of Brazil is not like that of the monarch of Russia, but is as limited as that of the sovereign of the British realm”.

conduziram para a produção de um justo e liberal instrumento de governo” (*Brazil and The Brazilians*, p.76)¹⁵⁴.

Para garantir a imagem de solidez e estabilidade à Monarquia no Brasil, necessária à organização do Império e ao desenvolvimento do mesmo, os autores procuraram mostrar ao público norte-americano os avanços em termos legais e políticos e as possibilidades de benefícios trazidos pela Constituição ao Estado Brasileiro.

Os autores tinham por objetivo, portanto, atenuar qualquer aspecto que associasse tirania ou autoritarismo ao regime, sobretudo relacionado ao poder moderador, que, nesse sentido, era estrategicamente omitido. Kidder e Fletcher realçavam nas figuras monárquicas brasileiras, D. Pedro I e D. Pedro II, suas intenções legalistas, populares e bem intencionadas. Nessas impressões se encontravam parte da estima pessoal, que, sobretudo Fletcher, sentia por D. Pedro II, demonstradas claramente no livro.

Mesmo assim, para Fletcher, as condições do Império, em comparação às norte-americanas, eram inferiores, estavam ainda em desenvolvimento. Essa visão trazia em si uma vertente da cultura imperial norte-americana que não via a condição norte-americana como particular, mas sim, como universal. O Brasil era apresentado como Estado Nacional forte no livro, em alguns aspectos, próximo, mas nunca igual ao modelo norte-americano.

Entretanto, mais interessante é o fato dos autores, ainda que simpatizassem com o Brasil e seu governo, sentirem-se autorizados a avaliar não apenas os Estados Unidos como país de destaque, aquele que estava no caminho certo, mas tecerem seguras críticas ao apresentarem a seus leitores a condição dos países da América Latina, a

¹⁵⁴ “It is evident that the drafting committee of ten could not foresee how liberal were the provisions of this Constitution, for most of them were staunch royalists; yet, various providential circumstances conduced to the production of a just and liberal instrument of government”.

partir de hierarquias, nas quais se posicionavam primeiro os avançados, caso do Brasil, e, em seguida, os atrasados. Assim, instada nessa perspectiva avaliativa, a Cultura Imperial e a voz de autoridade de Kidder e Fletcher são claras em *Brazil e The Brazilians*.

2.2 Aspectos do funcionamento do Império brasileiro

Foram apresentados até aqui os argumentos de Kidder e Fletcher para legitimar e indicar a Monarquia brasileira como o regime mais adequado para o Brasil em particular, e para a América Latina em geral. Agora, serão apresentadas observações dos autores sobre o funcionamento de algumas práticas políticas do Império, às vezes aproximando-as de práticas norte-americanas, outras vezes, distanciando-as. Eles descreveram o processo eleitoral, os partidos políticos, o ofício diplomático brasileiro etc. Foram destacados os tópicos que os autores mais estabeleceram comparativos.

2.2.1 Eleições no Brasil e nos Estados Unidos.

Os autores explicavam ao público norte-americano que a Constituição brasileira garantia a participação política de parte da população, já que era eleitor o indivíduo proprietário. Kidder e Fletcher iam mais longe e mostravam aos norte-americanos que “os deveres dos cidadãos brasileiros estão claramente definidos na Constituição e nas Leis do Império” (*Brazil and the Brazilians*, p. 182)¹⁵⁵

“Uma eleição no Brasil não é tão dessemelhante de uma realizada nos Estados Unidos. O Rio de Janeiro é dividido em dez ou doze paróquias (*freguezias*) ou distritos. Uma listagem de votantes é posta em cada paróquia por algumas semanas antes da eleição e o governo designa clérigos e inspetores para as

¹⁵⁵ “The duties of the Brazilian citizen are clearly defined in the Constitution and by-laws of The Empire”.

várias *freguezias*. As eleições são realizadas nas igrejas”. (*Brazil and The Brazilians*, idem)¹⁵⁶.

Aqui, os autores tentaram aproximar o exercício do voto no Brasil ao que acontecia nos Estados Unidos, já que insistiam que a prática não era muito diferente da norte-americana. A interpretação pessoal dos autores, base, também, para a formulação da ideia de Império *descentralizado*, apresentou este argumento para que fossem desenvolvidas aproximações entre o exercício da política pelos brasileiros e pelos norte-americanos¹⁵⁷. Interessava mostrar aproximações entre Estados Unidos e Brasil, nesse quesito, evidenciando que a eleição brasileira pouco se distinguia da norte-americana¹⁵⁸. Como se sabe, a eleição norte-americana era, e é, indireta. Os eleitores votavam em seus bairros - em escolas ou prédios públicos ou comunitários – num Colégio Eleitoral – que escolhe o Presidente da República. Na década de 1850, já votava nos Estados Unidos todo homem branco que pagasse impostos.

¹⁵⁶ “An election in Brazil is not very dissimilar to an election in the United States. Rio de Janeiro is divided into ten or twelve parishes (*freguezias*) or wards. A list of voters in each parish is posted up for some weeks before an election and the government designates clerks and inspectors for the various *freguezias*. The elections are held in churches”.

¹⁵⁷ Miriam Dolhnikoff encaminha suas reflexões a respeito da descentralização do Império. Isso faz com que a historiadora aponte uma nova forma de se olhar a política brasileira: como sendo menos impositiva por parte do Estado monárquico e mais conciliatória. Este olhar valoriza a ação política do período regencial e dos momentos de conciliação das décadas de 1840 e 1850. Uma coisa interessante a ser notada aqui é que os autores de *Brazil and The Brazilians* travaram contato com vários dos políticos cujos projetos foram analisados por Dolhnikoff, como Diogo Feijó (como mostrado no capítulo 1) e com Nicolau Vergueiro. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, p. 378; 401-420. Cf.: DOLHNIKOFF, Miriam, *Op. Cit.*.

¹⁵⁸ No entendimento de Cecília Helena de Salles Oliveira, as condições essenciais para o exercício da política, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, tinham as mesmas bases ideológicas, pois calcavam-se nos princípios de que seriam eleitores os homens livres e proprietários de bens. Cf. OLIVEIRA, Cecília Helena. *Op. Cit.*, p. 210. Sobre a conquista do voto nos Estados Unidos, consultar: KEYSSAR, Alexander. *The Right to Vote. The Contested History of Democracy in the United States*. Nova York: Basic Books, 2000.

2.2.2 Estados Unidos, Brasil e o corpo diplomático.

Kidder e Fletcher também expuseram opiniões sobre os quadros diplomáticos brasileiros e desdobraram-se em enaltecer o Brasil, elogiando a atuação da diplomacia brasileira fora das fronteiras nacionais. Esse tema era de interesse mais de Fletcher do que propriamente de Kidder, ainda que os dois assinassem o livro:

“O Brasil tem sempre sido bem representado em terras estrangeiras, e seu corpo diplomático não é, como o dos Estados Unidos, recrutado de meras fileiras partidárias, mas seus membros são encaixados em seus postos devido a sua educação, disciplina e graduação, da mesma maneira dos quadros diplomáticos da Inglaterra e da França (*Brazil and The Brazilians*, p. 185)”¹⁵⁹.

Nessa apreciação, deve se considerar que Fletcher havia sido anteriormente afastado do quadro diplomático norte-americano no Brasil, por divergências com o cônsul William Trousdale. Logo, é fundamental entender aspectos da subjetividade do autor contidos nesta crítica. Fletcher, homem preparado em escolas religiosas, considerava-se um erudito viajado, filho do meio-oeste, com ideais que considerava “nobres e progressistas”. Em sua perspectiva, havia sido preterido pelo governo de seu país em prol de outros norte-americanos que ele considerava menos preparados para o exercício diplomático¹⁶⁰. O desagrado do autor a esse respeito reapareceu, aprofundado,

¹⁵⁹ “Brazil has always been well represented in foreign lands, and her diplomatic corps is not, like that of the United States, recruited from mere political partisans, but its members are fitted for their posts by education, discipline and graduation, in the same manner as the diplomatic ranks of England and France”.

¹⁶⁰ Ambos diplomatas citados por Fletcher eram militares com relações políticas importantes. William Trousdale servira na Guerra contra o México, sendo depois apadrinhado pelo presidente Andrew Jackson, assim como James W. Webb, que, além de militar, era jornalista, e mantinha boas relações com o Secretário de Estado, William Seward. Cf. HORNE, Gerald. *O Sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o Tráfico Internacional de Escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. e SAMPAIO, Maria Clara Salles. *Fronteiras Negras ao Sul: A Proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afro-descendentes norte-americanos na Década de 1860*. Dissertação (Mestrado em

nas cartas que escrevera ao Imperador. Em uma delas, a atuação dos diplomatas norte-americanos no Brasil parecia funcionar como um jogo de exclusão:

“O General [JamesWatson] Webb fica cheio de si ao falar sobre coisas que *ele irá fazer* e algumas vezes diz a cavalheiros dos Estados Unidos que ele pode fazer o que desejar com o Imperador e com o Império do Brasil. Mas é sabido aqui que o Sr. [William] Seward está ansioso para mantê-lo longe do Estados Unidos, pelo fato dele, Webb, ser um ‘fardo’ intolerável à Secretaria de Estado. Nós ficamos desolados, pelo Brasil e por nós, por termos tal homem no Rio de Janeiro” (grifo do autor)¹⁶¹.

Embora essa carta tenha sido escrita após uma década do lançamento do livro, a crítica feita a James W. Webb e à posição do Secretário de Estado William Seward resvalava nos problemas já apresentados anteriormente, no livro. Fletcher se ressentia por ter sido preterido dos quadros diplomáticos norte-americanos no Brasil e notava a postura inadequada com que Webb se portava no Brasil¹⁶². Esse ressentimento trouxe outros desdobramentos. Em carta enviada a seu pai, Fletcher observou que o despreparo diplomático também se relacionava com uma prática do governo norte-americano que julgava os políticos brasileiros como não à altura dos norte-americanos nesse tipo de negociação, subjugando-os.

Outro exemplo de contenda diplomática que envolveu Estados Unidos e Brasil, na época, e que foi comentada por Kidder e Fletcher, refere-se ao projeto do poderoso

História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo).

¹⁶¹ Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II, Doc. 6984. New York, 23.05.1868. JAMES, David. *Op. Cit*, p.185. “*General Webb is very fond of publishing great things which he’s going to do, and has sometimes told gentlemen from the United States that he can do what he pleases with the Emperor and The Empire of Brazil. But it’s known here that Mr. Seward is anxious to keep him away from the United States as he (Webb) is an intolerable ‘bore’ to the Secretary of State. We are sorry, for Brazil and for ourselves we have such a man at Rio de Janeiro*”.

¹⁶² Maria Clara Sampaio, ao esboçar a trajetória de James Watson Webb no Brasil, nota que, de fato, desde sua chegada no Império, ele gerou alguns embaraços diplomáticos, característicos de uma postura diplomática intransigente. Cf. SAMPAIO, Maria Clara Salles Carneiro. *Op. Cit*, pp. 24-27.

virginiano e superintendente do *U. S. Naval Observatory*, Tenente Matthew Fontaine Maury (1806-1873), que, em 1853, teve suas cartas traduzidas e publicadas no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro. Nessa correspondência, ele propunha a transferência de negros do vale do Mississippi, nos Estados Unidos, para o vale do Amazonas, no Brasil e notava a possibilidade futura de uma colônia norte-americana na região. O tenente fora um dos oficiais que tivera seu pedido para a navegação no Rio Amazonas negado pelo governo brasileiro em 1850. Com base nessa negativa, o tenente publicou, no periódico *National Intelligencer*, entre 1851 e 1852, uma série de artigos acusando o governo de intransigência e denegrindo a imagem do Império aos norte-americanos¹⁶³. A tradução e publicação dessas cartas para português gerou diversas contendas diplomáticas com o Brasil, comentadas, e lastimadas, em *Brazil and The Brazilians*:

“Em 1853, uma tradução das cartas do Tenente Maury foi publicada no *Correio Mercantil do Rio de Janeiro*, um jornal de grande circulação do Rio de Janeiro; e lembro-me bem da comoção que suas comunicações sobre o Amazonas causaram na capital, em relação a uma notícia de que uma expedição ‘filibusteira’ estava de saída de Nova Iorque para forçar a abertura do Grande Rio. Este é certamente um assunto de muito arrependimento de alguém, cujos escritos e investigações científicas não apenas recebeu as mais altas comendas dos grandes e sábios dos dois continentes, mas abençoou e continua a abençoar o mundo, que se permitisse a fazer uso de uma linguagem de modo a inflamar uma nação tão sensível, com alguns argumentos que só poderiam tender ao ‘filibusteirismo’. Se o tenente Maury deixasse de lado a linguagem ofensiva e uma porção de suas queixas, que têm sido legitimamente interpretadas por brasileiros como nada menos do que uma defesa da teoria de que o poder faz o

¹⁶³ As cartas de Maury com a proposta de imigração de negros ao território brasileiro foram tomadas como uma atitude anexionista dos norte-americanos. Cf. HORNE, Gerald. *Op. Cit.*, pp. 12-18 e SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. *Op.Cit.*, pp. 82-110. Além disso, a proposta de livre navegação aparentava aos políticos brasileiros uma completa negligência aos debates instaurados no Legislativo do país, onde questões sobre a navegação do Amazonas já se colocavam em discussão. Cf. GREGÓRIO, Vitor Marcos. *Uma face de Jano: a navegação do rio Amazonas e a formação do Estado Brasileiro (1838-1867)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo).

direito, acredito que seria muito melhor para nosso país e para o Brasil. Desde esse acontecimento, tem sido impossível negociar tratados com o Brasil – um governo ao qual necessitamos estar fortemente conectados. Não há reciprocidade entre nós.” (*Brazil and The Brazilians*, p. 578-579)¹⁶⁴. (Grifos do autor)

Era visível para Fletcher, pensando no conhecimento que ele adquirira por suas amizades brasileiras, quão danosa era a postura arrogante que os quadros diplomáticos norte-americanos tinham em solo brasileiro. Sem conhecer o País, norte-americanos como Maury geravam indisposições que interferiam negativamente na possibilidade de intensificação de intercâmbios de toda a espécie entre Estados Unidos e Brasil. Para Fletcher, a pressão que Matthew Fontaine Maury exercia sobre o Brasil era como uma prática filibusteira de norte-americanos fora das fronteiras nacionais.

Assim, as menções ao bom preparo dos diplomatas brasileiros contidas em *Brazil and The Brazilians*, demandavam, do governo norte-americano, além de melhor preparo, relações mais amistosas com o Brasil. Ainda que monárquico, o país deveria ser compreendido como inserido no panorama das relações internacionais e não, como o corrente no senso comum, como “país subordinado”. O Império brasileiro, portanto, era, para Fletcher, merecedor da mesma deferência que os Estados Unidos tinham para com outros países – não deveria ser tratado como nação bárbara, incivilizada.

¹⁶⁴ “In 1853, a translation of Lieutenant Maury’s letters was published in the widely circulated *Correio Mercantil* of Rio de Janeiro; and I well remember the commotion his communications on the Amazon caused at the capital, in connection with a report that a ‘fillibusterring’ expedition was fitting out at New York to force the opening of the great river. It is certainly a matter of deep regret that one whose writings and scientific investigations have not only received the highest encomiums from the great and learned society of both continents but have blessed and are blessing the world should have permitted himself to make use of a language which could only inflame a sensitive nation and of some arguments can only trend to ‘fillibustiering’. If Lieutenant Maury had left out the offensive language, and a portion of his reasoning, which has been by Brazilians legitimately construed as nothing less than an advocacy of the theory that might makes right, I believe that it would have been much better for our country and for Brazil. Since that time it has been impossible to negotiate with Brazil, - a government with which we ought to be closely linked. There is no reciprocity between us. (...)”.

2.2.3 Rituais da Monarquia brasileira e cerimônias da República nos Estados Unidos.

Em *Brazil and the Brazilians*, Kidder e Fletcher não consideraram os rituais da Monarquia brasileira excessivos, desnecessários e inadequados ao mundo “civilizado”, como outros viajantes republicanos que passaram pelo Brasil¹⁶⁵. Os autores compreenderam tais cerimônias como eventos constitutivos da nação, tal como nos Estados Unidos, porém, adequados às condições brasileiras, entendidas como bases de fortalecimento da identidade nacional que o Império ajudara a forjar, justificados a partir de comparações com eventos políticos norte-americanos. Sobre a Abertura da Assembleia Nacional, que ocorria no dia 3 de maio:

“Vários prédios públicos importantes estão nesta grande praça [o Campo de St. Anna]. Ela apresenta uma animada cena no três de maio, quando a sessão da Assembleia Geral é aberta pelo Imperador em pessoa. A procissão de São Cristóvão até o Palácio do Senado não é ultrapassada em nenhum efeito cênico de qualquer evento semelhante na Europa. Os guardas a pé (alabardeiros) com suas lanças – os dragões e hussardos com seus brilhantes e pitorescos uniformes – a banda militar montada – as grandes carruagens reais (...) A abertura das Câmaras é sempre realizada por Sua Majestade em pessoa. Ele lê um breve comentário endereçado, apresentando a condição e as necessidades do Império e, após isso, pronunciando a sessão aberta, desce do palanque seguindo em procissão com seu cortejo imperial formado por todos os dignatários da corte e membros da Assembleia. O cortejo retorna à São Cristóvão [residência imperial] por ruas decoradas com cortinas de seda carmesim e cetim com brocados. Não há o mesmo entusiasmo dispensado nesta cerimônia que aquele

¹⁶⁵ Como vimos no primeiro capítulo, Thomas Ewbank, com quem Kidder e Fletcher frontalmente discordaram, foi um dos viajantes que repudiou as práticas da Monarquia no país. Cf.: PAULINO, Carla Viviane. “*O Império do Atraso*”: *Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011, pp. 83-88 (mimeo).

manifestado na cerimônia de posse de um novo presidente dos Estados Unidos, pois, as circunstâncias são diferentes: o discurso de abertura do Imperador corresponde à mensagem anual do presidente, não há ocasião [no Brasil] para os procedimentos jubilosos que seriam correspondentes a uma posse. O princípio monárquico está profundamente embebido no coração dos brasileiros e a suas adaptações a ela [à Monarquia] e ao seu país é infinitamente superior ao republicanismo” (*Brazil and The Brazilians*, p. 211-213)¹⁶⁶.

Para os autores, cerimônias como a da Abertura da Assembleia Nacional se mostravam mais condizentes aos brasileiros do que as práticas do republicanismo. O envolvimento da sociedade para com esse evento garantia apoio à Monarquia e uma espécie de unidade entre os brasileiros. Essa opinião, que relacionava a unidade nacional aos ritos imperiais, é reiterada no trecho em que os autores comentaram sobre as festividades da ascensão de D. Pedro II ao trono, em 1842:

“Até onde pompa e circunstância pudessem promover a estabilidade de um governo e assegurar algum respeito perene pela coroa, tudo foi feito para o Brasil até o dia em que possivelmente mudanças pudessem ser feitas sem grandes perdas significativas ao comando. (...)A existência deste estado de coisas formou o principal pretexto para a demonstração esplêndida. A cerimônia era pensada como assunto de primeira importância a envolver o trono com

¹⁶⁶ “Many important public buildings are upon the side of this large square (...) It presents an animated scene on the 3rd. May, when the session in Assembleia Geral is opened by the Emperor in person. The procession from St. Christóvão to the Palace of the Senate is not surpassed in any scenic effect by any similar pageant in Europe. The foot-guards (halberdiers,) with their battle axes, - the dragoons and the hussars in picturesque and bright uniforms, - the mounted military bands, - the large state carriages(...) The opening of the Chambers is always performed by His Majesty in person. He reads a brief address from the throne, setting for the condition and necessities of the Empire, and then, pronouncing the session aberta, descends from the dais, followed in procession to his Imperial carriage by all dignataries of court and members of the Assembly. The courtège returns to San Christóvão through streets that are decorated with hangings of crimson silk and satin brocades. There is not the enthusiasm attending this ceremony which is manifested at the inauguration of a new president in the United States, but circumstances are different: the opening address of the Emperor corresponds to the annual message of the president, and there is no occasion for the jubilatic proceedings which are the concomitant parts of a inauguration. The monarchical principle is deeply imbedded in the heart of the Brazilians and, in its adaptation to them and their country, it is infinitely superior to republicanism”.

tamanho grau de esplendor que pudesse para sempre refletir nos olhares do povo” (*Brazil and The Brazilians*, p. 226)¹⁶⁷.

Pelos registros, a cerimônia de coroação era entendida pelos autores como um esforço canalizado por parte do governo brasileiro no intuito de despertar comoção na sociedade. Aqui, o autor avalia que a forja desses sentimentos na população era necessária. Com seus rituais, o Império geria a sociedade que ainda não apresentava suficiente maturidade e autogoverno. Se, em muitos momentos, os autores procuravam mostrar aos norte-americanos que o Brasil não era um país tão estranho e distante dos Estados Unidos, em outros, como esse, eles distanciavam um do outro ao enfatizar o estágio ainda “infantil” em que se encontravam os brasileiros. Ainda que, essa apresentação fosse feita de forma respeitosa, procurando justificar as finalidades de tais práticas de maneira intelegível a público norte-americano.

Interessante também notar que a forma como Kidder e Fletcher interpretaram a finalidade desses eventos e festividades políticas, como centrais à organização do Estado brasileiro não foge muito daquilo que Lilia M. Schwartz afirma:

“É apenas na monarquia que a etiqueta alcança tal importância que realidade e representação confundem-se em um jogo intrincado. Nesse sistema em que o ritual não está só nos costumes mas consta das próprias leis, e em que a etiqueta não é secundária, porém parte fundamental do sistema, o que importa é *ver* o que o monarca vê. É o olhar do rei que faz milagre, é o consenso em torno de seu poder ritual que ‘veste os nus’”¹⁶⁸.

¹⁶⁷ “So far as pomp and circumstance could promote the stability of a Government and secure a lasting respect for a crown, every thing was done for Brazil on that day that possibly could be done without greater means at command (...) The existence of this state of things formed a principal pretext for the splendid demonstration. It was thought to be an object of the first importance to surround the throne with such a degree of splendor as would forever hallow it in the eyes of the people”.

¹⁶⁸ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 35.

As descrições e reflexões de Kidder e Fletcher sobre os eventos de 3 de maio e da coroação de D. Pedro II, assim como o argumento da pesquisadora, consideraram a importância da ritualística de poder na vida política social brasileira. O Estado tinha, por necessidade, através desses eventos, ser afirmado a partir de seus ritos, como também dos espaços de sociabilidade criados a partir dos eventos; afinal, gerava-se uma comoção e uma ideia de pertencimento à nação por meio deles.

Numa tentativa de não desqualificar a nação brasileira aos norte-americanos em razão da necessidade dessas festividades, os autores identificavam que, independentemente do regime político, os rituais faziam-se necessários à construção nacional: na nação brasileira ou na norte-americana, ainda que fossem de caráter diferente. Eles compararam a comoção social brasileira a dos norte-americanos na cerimônia de posse do presidente, onde eram demonstrados “procedimentos jubilosos” ou mesmo, um patriotismo exarcebado. Fletcher também descreveu seus sentimentos de pertença nas comemorações do Quatro de Julho, enquanto viajava por São Paulo, em 1855: “Eu dei vazão ao meu patriotismo ao gritar, em tom furioso, ‘*Yankee Doodle*’ e um ‘*Hail Columbia*’ para a não pouca admiração e assombro dos negros transeuntes” (*Brazil and The Brazilians*, p. 427)¹⁶⁹.

Assim, a comparação que Kidder e Fletcher apresentaram a partir das festividades políticas nos Estados Unidos aproximava os universos norte-americano e brasileiro, expondo, também, a necessidade da participação popular no apoio ao regime instituído, fosse no Brasil, fosse nos Estados Unidos, embora ratificasse as diferenças entre ambas.

¹⁶⁹ “*I gave vent to my patriotism in shouting, at a furious rate, ‘Yankee Doodle’ and ‘Hail Columbia’ to the not small amusement and astonishment of the sable passer-by*”. “Yankee Doodle” e “Hail Columbia” são cantigas do folclore norte-americano. Disponível em: http://www.loc.gov/teachers/lyrical/songs/yankee_doodle.html e <http://lcweb2.loc.gov/diglib/ahas/loc.natlib.ahas.200000008/default.html>>. Acesso em nov. de 2012.

Logo, é possível notar no texto de Kidder e Fletcher uma tensão: por um lado, o apelo popular à Monarquia a referendava como regime instituído: ela era consentida, desejada e incorporada pela população do Império, da mesma forma que os norte-americanos consentiam a República; por outro, o fato da Monarquia ser necessária, em razão da presença de sociedade imatura, distanciava brasileiros de norte-americanos. Assim, os argumentos dos autores que aproximavam Brasil dos Estados Unidos carregavam também o seu contrário: o distanciamento entre um país e outro.

2.2.4 A nobiliarquia como válvula de segurança para os problemas sociais no Brasil

A nobiliarquia foi outro componente importante da sociedade brasileira, o qual os autores descreveram e tentaram justificar para leitores norte-americanos, que repudiavam a Monarquia e as práticas próprias da nobreza:

“A nobiliarquia no Brasil não é hereditária, mas *bene merito*, e não tem nenhum interesse territorial ou influência política. Se um brasileiro distinguiu a si mesmo pela sua habilidade política, seu valor, ou por sua filantropia, e recebe uma patente de nobreza do Imperador, seu filho não se torna, por consequência nobre. O título é perdido pela família na morte de seu possuidor (...). Estes [títulos de nobreza](...) são, sem dúvida, grandes válvulas de segurança para a ambição e vaidade de um povo ao qual não foram ensinadas lições de simplicidade. Eles são, em grande parte, inofensivos; e se fazem os brasileiros felizes e promovem o bem estar do país, isso não deveria fazer nem o mais rígido republicano reclamar, ou desejar esquadrinhar todos os outros governos segundo seus parâmetros”(Brazil and The Brazilians, p. 186)¹⁷⁰.

¹⁷⁰ “Nobility in Brazil is not hereditary, but *bene merito*, and has no landed interest or political influence. If a Brazilian has distinguished himself by his statesmanship, his valor, or his philanthropy, and receives patent of nobility from the Emperor, his son does not thereby become a noble. The title is lost to the family at the death of its possessor. (...) These (...) are, doubtless great safety-valves for the ambition and vanity of a people who have never yet learned the lesson of simplicity. They are, at most, harmless; and, if they make the Brazilians happy, and promote the welfare of the country, it does not become the most rigid republican to complain or to wish to square every other Government by his Procrustean bed”.

Existe aqui, também, uma dicotomia no argumento dos autores ao explicarem a presença e as motivações de práticas não incentivadas nos Estados Unidos, caso da titulação nobiliárquica: por um lado, os autores afirmavam que a nobiliarquia brasileira era baseada no mérito e não em hereditariedade; por outro, reconheciam na natureza do brasileiro uma tendência ao fausto, à vaidade: a quem não havia se ensinado lições de simplicidade tal como, provavelmente, nos Estados Unidos. Essas práticas relacionavam-se, novamente, à questão da latinidade, da qual o brasileiro fazia parte. Mesmo assim, os autores creditavam uma função na nobiliarquia ao atribuírem-lhe o termo *válvula de segurança*. Eles a entendiam como componente atuante na manutenção da estabilidade política brasileira. Tal como a Monarquia, a nobiliarquia se mostrava necessária para a contenção dos populares e atenuação de disputas políticas como as que ocorriam nos países hispano-americanos.

Novamente, a passagem revela o fato dos norte-americanos mostrarem simplicidade, autocontrole e discernimento, próprios da prática pública civil, enquanto os brasileiros em particular – e os latinos em geral – mostrarem dependência, apreço por rituais e cerimônias faustosas e necessidade de um líder forte como um Imperador.

Assim, ao procurarem explicar aos norte-americanos as razões e funções sociais dos rituais brasileiros, os autores dialogaram com eventos e valores presentes nos Estados Unidos. Mas não é demais enfatizar que por mais positivos que parecessem os rituais próprios da Monarquia aos brasileiros, eles mostravam ainda a imaturidade da população do país para o autogoverno. Os brasileiros eram, ainda, inaptos à República.

2.2.5 O papel do Imperador

Kidder e Fletcher conferiram grande centralidade a D. Pedro II, muito provavelmente em razão da amizade e admiração que Fletcher, como mostramos no

capítulo um, nutria para com o monarca. Além disso, como já exposto, sua figura ilustra as primeiras páginas de *Brazil and The Brazilians*. O enaltecimento e reverência a ele também pode ser notado durante a descrição do cerimonial de Abertura da Assembleia Nacional:

“O Imperador é, de fato, um Saul, - cabeça e ombros acima de seu povo, e, em suas vestes reais, com sua coroa sobre sua fronte, justo semblante e cetro nas mãos (...) ele é um esplêndido espécime da humanidade (...) num piscar de olhos se pode ver que naquele grande cérebro e belo olho azul, que ele não é um mero joguete sobre o trono, mas, um homem que *pensa* (grifo do autor)” (*Brazil and The Brazilians*, p. 212)¹⁷¹.

A figura da realeza e da justiça se consubstanciavam em D. Pedro II. O País mantinha o *status quo* em razão da autoridade e capacidade de liderança do Imperador:

“Mas é muito raro, na história das nações, encontrar um monarca que combine tudo aquilo que o mais escrupuloso legalista seria, que seja limitado por todas as verificações que um constitucionalista requeresse, e que, ainda assim, tivesse o apelo e o respeito de seus súditos e a admiração do mundo, por seus talentos e estudos em ciência e literatura. Essa rara combinação é encontrada em D. Pedro II” (*Brazil and The Brazilians*, p. 231)¹⁷².

Viril, legalista, talentoso e afeito à ciência e à literatura: essas foram imagens de D. Pedro II que se disseminaram no Brasil e que se apresentaram em *Brazil and The Brazilians*. Por iniciativa, sobretudo, de Fletcher, elas também circularam nos Estados Unidos da metade do século XIX.

¹⁷¹ “The Emperor is, indeed, a Saul, - head and shoulders above his people; and in his court dress, with his crown upon his fine, fair brow, and his sceptre in his hands (...) he is a splendid specimen of manhood (...) at a glance one can see, in that full brain and in that fine blue eye, that he is not a mere puppet upon the throne, but a man who thinks”.

¹⁷² “But it is very rare, in the history of nations, to find a monarch who combines all that the most scrupulous legitimist would exact, who is limited by all the checks that a constitutionalist would require, and yet has the greatest claim or the respect of his subjects and the admiration of the world, in his native talent and in his acquisitions in science and literature. These rare combinations meet in Dom Pedro II”.

Nos trechos, os autores evidenciaram a personalidade do monarca, como no busto de D. Pedro II, presente no início do livro: distinto, austero e pacífico; porém dotado de simplicidade, usando trajes civis e carregando apenas o brasão do Império do lado esquerdo do peito. A imagem que identificava o monarca no livro aproximava-o dos leitores norte-americanos: um homem digno, sem luxos ou ostentação. Assim, ainda que a Monarquia tivesse seus rituais, considerados faustosos pelo olhar republicano, eram destacados no Imperador seus méritos intelectuais e administrativos, ou seja, era alguém que se mostrava suficientemente qualificado para o cargo que ocupava, de governar o Brasil, capacitado a conduzir o país rumo ao progresso.

Embora os autores notassem o poder do Imperador limitado pela Constituição, nas entrelinhas é possível perceber que o papel político exercido por D. Pedro II era bastante grande. Por exemplo, no caso da outorga de títulos de nobreza e cavalaria, que só poderia ser realizada pelo Imperador¹⁷³. Ou, o caso da nomeação dos presidentes de província, ou dos ministros, atribuídos exclusivamente a D. Pedro¹⁷⁴. Em grande medida, portanto, as decisões de governo ligavam-se ao Imperador, que intervinha, e muito, no quadro político brasileiro.

D. Pedro II foi, assim, enaltecido como homem de muitas qualidades: era erudito, moderno e, acima de tudo, exercia o poder com elegância e dignidade. Portanto, no texto de *Brazil and The Brazilians* – como no Brasil – repetia-se a imagem de um monarca humano, bondoso, “respeitador das leis do seu país”, e interessado nas ciências e nas artes. Com tais imagens, os autores rebatiam as associações feitas por Ewbank ao monarca, que o havia associado a uma figura despótica e também procuravam atenuar projetos desmedidos, como o de Maury, que pretendiam transferir negros dos Estados

¹⁷³ Cf. *Brazil and The Brazilians*, p. 94.

¹⁷⁴ Idem, p. 76.

Unidos para o Brasil, o que criou mais distanciamentos entre um país e outro do que aproximações.

2.3. A Imagem da Monarquia brasileira no Brasil e nos Estados Unidos

As imagens do Império brasileiro e do Imperador divulgadas em *Brazil and The Brazilians* não eram diferentes daquelas construídas no Império brasileiro no período. Com produção centralizada no IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro –, instituição que recebia incentivos de D. Pedro II, tais imagens mostravam o Imperador como ilustrado, digno e bondoso, e o Império como ameno e adequado à sociedade do país. Essas imagens alcançaram, inclusive, o século XX¹⁷⁵. Do mesmo modo, os “propagandistas” do Império, Kidder e, sobretudo, Fletcher, também ajudaram a construir essa visão do Segundo Império Brasileiro, que circulou entre leitores norte-americanos.

Lilia Moritz Schwartz discute essa imagem fundacional do Império que tinha a figura de Dom Pedro II como central, e incorporava, também, elementos do país tropical que o monarca governava¹⁷⁶. A autora cita uma revista de época na qual foi publicada a seguinte descrição do País:

“O seu império imenso recortado de rios caudalosíssimos e constantemente coberto de uma vegetação maravilhosa, que vai debruçar-se no oceano [...] é hoje considerado o ponto central da *civilização do Novo Mundo* [...] salvo da anarquia que pouco a pouco devora os outros estados da América do Sul [...] É lá que floresce, no seu solo virgem, um novo ramo da antiga e transplantada árvore dos Bragança [...] Os primeiros anos não foram felizes. O Brasil estava bastante inculto para compreender a nobreza do lugar que tinha de ocupar entre as nações civilizadas [...] foi o imperador D. Pedro II que o pacificou e lhe deu a

¹⁷⁵ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 23-40.

¹⁷⁶ SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.*, 1998, pp. 21-30.

prosperidade que hoje se vê naquele magnífico império cujo destino está, mais do que em outras nações ligado com o de seu monarca [...]” (grifo do autor)¹⁷⁷.

É possível associar o excerto acima com o trecho de abertura de *Brazil and The Brazilians*, analisado no início do capítulo. Reproduzo aqui, novamente, para facilitar a comparação:

“Quão poucos parecem estar atentos que, no distante Hemisfério Sul, está *uma* estável monarquia constitucional e uma crescente nação, ocupando um território de maior área que os Estados Unidos e cujos descendentes dos portugueses possuem a mesma posição relativa na América do Sul que os descendentes dos ingleses na metade norte do Novo Mundo! Quão poucos protestantes parecem estar cientes do fato de que no território brasileiro que a religião reformada foi primeiramente proclamada no continente ocidental!” (Cf.: *Brazil and The Brazilians*, pp. 3-4).

Os dois excertos, do livro e o do periódico, mostram imagens semelhantes construídas sobre o Império brasileiro: sua vastidão, riquezas e estabilidade política associadas ao desenvolvimento. Celeste Zenha, outra historiadora que trata do tema, revela a intenção dos pensadores brasileiros vinculados ao Império, cujos esforços – de produção e reprodução dessas imagens – estavam direcionados para a aproximação entre o Brasil e as “nações civilizadas”:

“o projeto de desenvolver uma nação civilizada, requeria imagens que a apresentassem como tal, mostrando alguns indícios de civilidade nos hábitos de sua população, na arquitetura de suas cidades, na dignidade de seus governantes, nas suas instituições. Havia ainda a possibilidade de indicar os

¹⁷⁷ *A Ilustração Luso-Brasileira* Rio de Janeiro, 11.ago.1858, Apud SCHWARTZ, Lilia Moritz. *Op. Cit*, 1998, pp. 176-177.

expedientes e o esforço que estavam sendo efetuados pelo Estado e pela nação com esta finalidade”¹⁷⁸.

A autora ressalta que a apresentação do Império como fiador do progresso para o país era uma questão que procurou ser equacionada de vários modos, incentivada pelo próprio Estado brasileiro. Tal interpretação é útil e parece estar em consonância às imagens produzidas sobre o Brasil por Kidder e Fletcher na conclusão do livro:

“O curto período de trinta e cinco anos é tudo aquilo que o Brasil até agora obteve para o grande objetivo de estabelecer seu caráter como nação independente. Neste período, o país teve de lidar com grandes e numerosas dificuldades (...). Tudo isso requereu uma renovação decidida, de forma a adequar as circunstâncias a um novo império, que emergia como tal durante o progresso do século XIX. (...) Tal renovação não é trabalho de um dia; (...) ainda assim, a nação brasileira deve instar-se perante o mundo como merecedora dos mais altos créditos. (...) O que talvez pareça ainda melhor é que ela compartilha uma aspiração ao aprimoramento. Ela dirige seu olhar vigilante às outras nações; ela observa os trabalhos das diferentes instituições destes países e manifesta uma disposição a adotar para si aqueles que seriam verdadeiramente excelentes, tão logo eles possam ser adaptados às circunstâncias [brasileiras]” (*Brazil and The Brazilians*, p. 583-584)¹⁷⁹.

¹⁷⁸ ZENHA, Celeste. O Brasil na produção das imagens impressas durante o século XIX. In: DUTRA, Eliana Freitas e MOLIÈRE, Jean-Yves. *Política, nação e edição – o lugar dos impressos na construção da vida política, Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Anablume, 2006, p. 362.

¹⁷⁹ “It is impossible to appreciate the present condition of Brazil without taking into view the influences of the mother country. Notwithstanding the wealth and glory of Portugal during the short period of her maritime supremacy, there are few countries in Europe less fitted to become the model of a prosperous state in modern times (...). The short space of thirty-five years is all that Brazil has yet enjoyed for the great object of establishing her character as an independent nation. During that period she has had to contend with great and almost numberless difficulties (...). All these required decided renovation in order to suit the circumstances of a new empire rising into being during the progress of the nineteenth century (...) Such renovation is not the work of a day; (...) still the Brazilian nation will stand before the world deserving the highest credit (...). What is perhaps still better, she cherishes a desire for improvement. She directs a vigilant eye toward other nations; she observes the working of their different institutions, and manifests a disposition to adopt those which are truly excellent, as far and fast as they can be adapted to her circumstances”.

Não temos elementos para afirmar claramente que Kidder e Fletcher – mais provavelmente Fletcher – foram convencidos pelo Estado brasileiro a divulgar essa imagem favorável do Império nos Estados Unidos, apesar da proximidade de Fletcher de Dom Pedro II e de outros monarquistas brasileiros.

Mas, não resta dúvida de que a publicação de *Brazil and The Brazilians* interessava, e muito, ao Império brasileiro e a Dom Pedro II, apresentando imagens consoantes àquelas que a elite ilustrada brasileira produzia no período: de um Império forte e organizado, em desenvolvimento e aprimoramento constante, liderado por um monarca ilustrado e rumo a um progresso já constatado em outras nações consideradas como “civilizadas”.

III – Rumo ao progresso: deficiências e possibilidades da sociedade brasileira

Este capítulo aborda as interpretações tecidas pelos autores sobre a sociedade brasileira. Embora Kidder e Fletcher a considerassem aquém da norte-americana e os brasileiros como despreparados para o autogoverno, como vimos em linhas gerais no capítulo anterior, era uma preocupação, principalmente de Fletcher, reduzir as distâncias entre brasileiros e norte-americanos, na tentativa de diminuir o impacto de imagens negativas sobre o país, correntes nos Estados Unidos da época. Sendo assim, os autores descreveram e opinaram sobre o homem brasileiro, o lugar do negro no país, a condição feminina, a educação e a religião. Eram feitas críticas àquilo que não condizia com uma nação que se desenvolvia em direção ao progresso; todavia, também eram indicadas alternativas a sanar as disparidades apresentadas, tomadas pelos próprios brasileiros.

3.1 O Brasil não é tão diferente dos Estados Unidos

Ideias sobre a inferioridade da população brasileira eram, na década de 1850, relativamente comuns nas publicações norte-americanas sobre o Brasil: Thomas Ewbank, viajante já citado, encarava os brasileiros como racialmente inferiores, indolentes, degenerados pelo clima e pela miscigenação racial. Também o historiador Gerald Horne, ao apresentar impressões de viajantes que estiveram no Império durante esse período, mencionou a “diversidade de cores” de pele e da miscigenação

identificadas por eles, o que causava sentimentos de repulsa em alguns desses escritores¹⁸⁰.

Principalmente Fletcher tinha consciência do impacto negativo dessas percepções nos Estados Unidos, posto que, fora o maior responsável pela elaboração do livro e era próximo do Imperador e de membros da elite do país. Ele mesmo registrara, por exemplo, atritos entre brasileiros e norte-americanos no Rio de Janeiro:

“Grandes dificuldades aconteceram entre o contingente [policial] e estrangeiros, onde, em algumas ocasiões, os últimos reclamaram; mas, era bom para o ‘jovem americano’, quando ‘cruzando o Horne’ em seu caminho à Califórnia ser detido por alguma restrição por esses ‘pardos brasileiros’, a quem costumam desprezar” (*Brazil and The Brazilians*, p. 125-127)¹⁸¹.

O autor, por um lado, notava que os viajantes que “cruzavam o Cabo Horne” e que paravam rapidamente em terras brasileiras, consideravam os locais como inferiores porque eram miscigenados; por outro, viam como inoportunas atitudes de alguns norte-americanos aqui. Isso mostra a tentativa, especialmente de Fletcher, de mostrar ao público dos Estados Unidos, como deveriam ser “relativizados” os comportamentos, atitudes e iniciativas de brasileiros e de norte-americanos. Fletcher também se preocupava em criticar o comportamento de ingleses:

“Nalgumas partes do país, a expressão para um bêbado é um ‘baieta inglês’ (um casaco inglês) e o termo para um camarada embriagado, nas províncias do

¹⁸⁰ PAULINO, Carla Viviane. *O Império do Atraso : Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011 (mimeo), pp. 54-69; 80-110. HORNE, Gerald. *O Sul Mais Distante. O Brasil, os Estados Unidos e o Tráfico Internacional de Negros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 136-144.

¹⁸¹ “Great difficulties have sometimes occurred between the constabulary and the foreigners, where, on some occasions, the former have been to blame, but it was good for ‘Young America’, when going “round the horn” on his way to California to be held in wholesome restraint by these ‘yellow Brazilians’ whom he affected to despise”.

Norte é ‘Ele está bem inglês O contraste entre a sobriedade geral presente em todas as classes no Brasil e a bebedeira permanente de alguns estrangeiros e suas regulares ‘ressacas’, é dolorosa ao extremo” (*Idem*, p. 166)¹⁸².

Os autores condenavam a embriaguez de alguns norte-americanos e ingleses que visitavam o Brasil. Embora o problema também existisse no País, a presença desse hábito entre os brasileiros era omitida, associada apenas a negros e a frequentadores das vendas¹⁸³. Em contrapartida ao comportamento estrangeiro, era mencionada uma “sobriedade geral entre a maioria dos brasileiros”.

A crítica à compostura de homens da Inglaterra e dos Estados Unidos, procurava diminuir as distância ou as diferenças entre brasileiros e norte-americanos e sugerir que algumas das práticas dos mesmos, assim como de ingleses, não eram de bom tom à postura que condizia com os anglo-saxões. Os autores também denunciavam que os brasileiros eram, erroneamente, tidos como ríspidos e pouco receptivos a estrangeiros:

“Fui bastante detalhista ao relatar esse pequeno incidente [um jantar com brasileiros] porque alguns escritores e visitantes, aqueles que certamente não passaram do navio vapor, de algum hotel ou o mais longe que foram foi alguma cidade da costa, têm reclamado que os brasileiros não são hospitaleiros, são egoístas e todos seriam desconfiados dos estrangeiros. (...) Eu encontrei as mais calorosas boas vindas dos brasileiros, a quem eu nunca tinha visto, até quando lhes entreguei minha carta de recomendação. Dentre as memórias mais prazerosas da minha vida estarão as lembranças da hospitalidade manifestada a

¹⁸² “In some parts of the country, the expression for a dram is ‘um baieta inglês’ (an english overcoat) and the term for an intoxicated fellow in northern provinces is ‘Ele está bem inglês’ (He is very English). The contrast between the general sobriety of all classes of Brazilians and the steady drinking of some foreigners and the regular “blow-out” of others, is painful in extreme”. É possível que tenha ocorrido algum erro de tradução, da parte de Fletcher, relacionado à sonoridade das palavras “embriagado” e “baieta inglês”.

¹⁸³ Cf. *Idem*, p. 125-126.

mim pelos brasileiros da cidade, onde, mais do que em outros lugares, a frieza é dita abundar” (*Brazil and The Brazilians*, pp. 309-310)¹⁸⁴.

Essas imagens negativas, rebatidas por Fletcher, provenientes de choques culturais, criavam, de fato, um fosso entre brasileiros e norte-americanos. Todavia, a intenção dos autores, especialmente de Fletcher, era reduzir distâncias que separavam as duas nacionalidades a fim de estimular intercâmbios e negociações comerciais entre Brasil e Estados Unidos. Para proporem caminhos em torno desse objetivo, era primordial destituir, ao menos em parte, a validade das acepções negativas atribuídas aos brasileiros nos Estados Unidos.

Sobretudo Fletcher se esforçava em contrapor suas impressões a de outros viajantes, destacando características positivas consideradas intrínsecas ao brasileiro, afirmando, por exemplo, que “a boa natureza e a bondade são características predominantes nos brasileiros” (Idem, p. 305)¹⁸⁵. Ele propunha a seus leitores, para a compreensão do Brasil e do brasileiro, uma visão menos focada em aspectos da religião católica:

“Não existe futuro para o Brasil para aquele que observa apenas os vazios e os faustos ritos da Igreja Católica Romana no Brasil. Mas quando consideramos os sentimentos liberais e de tolerância que prevalecem [no Brasil] — quando refletimos sobre a sua liberdade de imprensa, a difusão do ensino e o funcionamento da sua admirável Constituição — não podemos acreditar que as futuras gerações de brasileiros irão retroceder. Faculdades intelectuais sem moralidade, como sabemos, é uma mola de tremendo impacto, precisando de

¹⁸⁴ “I have been thus particular in mentioning this little incident, because some writers and visitors in Brazil, but who certainly, has never seen beyond a ship-chandlery, hotel or at furthest some coast-city, have complained that Brazilians are inhospitable, selfish and altogether distrustful of strangers. (...) I have met with the very warmest welcomes from Brazilians whom I had never seen until I handed them may letters of introduction. Among the pleasant memories of my life will be the recollection of the kind hospitality manifested towards me by Brazilians at the metropolis, where more than elsewhere coldness is said to abound”.

¹⁸⁵ “Good nature and kindness is a predominant characteristic of the Brazilians”.

equilíbrio; mas temos fé que Deus, que abençoou o Brasil tão grandemente em outros aspectos, não o deixará sem o seu maior bem” (*Brazil and The Brazilians*, pp. 143-144)¹⁸⁶.

Assim, a despeito de todas as condições de inferioridade, ainda que Kidder e Fletcher indicassem que a Monarquia era necessária no Brasil para conter excessos de uma sociedade ainda despreparada para o autogoverno, havia neles uma visão condescendente, paternalista, para com os brasileiros. Essa visão condescendente se apoiava numa perspectiva de reforma, indicada no trecho, e não só nisso, mas, como também notado no excerto, em valores disseminados na sociedade brasileira.

Dentre esses valores, os autores fizeram uma curiosa constatação com relação ao fato dos brasileiros, latinos, demonstrarem alguns hábitos semelhantes aos dos anglo-saxões:

“Os europeus do sul, em razão de seu delicioso clima, estão sempre ao ar livre. Os antigos romanos eram um povo que vivia em público. (...) A maioria dos descendentes dos romanos são como eles (...). O alemão, o inglês e seus descendentes não têm característica mais marcante que o *sentimento de lar* (*home feeling*). O ambiente caseiro, com suas alegrias e cuidados, não pertence aos gauleses ou italianos. Há, porém, uma importante exceção à regra no caso da nação portuguesa (...) A casa e a família existem; e, sem dúvida, os lusitanos devem isso aos mouros, que imprimiram no arcabouço latino algo da exclusividade Oriental. Os portugueses e seus descendentes americanos até os dias de hoje demonstram ciúmes dos seus bens.” (*Brazil and The Brazilians*, p. 161)¹⁸⁷.

¹⁸⁶ “To one who looks alone at the empty and showy rites of the Roman Catholic Church in Brazil, there is no future for the country. But when we consider the liberal and tolerant sentiments that prevail – when we reflect upon the freedom of debate, the entire liberty of the press, the diffusion of instruction, and the works on their admirable Constitution, - we cannot believe that the future generation of Brazilians will retrograde. Intellectually without morality is, we are aware, an engine of tremendous power wanting a balance-wheel; but we have faith in God, who has blessed Brazil so highly in other respects, will not withhold her the greatest boon”.

¹⁸⁷ The southern European has much in his delicious climate to make him an out-door being. The old Romans was one who lived in public. Most of the nations descended from the Romans are like them

O fato dos brasileiros serem ciosos dos seus bens e apegados à família era visto como positivo, sinal de uma sociedade que tinha condições de desenvolvimento, tal como nos países anglo-saxões, considerados civilizados. As qualidades da tolerância, da natureza benevolente e dos bons costumes eram indicativos importantes, atrelavam o país a noções de progresso idealizadas pelos autores.

Desse modo, ainda que existissem no Brasil costumes e hábitos considerados ultrapassados, para Kidder e Fletcher, o importante era registrar os processos de mudança que ocorriam na sociedade brasileira que a impulsionavam rumo ao progresso. A partir dessa perspectiva de reforma, assim como da incorporação de novos hábitos, eles tentavam modificar a imagem negativa do Brasil que circulava nos Estados Unidos, afirmando que as diferenças entre um e outro país não eram tão significativas assim, a ponto de interferirem negativamente no estabelecimento de contatos comerciais e intelectuais.

3.2 O brasileiro e o trabalho na ótica de Kidder e Fletcher.

Os homens de elite foram aqueles com os quais, sobretudo Fletcher, desenvolveu maiores vínculos. Seria por meio deles que o autor pretendia o estabelecimento de intercâmbios intelectuais e, principalmente, comerciais. Todavia, algumas práticas desses homens, em especial sua pouca disposição para o trabalho, ainda não coadunavam aos paradigmas modernos que tinham como referência o indivíduo à frente do seu negócio e que não se envergonhava do trabalho com as mãos. Não podemos

(...)The German, the Englishmen and their descendants have no characteristic more marked than the home feeling. The fire-side circle, with joys and cares, does not belong to the Gaul or the Italian. (...). There is however one important exception to this rule in case of the Portuguese nation. The home and the family exists; and doubtless the Lusitans owe this to the Moors, who engrafted upon the Latin stock something of Oriental exclusiveness".

esquecer que parte dos norte-americanos, desde a Independência, valorizava o *self made man*, o pequeno fazendeiro ou o negociante destemido que construía a própria vida com o trabalho cotidiano¹⁸⁸.

Assim, para Kidder e Fletcher, ainda se encontravam, entre os membros das elites brasileiras, alguns comportamentos mais vinculados ao período colonial, do que ao mundo moderno que surgia, como o apego aos rituais, às honrarias etc.. Desse modo, em determinados momentos, os autores criticavam a atuação da elite brasileira, em outros, acreditavam que eram eles os cavalheiros ilustrados do país. Não se pode esquecer que eram esses homens, educados em famílias proprietárias de terras, que comandavam a política, importantes, portanto, a negociações comerciais e diplomáticas norte-americanas, e Fletcher tinha plena consciência disso.

Assim, algumas afirmações dos autores sobre os modos desses homens podem ser encontradas em trechos como: “o brasileiro é o cavalheiro (...) um homem de lisura que contrasta perfeitamente com o estrangeiro, sempre murmurante, atarefado e ocupado”¹⁸⁹. Quando Fletcher visitou a Fazenda Soledad, em uma das suas viagens pelo interior do país, notou que o proprietário não estava trabalhando naquele momento¹⁹⁰:

“Nós entramos no jardim francês por um portão alto e então, primeiramente, identificamos o venerável proprietário sentado, na varanda do segundo andar,

¹⁸⁸ Benjamin Franklin (1706-1790), tipógrafo e homem público, é ainda hoje para os norte-americanos exemplo de *self made man*. Ver FRANKLIN, Benjamin. *Autobiografia*. São Paulo: Ediouro, s/d.

¹⁸⁹ Idem, p. 180-181: “... and the Brazilian is the gentleman (...), feeling himself above all the drudgery of life is a man of leisure and looks down in perfect contempt upon the foreigner who is always grumbling, fretting, busying”.

¹⁹⁰ A *Fazenda Soledad* fica no município de Matias Barbosa, Minas Gerais. Visitou também a fazenda o naturalista inglês de formação francesa Conde de Castelneau (1810-1880) em 1842, que esteve no Brasil na década de 1840. O Comendador Silva Pinto, o proprietário, além de cafeeiro, foi fundador, em 1854, da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. Cf.: ANDRADE, Rômulo. “Apontamentos sobre a micro-economia do escravo e sua interação com a família e as solidariedades (Zona da Mata Mineira, sec. XIX)”. *Anais eletrônicos do X Seminário sobre Economia Mineira*. Diamantina, Minas Gerais, Brasil, 2002.

lendo. Tão logo nos viu, deixou de lado seu livro, desceu ao pátio e, com grande afabilidade, saudou-nos com calorosas boas-vindas.(...) O Comendador vive em um estilo verdadeiramente baronial, o qual me lembrou das descrições de J. G. Kohl sobre as vidas nos castelos dos nobres de Courland e da Livornia (*Brazil and The Brazilians*, pp. 439-440)¹⁹¹.

Os autores, por considerarem os resquícios coloniais como algo que seria abandonado paulatinamente pelo país, rumo ao progresso, evitavam críticas diretas ao proprietário, que amavelmente os recebeu, ainda que indicassem que o homem não estivesse dedicado ao trabalho no momento da visita. Ele estava sentado, lendo confortavelmente quando eles chegaram ao lugar.

Assim, determinados homens de elite mostravam-se ociosos, às vezes por demais refinados e apresentavam gostos próprios de um ambiente que se opunha ao trabalho com as mãos de qualquer espécie. Segundo os autores, estes não correspondiam ao “brasileiro comum”, mas seus comportamentos eram disseminados no Império¹⁹²:

“Deve ser realçado que o brasileiro aqui descrito não é retrato da grande maioria dos cidadãos do Império (...), mas os mesmos hábitos e modos de pensar, têm, em maior ou menor grau, se assemelhado a todos aqueles que desejam ascender

¹⁹¹ “We entered at the court-yard by a high gateway, and then for the first we perceived the venerable planter sitting in a second-story varanda, reading. Soon as he saw us he laid down his book, descended into the square and with great affability bade us a warm welcome (...) The Comendador (...) lives in a true baronial Style, and I was reminded of the description by Mr. J. G. Kohl of Castle life among the noblemen of Courland and Livornia (...)” A leitura destacada aqui é KÖHL, Johann Georg. *Panorama of St. Petesburg*. London: Sims and Mc Entire; Belfast: Paternoster Row, 1852.

¹⁹² As características da ascensão social brasileira descrita pelos autores são próximas das apontadas pelo historiador José Murilo de Carvalho sobre a formação das elites brasileiras e seus canais de ascensão: a educação e a burocracia. O autor, ao dimensionar demograficamente a elite brasileira, chegou à conclusão que os homens que a compreendiam não passariam de 16.000, o que corresponderia a 1% da população total brasileira estimada para a época. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: A elite política imperial. Teatro de Sombras: A política imperial*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, pp. 39-40; 54-103; p. 95.

socialmente, sendo de onde vêm os magistrados” (*Brazil and The Brazilians*, p. 181)¹⁹³.

As atitudes desencadeadas por esse tipo de pensamento presente no Brasil eram censuradas pelos autores, quando estes se referiam aos pequenos negociantes brasileiros que alcançavam algum posto na burocracia governamental e ali permaneciam, acomodados, sem querer voltar às suas antigas atividades:

“A excitação então emergiu num país cujas titulações conta Homens que haviam sido bons comerciantes e negociantes bem sucedidos em negócios de mandioca e café, uma vez cavalheiros, não voltavam às tramitações e pequenezas das associações comerciais” (*Brazil and The Brazilians*, p.67-68)¹⁹⁴.

Tal prática não era bem vista pelos autores: era considerada como perda do potencial de desenvolvimento da nação. Para eles, alguns brasileiros eram apegados às honrarias, evitavam perdê-las, e, com isso, era a nação brasileira que perdia o potencial empreendedor — especialmente dos comerciantes — para seu crescimento. Noutros trechos, eles ainda notavam as dificuldades do brasileiro a adentrar prontamente em lógicas de trabalho menos dependentes do escravo:

“Se fosse perguntado, ‘Quem seriam os trabalhadores no Brasil quando não existir mais escravidão?’ A resposta (dada em grande medida baseando-se na visita à Fazenda do Senador Vergueiro) é de que eles virão da Alemanha, de

¹⁹³ “It must be born in mind that the Brazilian thus described is not the portrait of the large majority of the citizens of the Empire (...) but the same religion and the same mode of thinking have, to a greater or less degree, given a similiarity to all who comprises the upper ranks of society, and from whom comes the magistrates”.

¹⁹⁴ “The excitement thus aroused in a country where titulary distinctions were hitherto almost unknown was intense. Every one aspired to become a cavalheiro or a comendador (...) Men who have been good traders (...) or succesfull dealers in mandioca and coffee, once knighted could never again return to the drudgery and debasing associations of commercial life (...)”.

Açores, de Portugal, da Madeira e de outros países”(*Brazil and The Brazilians*, p. 137)¹⁹⁵.

Kidder e Fletcher comentavam a existência de um incentivo às ações do senador Vergueiro, que acreditava no estímulo à imigração para a substituição do trabalho escravo¹⁹⁶. Ao mesmo tempo em que essa alteração apresentava, novamente, os homens de elite apenas como proprietários ou organizadores de novas lógicas de trabalho, mas não os reconhecia como homens que se envolviam diretamente com o mesmo, pois delegavam-no a outros. Nesse ponto os autores demonstravam que um dos maiores problemas brasileiros, em seu ponto de vista, era desarraigar hábitos como a indolência, condicionadora de atraso. Essa forma como os autores trataram da condição desses homens de elite exemplifica claramente a linguagem diplomática presente no livro, que critica, porém, é suficientemente polida para não causar constrangimentos.

Ainda assim, os autores não desacreditavam do país. Para eles, os brasileiros conseguiriam, de uma maneira ou de outra, alcançar o progresso, já que esse lhes parecia o fluxo natural da História: os resquícios coloniais, monárquicos, haveriam de desaparecer, sobretudo a partir das reformas promovidas pelo governo imperial. Assim, os autores procuravam enfatizar novas práticas de trabalho que surgiam com o

¹⁹⁵ “If it be asked, ‘Who Will be the laborers in Brazil when slavery is no more?’ the reply (given at a length in the account of a visit to the colony of Senator Vergueiro) is that they will come from Germany, Portugal, the Azores and Madeira, and other countries”. Era inclusive percebido o emprego de mão-de-obra escrava nas obras públicas, quando foi apresentado o serviço de pavimentação de ruas do Rio de Janeiro. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 50.

¹⁹⁶ A imigração foi vista como um complemento às reformas em curso no país, sobretudo com relação à mão-de-obra. É necessário lembrar que o período em que Fletcher visita o Brasil, imediatamente após a proclamação da Lei Eusébio de Queirós, é um período de desarticulação das redes internacionais de tráfico no Brasil, o que pode ser notado quando o autor remonta à apreensão de um navio negreiro numa ação conjunta inglesa e brasileira (Cf.: Idem, pp. 314-315). A vinda de imigrantes para o Brasil era entendida como forma de estabelecer a civilização ao território e, com isso, fazer vir o progresso. Nesse sentido, o autor analisou as colônias que, até aquele momento, haviam sido implantadas no território como Petrópolis, Dona Francisca, e Ibicaba, chegando à conclusão que o melhor modelo de empreendimento era Ibicaba, a colônia do Senador Vergueiro, por propiciar tanto formas de ganho ao imigrante, quanto meios para sua adaptação no país, tornando-o um cooperador no desenvolvimento da nação. Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, pp.299-300; 332-335; 410-415.

crescimento econômico do país. Sobre o transporte de mercadorias no Brasil — importante tópico das nações modernas — os autores consideravam que:

“... o transporte mais comum para a costa, bem como o que parte dela, é realizado com uma regularidade considerável, a despeito de seu método. Vários agricultores mantêm um número suficiente de bestas para transportar toda sua produção aos mercados; outros não têm, mas dependem, em pouca ou larga medida de distribuidores profissionais. Dentre estes, cada tropa fica sob comando de um condutor, que gerencia seus movimentos e transações de seus negócios” (*Brazil and The Brazilians*, p. 359)¹⁹⁷.

As descrições dos transportadores eram variadas: poderiam estar atrelados aos fazendeiros ou submetidos a grupos independentes que organizavam suas viagens conforme as demandas em todo o Brasil, do sul ao nordeste¹⁹⁸. Sobre os tropeiros paulistas eles comentaram:

“os tropeiros paulistas, como classe, diferem muito dos mineiros e de outros condutores que visitam o Rio de Janeiro. Eles têm uma certa selvageria no olhar, nuançada com inteligência e alguma benignidade, o que dá, a seu aspecto todo, um jeito peculiar”(*Idem*, p. 360) ¹⁹⁹.

O tropeiro era, para os autores, aquele que de fato conhecia o território. Todavia, é perceptível que o seu trabalho, inclusive o do transportador paulista, girava em função da produção nas terras dos fazendeiros e da distribuição desses produtos no campo ou cidade, o que fazia com que, no fundo, estivessem vinculados a esses proprietários.

¹⁹⁷ “...ordinary transportation to and from coast is accomplished with no inconsiderable regularity and system, notwithstanding the manner. Many planters keep a sufficient number of beasts to convey their entire produce to market; others do not, but depend more or less upon professional carriers. Among these, each troop is under charge of a conductor, who superintends its movements and transacts its business.”

¹⁹⁸ Cf.: *Idem*, p. 359; p. 420.

¹⁹⁹ “The Paulista tropeiros, as a class, differs very much from the Mineiros and other conductors that visit Rio de Janeiro. They have a certain wildness in their look which mingled with intelligence and sometimes benignity, gives to their countenance altogether a peculiar expression”.

Destacavam-se as profissões urbanas, próprias dos setores médios: os profissionais liberais, os de imprensa, cujas ações serviam ao desenvolvimento da nação. Além deles, os professores eram vistos como agentes da civilização no Império²⁰⁰. Os autores construíram uma boa impressão dos comerciantes, mostrando uma vivaz dinâmica desse setor no Brasil: “Todas as noites apresentam um animado espetáculo de vapores cheios, tálburis lotados, mulas e cavalos galopantes todos transportando negociantes e caixeiros (livreiros) às suas respectivas residências”²⁰¹. Além de, como já mostrado, serem apresentadas diversas perspectivas sobre a imigração europeia em diversas áreas do Império.

Assim, apesar da escravidão no país, e de parte da elite pouco afeita ao trabalho com as mãos, os autores reiteraram, para o leitor norte-americano, a sociedade brasileira como dinâmica e potencialmente apta ao desenvolvimento. Destacaram a intensificação de atividades comerciais que dinamizavam a economia do Império e a diversificação social que ocorria na sociedade imperial por conta do crescimento econômico que auxiliaria a suprimir resquícios coloniais, condicionantes ao atraso.

3.3 O lugar do negro e a questão da escravidão no Brasil.

Kidder e Fletcher manifestavam-se contra a escravidão e é sabido que Fletcher se pronunciara ao lado de abolicionistas tanto nos Estados Unidos como daqueles que se

²⁰⁰ A liberdade de imprensa era enfatizada como fator de modernização brasileira. Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, pp. 222.

²⁰¹ Idem, p. 27: “*Every evening presents an animated spectacle of crowded steamers, full omnibuses and galloping horses and mules, all conveying the negociantes e caixeiros (bookkeppers) to their respective residences*”.

opunham à servidão no Brasil²⁰². A apreciação dos autores sobre a escravidão baseava-se na certeza de que, no Império brasileiro, a instituição se encaminhava definitivamente para o seu fim: tanto pela supressão do Tráfico Internacional de Escravos, sancionada a partir da Lei Eusébio de Queirós²⁰³, quanto pelas medidas de alforria que aconteciam no país. O fim do tráfico era visto com entusiasmo pelos autores.

Segundo eles, a nova legislação representava um indicativo de vontade política em prol do término da escravidão. Seguindo os parâmetros da organização brasileira, “Todo o passo importante na direção do progresso brasileiro é preparado por um avanço gradual prévio (...). O efetivo desmantelamento do Tráfico de escravos africanos nada mais é que o precursor de um passo ainda mais importante”²⁰⁴. Não restam dúvidas de que o grande passo ao que o autor se referia era a abolição da escravidão, que, em seus prognósticos, estava com os dias contados:

“No Brasil, tudo conspira a favor da liberdade; e tais são as facilidades aos escravos para se emanciparem e, quando emancipados, se tiverem as qualificações necessárias, podem ascender aos mais altos cargos (...). Pelas leis brasileiras, um escravo pode se dirigir a um magistrado, ter seu preço fixado e comprar a si mesmo” (*Brazil and The Brazilians*, p.136)²⁰⁵.

²⁰² A escravidão era um tema central nos Estados Unidos na época de publicação de *Brazil and The Brazilians*: envolvia os debates políticos, sociais, econômicos. No período, o Brasil era considerado um dos países com maior uso de mão-de-obra escrava, assim como era um dos principais parceiros norte-americanos na ilegalidade desse comércio. Cf.: HORNE, Gerald. *Op. Cit.*

²⁰³ “In 1850 the slave trade (which had continually despite solemn treaties) was effectually put down”. (*Brazil and The Brazilians*, pp. 137-138).”

²⁰⁴ “Almost every step in Brazilian progress has been prepared by a previous gradual advance (...) The effectual breaking up of The African Slave Trade is but the precursor of a more important step”. (*Brazil and The Brazilians*, p. 230).

²⁰⁵ “In Brazil, everything is in favor of freedom; and such are the facilities for the slave to emancipate himself, and when emancipated, if he possess the proper qualifications, to ascend to a higher eminences than those of a mere free black (...) By Brazilian Laws, a slave can go before a magistrate, have his price fixed and can purchase himself”.

Os autores procuravam transmitir no livro a ideia de que existiam no Brasil mecanismos legais e sociais, inexistentes nos Estados Unidos, que amenizavam a condição dos escravos no Brasil. Kidder e Fletcher também apresentavam algumas características atribuídas aos escravos pelos brasileiros ao público norte-americano: “o negro mina dificilmente dá um bom servo doméstico, ele não se contenta, a não ser que esteja respirando ar puro. Os homens se tornam carregadores de café, as mulheres quituteiras ou mascates”²⁰⁶. Também eram percebidas diferenciações nas formas de cativo e nas modalidades de trabalho escravo. Pretos de ganho, quitandeiras, escravos domésticos, lavadeiras, eram recrutados conforme suas etnias: congos, moçambiques ou minas²⁰⁷. No campo, embora as especializações pouco se destacassem, existia a diferenciação entre as crias da casa e os escravos “de roça”²⁰⁸. Sobre os escravos de ganho, os autores afirmaram:

“Estes negros são enviados por seus senhores para trazer à casa certa soma diariamente. Eles são autorizados a usar uma porção de seus ganhos para comprar sua comida e, à noite, têm permissão para dormir sobre uma esteira ou tábua nos recintos da parte inferior das casas [dos senhores] ” (*Brazil and The Brazilians*, p. 134-135)²⁰⁹.

²⁰⁶ Cf.: Idem, pp. 135-136: “*The Mina negro seldom makes a good house-servant, for he is not contented except in breathing the fresh air. The men become coffe-carriers, and the women quitandeiras*”. As aspas colocadas servem para identificar que não existia uma especificidade racial desses negros: eram atribuições aleatórias, designadas a partir da origem portuária dos mesmos.

²⁰⁷ Cf.: Idem, pp. 173; 167; 134-135; 91 e 137.

²⁰⁸ Cf.: Idem, p. 137.

²⁰⁹ “*These blacks are sent out by their masters and are required to bring home a certain sum daily. They are allowed a portion of their gains to buy their food, and at night sleep on a mat or board in the lower purlieus of the house*”. Essa modalidade, embora existisse em alguns Estados do Sul dos Estados Unidos, como a Virgínia (Cf. ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism and Politics in the Antebellum Republic. Vol. 1 – conflict and compromise 1820-1850*. New York: Cambridge University Press, 2002, p. 195), aparentemente, pela explicação minuciosa que recebera, não era muito conhecida no norte do país.

Para Kidder e Fletcher, as formas como se davam o trabalho dos escravos de ganho era um passo para a inserção daqueles homens no mundo dos “livres”. Os autores notavam também, com bons olhos, a ascensão de determinados mulatos na sociedade brasileira. Citaram, como exemplo, o tipógrafo Francisco de Paula Brito, em pelo menos dois trechos do livro:

“Uma das mais empreendedoras tipografias é a do Sr. Paulo Brito, um mulato de grande energia e posicionamento liberal. A imprensa *Dois de Dezembro* traz a público bons trabalhos de várias espécies. Os assuntos das colunas de propagandas dos vários jornais são quase que diariamente renovados e acompanhados por um grande número de leitores por sua pictografia e variedade” (*Brazil and The Brazilians*, p. 253)²¹⁰.

É preciso lembrar que, nos Estados Unidos, não havia diferenciação entre um mulato e um negro; vigorava nos Estados Unidos a “lógica da gota de sangue”: bastava uma gota para que alguém fosse considerado negro, mesmo que apresentasse pele clara²¹¹. O fato dos autores observarem essa diferenciação entre mulato e negro, mostra que eles atentaram para as distinções relativas à cor no Brasil da primeira metade do século XIX. O empreendimento de Brito, uma tipografia, requeria um empreendedor preparado por saberes específicos, habilidades de negociação, capacidade de produção intelectual, além de conhecimento técnico. Segundo eles, havia também um reconhecimento social desse mulato, indicado pela procura por suas colunas e pela leitura “ampla” de seus periódicos²¹². Paulo Brito, na concepção de Kidder e Fletcher,

²¹⁰ “One of the most enterprising typographies is that of Sr. Paulo Brito, a mulatto of great energy and liberal sentiments. The press of the *Dous de Dezembro* turns out fine specimens of work. The matter of the advertising-columns of the various newspapers is renewed almost daily, and is perused by great number of general readers for the sake of its piquancy and its variety”.

²¹¹ Sobre o assunto ver: VIANNA, Larissa. A mestiçagem como problema de investigação. Algumas considerações. In: *O idioma da mestiçagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

²¹² Paulo Brito foi, de fato, dono de tipografia, editor, contista e tradutor. Alinhado ao movimento romântico brasileiro, foi o primeiro a publicar textos de Machado de Assis. Também publicava obras de

era uma espécie de *self made man*, que conseguira ascender, graças aos seus valores individuais e ao trabalho duro.

Além de Paulo Brito, outros descendentes de africanos eram figuras ilustres no Brasil:

“Alguns dos homens mais inteligentes que conheci no Brasil – educados em Paris e Coimbra – eram descendentes de africanos, cujos ancestrais eram escravos. Portanto, se um homem tem liberdade, dinheiro e mérito, não importa o quão negra seja sua pele, em nenhum lugar a sociedade o recusa (...) nas faculdades, nas escolas de medicina, direito e seminários teológicos não há distinção de cor” (*Brazil and The Brazilians*, p. 133-134)²¹³.

É sabido que a ascensão social de negros e mulatos no Brasil deve ser considerada mais como exceção que uma regra, mas, para Kidder e Fletcher, era indicativo da tolerância da sociedade brasileira. A descrição que Fletcher fez dos negros no Brasil se aproximava do discurso abolicionista nos Estados Unidos: alguns negros tinham méritos, não eram criaturas brutas e irracionais. Ainda assim, é preciso discutir os argumentos de abolicionistas nos Estados Unidos, pois sabemos que os méritos são alcançados a partir das chances que as pessoas, negras ou brancas, têm na vida. De qualquer maneira, os autores acabavam por apresentar aos norte-americanos, um país no qual o escravo ou negro livre eram vistos de forma diferente daquela dos Estados Unidos.

Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Gonçalves Dias. Faleceu em 1861. Sobre ele, ver: GOMDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965; AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. Biografia de Francisco de Paula Brito. In: *Poesia de Francisco de Paulo Brito*. Rio de Janeiro: Typographia Paula Brito, 1863.

²¹³ “Some of the most intelligent men that I met with in Brazil – men educated at Paris and Coimbra – were of African descents, whose ancestors were slaves. Thus, if a men have freedom, money and merit, no matter how black may be his skin, no place in society is refused him (...) In the colleges, the medical school, law, and theological schools, there is no distinction of color.”

Ainda que os autores indicassem a possibilidade de ascensão social para os negros no Brasil, também afirmavam que homens dessa cor pareciam mais susceptíveis aos vícios: eram frequentadores assíduos das vendas, além de parecerem mais fracos às credulidades e charlatanismos católicos, pois “Nenhuma classe entra mais no espírito desses dias santos do que as pessoas de cor” ²¹⁴. Mesmo assim, a comparação com os Estados Unidos aparecia claramente no livro:

“Tais limites [aos negros] existem em nosso país. Das regiões quentes do Texas aos rincões mais frios da Nova Inglaterra o negro livre, não importa o quão talentoso seja, experiência obstáculos a sua ascensão, muitas vezes intransponíveis (...). A raça Anglo-Saxã, neste ponto, difere essencialmente das nações Latinas. A primeira pode ser movida pela piedade generosa em relação ao negro, mas não o tolera socialmente. Os últimos, tanto na Europa como nas Américas, sempre colocou o mérito acima da cor” (*Brazil and The Brazilians*, p. 138)²¹⁵.

Kidder e Fletcher denotavam como positiva a forma com que os latinos tratavam os negros, diferentemente dos anglo-saxões, que criavam distintos entraves aos negros naquele país. Fletcher denunciou também incidentes ocorridos nos Estados Unidos, enfatizando o descaso das autoridades à intolerância racial no país:

“Em 1856, o mesmo clérigo [negro] foi expulso de um tálburi nova-iorquino, por um condutor que diariamente permitia, sem qualquer injúria, imorais estrangeiros da mais baixa classe europeia a ocupar assentos no mesmo carro. Quando o caso foi submetido às cortes de justiça, a decisão apoiou o condutor. Não houve tentativa alguma de levar o caso a outras instâncias, em razão do

²¹⁴ KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, p. 152. Tais características de degeneração eram também encontradas também em brancos, quando esses se abandonavam em vícios (Cf. *Idem*, p. 126), como pode ser percebido quando o autor expõe a condição de degenerescência moral dos imigrantes alemães de Cantagalo. (*Idem.*, pp. 299-300).

²¹⁵ “Such hinderances do exist in our country. From the warm regions of Texas to the coldest corner of New England the free black man, no matter how gifted, experiences obstacles to his elevation with are insurmountable (...). The Anglo-Saxon race, on this point, differs essentially from the Latin nations. The former may be moved to generous pity for the negro, but wil not yield socially. The latter, both in Europe and in the two Americas, have always placed merit before color”.

homem ser de descendência africana. Até então, a razão e o Cristianismo provaram-se impotentes para desenraizar este preconceito, ou em banir essas barreiras sociais, que, mais do que a escravidão, sempre convertem as populações negras a ‘um feixe de madeira ou uma talha d’água’ e, para os anglo-americanos injustos como são, temo que [o preconceito] nunca seja erradicado” (*Brazil and The Brazilians*, p. 138)²¹⁶.

O autor registrava sua indignação frente ao preconceito sofrido por um clérigo francês negro em Nova York e ao respaldo da justiça norte-americana ao ato do condutor. Aqui, Fletcher expunha sua revolta pela desconsideração ao mérito de negros nos Estados Unidos, posto que, naquele momento, a cor servia como mecanismo de total exclusão no país. Cabe por fim destacar que a percepção desse autor sobre a participação social do negro no Brasil não passou despercebida nas resenhas de apresentação de *Brazil and The Brazilians* aos norte-americanos:

“Nós apreciamos muito a forma como os senhores Kidder e Fletcher olharam as ‘instituições peculiares’ [do Brasil]. O livro deles será muito útil nesta questão nos Estados Unidos. Os anseios verdadeiros, apaixonados e desinteressados [dos autores] para com o destino dos escravos encontrará caminhos aos corações que nunca se abririam aos quadros traçados por abolicionistas profissionais. O Brasil, também, mostra um exemplo que os estados podem bem imitar. Ainda que a escravidão seja permitida, o inumano tráfico africano é proibido e toda a facilidade é dada ao escravo para trabalhar por sua liberdade. E, uma vez livre, ele pode ascender pelo talento e energia, aos maiores postos de Estado”²¹⁷.

²¹⁶ “In 1856, the same clergyman was ejected from a New York railway-omnibus by a conductor who daily permitted, without molestation, filthy foreigners of the lowest European class to occupy seats in the identical car. When the matter was submitted to the courts of justice, the decision sustained the conductor. There was no attempt to place the case on any other ground than that the plaintiff was a man of African descent. Thus far reason and Christianity have proved impotent in rooting out this prejudice, or in doing away with these social hinderances, which, more than slavery, will ever render the black man “a hewer of wood and a drawer of water” to the Anglo-American, and which, unjust as they are, I fear can never be eradicated”.

²¹⁷ Cf. “Brazil and The Brazilians”, *The Living Age*: New York, v. 0066, i. 844, august 4, 1860, pp. 297-300. “We much like the way in which Messrs. Kidder e Fletcher look at the ‘peculiar institutions’. Their book will be very useful on this question, in the United States. The free, loving and truthful longings as to

O comentário do periódico *The Living Age* mostra que Kidder e Fletcher não estavam sozinhos em suas críticas ao lugar do negro na sociedade norte-americana. Desse modo, é provável que os autores — novamente, mais Fletcher — tratasse do assunto escravidão no Brasil, procurando influir nos debates e questionar a sociedade norte-americana a esse respeito²¹⁸.

3.4 A condição feminina no Brasil

Os autores também trataram da vida das mulheres de posses brasileiras. Tais descrições não eram usuais nos registros de norte-americanos sobre o Brasil. Era notada nesses outros relatos de viagem, a ausência de mulheres brancas nos espaços públicos, não por sua atuação nesse ambiente, mas porque elas conferiam graça, leveza e alegria às reuniões sociais²¹⁹. Embora concordassem com a reduzida presença delas em reuniões sociais, eles mencionaram lojas na Rua do Ouvidor que ofereciam produtos a elas e descreveram, por exemplo, alguns trajes das senhoras brasileiras em bailes e festividades religiosas.

Os estudos sobre a mulher brasileira no XIX, como não poderia deixar de ser, mostram uma forte clivagem de gênero na sociedade brasileira, de modo que os espaços destinados às senhoras brancas instavam predominantemente em âmbito privado, com

the slave's future, will find their way to hearts which will never open to the overdrawn pictures of professional abolitionists. Brazil, too shows an example which the states might well imitate. Slavery is indeed allowed by law; but the inhuman African traffic is forbidden and every facility given to the slave to work out his freedom. And once free, he may rise by talent and energy, to the highest offices in the State".

²¹⁸ Sobre os debates acerca da questão do negro nos Estados Unidos, ver: FRIEDRICKSON, George. *The Black Image in the White Mind. The Debate on Afro-American Character and Destiny*. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

²¹⁹ Cf.: HORNE, Gerald. *Op Cit.*, pp.146-148. Tanto essas descrições não eram usuais que o livro de Kidder e Fletcher é até hoje uma das fontes pioneiras para o desenvolvimento de estudos sobre história das mulheres e crianças do século XIX no Brasil.

exceção da igreja e, às vezes, do teatro. A rua e as repartições públicas eram espaços em que eram pouco vistas²²⁰. Nos Estados Unidos, as mulheres que se envolviam com outras tarefas que não as domésticas eram também raras; todavia, já existiam algumas escritoras que produziram livros que informavam a boa dona de casa: maternidade, religião e cuidados com a residência²²¹.

A restrita presença feminina em reuniões sociais no Brasil era justificada, pelos autores, em razão do ciúme dos pais e dos maridos:

“O ciúme dos portugueses e de seus descendentes era tanto, que em outros anos não era incomum a um cavalheiro, ao fazer suas visitas à terra mãe, encarcerar – ou, mais polidamente, ‘procurar abrigo’ – a sua esposa no convento, onde a mesma permanecia na sua ausência. Eu entendi que essa prática vergonhosa foi proibida pelo Imperador atual” (*Brazil and The Brazilians*, p. 123)²²².

Embora Kidder e Fletcher enfatizassem a alteração dessa prática, notavam que o ciúme era ainda um empecilho à presença das mulheres em reuniões sociais: a circulação delas nesses espaços dependia da vontade dos seus pais e maridos²²³. Assim,

²²⁰ Cf.: DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e Poderem São Paulo no século XIX*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.

²²¹ Dentre os parâmetros havia um ideal de maternidade vitoriana, disseminado a partir de publicações como manuais para as mães. Cito o exemplo da escritora abolicionista Lydia Maria Child (1802-1880), atuando junto a seu marido, o jornalista abolicionista Daniel Child (1794-1874): ela publicara, em 1833, um manual de comportamento para as mães. Além de Child, havia Harriet Beecher Stowe (1811-1896), autora de *A Cabana do Pai Tomás*, um sucesso de vendas da década, livro atrelado à causa abolicionista. Cf.: CASPER, Scott. *Antebellum Reading Prescribed and Described*. In: CASPER, Scott; CHAISON, Joanne; GROVES, Jeffrey. In: *Perspectives on American Book History*. Boston: University of Massachusetts Press, 2002, pp.123-133.

²²² “The jealousy of the Portuguese and their descendants was such, that in other years it was not uncommon for a gentleman, when making a visit to the mother-country, to incarcerate – or more politely, ‘procure lodgings’ for – his wife in the convent, where she remained during his entire absence. I have understood that this shameful practice has been forbidden by the present Emperor”.

²²³ Isso era notado nas descrições de suas idas ao teatro ou a igreja. Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 173.

ao compararem a vida das brasileiras à das norte-americanas, os autores afirmavam que “as vidas das mulheres brasileiras é tão enfadonha e monótona que renderia melancolia a uma europeia ou americana”²²⁴.

As informações obtidas pelos autores sobre as mulheres foram em grande medida geradas pela inserção que Fletcher tivera junto às elites brasileiras. Ele relatou atividades domésticas das quais participavam, como o caso de brincadeiras familiares, e o estudo da música, o que só poderia ser fundamentado a partir de um convívio mais íntimo junto às famílias de elite²²⁵. O cerceamento às mulheres no Brasil parecia mais prejudicial a elas pelo fato de que seus círculos de ação pouco as desenvolviam intelectualmente: “Os modos e adereços das senhoras brasileiras são bons, e seus talhes, graciosos. É fato que não tenham substrato para tornar uma conversa razoável e instrutiva. Mas elas tratam de frivolidades de forma agradável”²²⁶. Os autores informavam, contudo, que as mulheres trabalhavam constantemente, em âmbito doméstico:

“Ela [a mulher brasileira] responde à descrição da boa esposa do último capítulo do livro de Provérbios: - ‘Ela se levanta enquanto ainda é noite e distribui o serviço a seus servos; ela tece finos linhos [crivo e renda] e os comercializa’; e embora suas mãos não segurem exatamente o fuso e a roca, ‘ela bem observa os modos de seus empregados e não come o pão da ociosidade’.” (*Brazil and The Brazilians*, p. 169)²²⁷.

²²⁴ Idem, p. 171: “...the lives of the Brazilian women are dull and monotonous to a degree that would render melancholy a European or American lady”.

²²⁵ Cf.: Idem, pp. 166-173.

²²⁶ Cf.: Idem, p. 166: “The manners and address of Brazilian ladies are good, and their carriage is graceful. It is true that they have no fund to make a conversation agreeable and instructive, but they chatter nothings at a pleasant way”.

²²⁷ “She answers to the description of the good woman in the last chapter of Proverbs: - ‘She riseth up early while it is yet night, and giveth a portion to her maidens; she maketh fine linen [crive and lace] and selleth it’; and, though her hands do not exactly lay hold on the spindle and distaff, yet ‘she looketh well to the ways of her household, and eateth not the bread of idleness’”.

Os encargos da mulher de posses brasileira, portanto, vinculavam-se à administração das atividades domésticas e ao controle de empregados e escravos. Em geral, as negras acompanhavam-nas nos banhos de mar, assim como as auxiliavam nas costuras²²⁸. Os autores demonstravam, entretanto, que o trato com os escravos era um fardo para algumas dessas mulheres:

“Uma dama de alto estrato no Brasil declarou que havia perdido toda sua saúde ao ocupar-se em repreender as suas negras, a quem ela devotava alguma afeição, e que desconhecia que ocupação a dar a elas, para mantê-las longe de encrencas (...) [outra dama] contou, compadecida, sua história, dizendo: ‘temos por princípio não vender escravos e eles são o tormento da minha vida, pelo qual eu não consigo encontrar trabalho suficiente que os livre da indolência e de confusão’ (...) Quando vi a displicência e a indolência do cativo, frente a exaustão de suas donas, eu penso algumas vezes que é delas que deve se apiedar. Qualquer crueldade que seja infligida aos negros pelos brancos é amplamente vingada pelos vícios introduzidos às famílias [pela escravidão] e pela ansiedade perturbadora causada às senhoras”(Brazil and The Brazilians, p. 169-170)²²⁹.

Nessa passagem, Fletcher colocou-se ao lado das mulheres e contra os escravos indolentes e desordeiros. Ainda que se posicionassem contrários à escravidão, os autores avaliavam positivamente apenas os negros que apresentassem regras e moral no convívio social, como Paulo Brito, não os desclassificados que se amontoavam nas ruas do país. Entretanto, Fletcher ainda relata sobre as mulheres: “elas conversam de modo

²²⁸ Cf.: Idem, p. 89 e p. 173.

²²⁹ “A lady of high rank in Brazil declared that she had entirely lost her health in the interesting occupation of scolding negroes, of whom she possessed some scores, and knew not what occupation to give them in order to keep them out of mischief (...). [another lady] piteously told her story, saying: ‘we make it a principle not to sell our slaves, and they are the torment of my life, for I cannot find enough work to keep them out of idleness and mischief’ (...) When I have look upon the careless, listless work of the bondman, and have watched the weariness of flesh to the owner, I have sometimes thought the latter was most to be pitied. Any cruelty that may be inflicted upon the blacks by the whites is amply avenged by the vices introduced in the families, and the troublesome anxiety given to masters”

agradável, sempre com exceção ao volume de voz elevado, que suponho vir das ordens frequentes dadas a Congos ou Moçambiques” (*Brazil and The Brazilians*, p. 164)²³⁰.

O desgaste ocasionado pela indolência escrava às mulheres, que no texto, parecem ser aquelas que mais vivem em companhia desses cativos, foi também, outra justificativa dos autores favorável ao término da escravidão. Nesse aspecto, ela era nociva moralmente ao cotidiano familiar. Eles descreveram também negativamente o Lar de Menores e à Roda de Expostos:

“O Lar de Menores é às vezes chamado de *Casa da Roda*, em alusão à roda na qual os recém-nascidos são depositadas das ruas e que por uma meia volta adentram aos muros do edifício(...). Essas tais instituições são o resultado de uma filantropia errônea que tanto é evidente no Brasil como em qualquer outro país. Ela não apenas encoraja à licenciosidade como acoberta a mais palpável desumanidade. (...) vários dos inocentes são fruto das escravas, cujos senhores, não querendo arcar com os problemas e despesas de criar a criança, ou desejando o serviço das mães como amas-de-leite, exigem que esses inocentes sejam levados a serem enjeitados”(*Brazil and The Brazilians*, p. 112-113)²³¹.

Destaca-se nessa passagem a origem daqueles enjeitados, filhos bastardos dos senhores com suas escravas, o que, novamente, atingia às senhoras brancas brasileiras. Por isso, a presença escrava era moralmente condenável pelos autores: desgastava os laços matrimoniais e corrompia a família²³².

²³⁰ “...they chatter (...) at a pleasant way, always excepting a rather high tone of voice, which I suppose comes from the frequent commands given to Congo or Mozambique”.

²³¹ “The Foundling Hospital is sometimes called *The Casa da Roda*, in allusion to the wheel in which infants are deposited from the streets and by a semi-revolution conveyed within the walls of the building.(...) That such institutions are the offspring of a mistaken philanthropy is as evident in Brazil as can be in any country. Not only they encourage licentiousness, but they foster the most palpable inhumanity (...) many of the foundlings are the offspring of female slaves, whose masters, not whising the trouble and expense of endeavouring to raise the children, or wishing the services of the mothers as wet nurses, require the infants to be sent to the *engeitaria*”.

²³² Esse é outro fragmento de fala que alinha Fletcher aopensamento abolicionista norte-americano, cujo discurso, embora crítico a uma série de instituições se sedimentava na estrutura familiar. A “*família*” era a “*a instituição mais antiga, simples, forte e sagrada de Deus na Terra*”. Por essa sacralidade, ela

3.5 Educação e produção intelectual brasileiras

A educação em colégios, comum aos brasileiros de elite, era destacada e considerada moderna pelos autores, além de registrada a facilidade com que jovens brasileiros adquiriam conhecimentos e habilidades, demonstrando a familiaridade destes com os cânones ocidentais do período²³³. Havia um reconhecimento à ilustração dos jovens brasileiros, mas, ainda assim, os autores consideravam problemática a ausência de ensinamentos morais e religiosos:

“O grande defeito deles não é almejar uma educação polida, mas uma moralidade sonora, uma religião pura. Sem isso, um homem pode ser amável, refinado e cerimonioso; mas essa carência faz dele irresponsável, falso e egoísta” (*Brazil and The Brazilians*, p. 185)²³⁴.

A crítica de Kidder e Fletcher residia, portanto, no modo como a boa instrução recebida se reproduzia nos meios sociais brasileiros, sem o alicerce moral da religião. Infere-se pelo excerto acima que o catolicismo era uma religião “impura”. Essa palavra, impura, deve ser mais bem compreendida. Para os autores, a religião Católica em si continha bons princípios, o problema estava na corrupção dos membros da igreja que enriqueciam com a boa fé dos fiéis.

Se a educação dos jovens adultos estava pelo menos encaminhada, ela deixava a desejar quando o assunto era educação feminina: as leituras destinadas às moças “consistiam em grande parte dos romances de Balzac, Eugene Sue, Alexandre Dumas,

deveria ser, ao máximo, preservada contra corrupções do mundo, como a escravidão. Cf.: ASHWORTH, John. *Op. Cit.*, p. 175.

²³³ Entre as escolas mencionadas estavam o Colégio Pedro II, as Academias de Direito de São Paulo e do Recife e as Cf.: Idem, pp.176-179; 363; p.405-410; 520; 181.

²³⁴ “*Their gratest defect is not the want of a polished education, but of a sound morality, a pure religion. Without these, a man can be amiable, refined, ceremonious; but their absence makes him irresponsible, insincere and selfish*”.

pai e filho, George Sand, e os folhetins de jornais”²³⁵, alguns considerados perniciosos às mulheres na percepção norte-americana do período²³⁶. O descaso com a educação feminina era atribuído aos pais das jovens:

“...oito em cada dez pais brasileiros acreditam que aos treze ou catorze anos sua educação [da moça] está terminada. Se rica, ela já está preparada para a vida, em curto tempo, o pai apresenta à sua filha um de seus amigos com o sonoro aviso, ‘minha filha, este é seu futuro marido’” (Brazil and The Brazilians, p. 166)²³⁷.

A educação feminina brasileira contrastava, inclusive, com as experiências familiares de Fletcher: Sarah, sua mãe, fora educada por seu esposo, Calvin Fletcher²³⁸. A esposa do autor, Henriette, era sua companhia constante em eventos sociais, além de atuar em esferas intelectuais norte-americanas, traduzindo trabalhos em francês e alemão²³⁹. Mas, o autor, fazia questão de endossar novas iniciativas para a educação feminina. Para isso, reproduzira uma afirmação do Dr. Pacheco da Silva²⁴⁰:

²³⁵ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 164: “*Their literary stores consists mostly of the novels of Balzac, Eugene Sue, Dumas père et fils, George Sand, the gossiping pacotilhas, and the folhetim of the newspaper*”.

²³⁶ CASPER, Scott. *Op. Cit.*, 2002, p. 132.

²³⁷ “...but in eight cases out of ten, the Brazilian father thinks (...) at thirteen or fourteen years old (...) her education is finished. If wealthy, she is already arranged for life, and in a little time the father presents to his daughter some friend of his own, with the soothing remark, ‘Minha filha, this is your future husband’”.

²³⁸ CASPER, Scott. *Op. Cit.*, 2002, p. 157-158.

²³⁹ A correspondência entre Fletcher e seu pai mostrava a sra. Fletcher participando dos círculos sociais brasileiros e norte-americanos junto ao autor. Em seu primeiro encontro com o imperador no vapor *City of Pittsburg*, o pastor menciona a interação dela: “*A Imperatriz encontrou em Henriette alguém com quem podia conversar livremente e, enquanto a senhora do Governador Kent era deixada de lado, Ela (a Imperatriz) fez Henriette sentar-se a seu lado e contar-lhe sobre a educação de seu filho, sobre literatura, sobre as ocupações de seus maridos*”. Carta de J. C. Fletcher a Calvin Fletcher, 22.03.1853. JAMES, David. *D. Pedro II e os Amigos da Nova Inglaterra*. Petrópolis: Ministério de Educação /Saúde, 1952, pp. 25-26. O episódio do encontro no *City of Pittsburg* foi mencionado no livro, porém, a participação de Henriette, suprimida. Os livros que ela traduziu para o inglês foram os do ilustrador suíço Rodolphe Töpfer (1799-1846) e um romance, *Rosa, or a parisian girl*. Também, o escritor Henry W.

“Eu desejo do fundo do meu coração ver o dia em que nossas escolas femininas tenham tamanha qualidade que as filhas brasileiras possam ser preparadas com treinamentos morais e intelectuais a serem profícuas mães, capazes de ensinar a seus filhos os elementos da educação e seus deveres para com Deus e os homens (...). Estas escolas têm aumentado, algumas delas são de fato excelentes” (*Brazil and The Brazilians*, p. 166)²⁴¹.

Note-se o empenho dos autores em reiterar que o Brasil estava em direção ao progresso: aqui e ali em *Brazil e The Brazilians* eles criticavam esta ou aquela deficiência para que o país alcançasse completamente a modernidade e, imediatamente, punham-se a descrever soluções encontradas pelos próprios brasileiros para combater suas dificuldades.

Ainda que os autores clamassem pela educação feminina, pode ser notado que seu modelo se restringia à formação da boa dona de casa e da educação dos filhos. Tais perspectivas já indicavam traços que Tania Quintaneiro e Amy Kaplan chamaram de “culto à domesticidade”²⁴². Os colégios femininos eram alternativas à melhor educação

Longfellow, em seus diários, notava a presença de Henriette como companhia constante a Fletcher, *Ibd.*, p. 39.

²⁴⁰ Manuel Pacheco da Silva (1812-1889) foi incentivador de projetos para a instrução pública no Império. Na época da visita de Fletcher, era diretor do Colégio Pedro II. O autor também tomou contato com as ideias de Honório Hermeto Carneiro Leão (1801-1856) que, no Brasil, ficou mais popularmente conhecido como incentivador do ensino no Império (Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 185).

²⁴¹ “I desire with all my heart to see the day when our schools for girls will be of such a character that a Brazilian daughter can be prepared by moral and intellectual training to become a worthy mother, capable of teaching her own children the elements of education and the duties which they owe to God and to men (...) Such schools are increasing and some are very excellent”. No período de escrita de *Brazil and The Brazilians*, décadas de 1850 e 1860, eram inaugurados os primeiros colégios femininos do Brasil. Sobre o assunto ver: RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. “A Educação Feminina no Século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)”. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de Campinas. Campinas, São Paulo, 1993 (mimeo).

²⁴² Cf.: QUINTANEIRO, Tânia. “A Criança Brasileira no Século XIX na percepção de viajantes ingleses e norte-americanos: uma análise comparada”. In: *Síntese: nova fase*, v. 19, n. 58, 1992, pp. 361-390.

das moças no país, alguns funcionando em adequação a instituições do mesmo tipo em países da Europa e nos Estados Unidos.

Portanto, no que tangia a educação no Brasil, havia um prognóstico positivo: as instituições procuravam se relacionar aos cânones do saber Ocidental do século XIX, incorporando os paradigmas correntes à formação educacional dos brasileiros, superando barreiras como a vaidade, a ociosidade, e o excessivo controle masculino.

Entretanto, no Brasil, ela não se mostrava desenvolvida como nos Estados Unidos, onde as taxas de alfabetização de homens livres beiravam os 80%²⁴³, ainda que a maioria fosse escolarizada apenas nas primeiras letras. Para minimizar essa dessemelhança, o assunto era apresentado como prioridade do Império:

“a educação está cada vez mais com as atenções voltadas para si (...) e um grande passo de melhorias já foi dado em relação ao antigo estado das coisas; mas ao mesmo tempo o trabalho nas reformas educacionais apenas começou (...) há muita esperança no aspecto educacional brasileiro. Professores formados no exterior estão no Império; a imprensa está a esse serviço; e milhares de cidadãos – aqueles que foram educados no país e no exterior – estão cientes da importância desses meios de esclarecimento público” (*Brazil and The Brazilians*, p. 585)²⁴⁴.

Há que se notar, que a alfabetização era estimulada nos Estados Unidos para que o homem pudesse ler a Bíblia. Essa máxima protestante, cujo desdobramento era evitar que houvesse intermediários entre o fiel e Deus, como o padre, fomentaram o ensino das primeiras letras naquele país. Novamente, na passagem acima, os autores criticavam

²⁴³ Os índices de alfabetização norte-americanos eram desiguais entre as regiões. Por exemplo, New England compreendia 90% de homens livres alfabetizados e de 80% entre a população do Sul. Cf. MC PHERSON, James. *Op. Cit.*, pp. 19-21.

²⁴⁴ “Education is daily exciting increased attention (...) a great degree of improvement upon the former state of things is already manifested; but at the same time the work of educational reform has only commenced(...) there is much room to hope for Brazil on the score of education. The schoolmaster is abroad in Empire; the press is at work; and thousands of citizens – those who have been educated at home and abroad – are awake to the importance of both those means of public enlightenment”.

determinados aspectos da educação no Brasil para, em seguida, apresentar os encaminhamentos que eram feitos no país para superar tal desafio.

Os autores também indicavam outros mecanismos que o governo criara para que a educação dos jovens brasileiros se convertesse em benefícios para o Império. O mais importante deles foi a manutenção de sociedades científicas, fortalecidas sob auspício de D. Pedro II, caso do Instituto Histórico Geográfico e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Essa última, por exemplo, era:

“... uma associação voluntária de cavalheiros cujo objetivo principal é desenvolver os interesses agrícolas, mecânicos, e minerais do país, pela importação de implementos por correspondência com agricultores e manufactureiros de todas as partes do mundo, de modo a combater a indiferença, a indolência e todos os hábitos não-lucrativos de cultivo, em nome do desenvolvimento dos recursos do país”. (*Brazil and Brazilians*, p. 184)²⁴⁵

A descrição dessas associações e de seus objetivos no livro mostrava ao leitor norte-americano, mais uma vez, “um desejo de aprimoramento” por parte dos brasileiros²⁴⁶. Esses cavalheiros, como indicam os autores no excerto selecionado, refletiam sobre a construção de novos métodos de trabalho a partir da realidade brasileira, o que levaria o Império ao desenvolvimento, ao progresso, em interlocução com as inovações estrangeiras, minimizando também a falta de afeição ao trabalho.

Em certa medida, o próprio Fletcher, tentava fazer parte desse impulso por novos conhecimentos. Pela correspondência trocada por ele com D. Pedro II ou com pessoas engajadas nessas instituições como o político Luís Pedreira do Couto Ferraz

²⁴⁵ “...a voluntary company of gentlemen whose object is to advance the agricultural and mechanical and mineral interests of the country, by importing model implements, by correspondence with agriculturalists and manufacturers in all parts of the world, by combating indifference and indolence and every unprofitable routine of cultivation, and by developing the resources of the country”.

²⁴⁶ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 583: “...cherishes a desire for improvement”.

(1818-1886), notamos que o autor procurou promover intercâmbios entre os países, por meio de contatos entre instituições e convívio com os letrados da época²⁴⁷. Para o autor, com base em determinadas instituições, parecia possível o engajamento e a ocupação dos jovens da elite, onde eles aprimoravam seus saberes e garantiam a produção intelectual do país. Essa era uma forma de servir ao país, evitando a ociosidade.

Também, para mostrar o amadurecimento e potencial intelectual da nação nos idos de 1850, era descrita a produção de pensadores desenvolvida no Brasil, principalmente a divulgada pela Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, e pela Revista Acadêmica da Escola de Medicina do Rio de Janeiro. A imprensa no Brasil foi elogiada por Kidder e Fletcher, destacada a liberdade da mesma, mostrando que o Império permitia a expressão diversos grupos²⁴⁸.

Eram também destacados os Institutos de Ciências e Artes, fixados no Rio de Janeiro: a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional, a Academia Imperial de Belas Artes, o Conservatório de Música e a Sociedade de Estatística²⁴⁹. Os autores viam-nos positivamente, pois assim “o espírito questionador foi aguçado e interessantes resultados tem sido alcançados”²⁵⁰.

²⁴⁷ Pelas correspondências compiladas por David James Gueiros vemos que, por intermédio de Fletcher, D. Pedro II manteve contato com os literatos norte-americanos Henry Wardsworth Longfellow, John Greenleaf Whittier, Walt Whitman, e com o botânico suíço radicado nos Estados Unidos, Louis Agassiz. Além desses contatos pessoais foram registrados contatos institucionais entre o IHGB do Rio de Janeiro e a New York Historical Society. Cf.: JAMES, David. *D. Pedro II e os Amigos da Nova Inglaterra*. Anuário do Museu Histórico de Petrópolis. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

²⁴⁸ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 220-226. Cf.: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura e ZANLOREZI, Cláudia Maria Petchak. “A Imprensa no Brasil: do Império à Primeira República”. *Acervo – Revista do Arquivo Nacional*: Rio de Janeiro, v.19, n.1-2, pp.37-52, jan-dez.2006.

²⁴⁹ Cf.: Idem, pp. 258-262.

²⁵⁰ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 262: “the spirit of inquiry was excited (...) and interesting results have been accomplished”.

Assim, a forma como os autores entendiam a produção intelectual brasileira sugeria um contínuo estímulo do governo imperial a se pensar a população do país e o território nacional. Desse modo, ela era, também, sinônimo de desenvolvimento, da predisposição do Império e dos brasileiros rumo ao progresso²⁵¹. Assim, a partir dessa série de medidas, bem como dos avanços da instrução à população imperial, os autores repudiavam desqualificações ao Brasil e aos brasileiros — como a que fez o viajante Thomas Ewbank, já citado, e com quem Kidder e Fletcher dialogava — enxergando nos brasileiros um potencial, inclusive intelectual, para o desenvolvimento.

3.6 As práticas religiosas

Como informado, o livro analisado foi escrito por pastores protestantes, mas a religião não era o tema central da obra, ainda que fosse um tópico importante. A título de exemplo, Thomas Ewbank, já citado, não era pastor, mas dedicou mais páginas para desqualificar a religião católica no Brasil em contrapartida à religião nos Estados Unidos que os autores de *Brazil and The Brazilians*.

Mesmo que não se detivessem a questões religiosas, era inevitável aos autores apontarem a religião “como assunto interessante, mas doloroso — doloroso a todo verdadeiro cristão desejoso do bem dessa raça”²⁵². Em carta a seu pai, Fletcher

²⁵¹ Cf.: Idem, p. 3. Os autores destacaram os trabalhos produzidos pelo Instituto Geográfico Brasileiro nas décadas de 1840 e 50. Essa produção apresentava narrativas biográficas históricas e experimentos médicos citados em *Brazil and The Brazilians*, como as tentativas de cura de filariose a partir do veneno de cascavel, que acabou malsucedido (p. 105), e o que Fletcher chamara de “nova doença”, a papeira (p. 385), além de serem citados trabalhos literários de autores como Gonçalves de Magalhães (p. 258). Nos Estados Unidos, esse também era um período de tentativa de formação de um cânone científico-literário americano, que procurava ser independente do inglês. Cf.: WILLIAMS, Susan. Publishing an Emergent ‘American’ Literature. In: CASPER, Scott, CHAISON, Joanne and GROVES, Jeffrey. *Op. Cit.*, 2002, p.165 e CASPER, Scott. Introduction. In: CASPER, Scott, GROVES, Jeffrey, NISEMBAUM, Stephen, WINSHIP (eds.). *A History of The Book in America. Volume 3: The Industrial Book*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007, p. 24.

²⁵² Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 160: “...this interesting but painful subject, - painful to every true Christian and well-wisher to this race”.

considerava os brasileiros educados como povo que menos se importava com a religião, indiferentes a questões espirituais²⁵³. Em *Brazil and The Brazilians*, os autores deixavam claro que a imoralidade do clero era visível, contribuindo para o descrédito dessa instituição:

“Os padres, em certa medida, devem sua perda de poder à imoralidade vergonhosa por eles praticada. Não há classe de homens, em todo o Império, cujas vidas e hábitos são tão corruptos quanto os do clero. É notório. (...) todos os homens, de estratos altos ou baixos falam sobre essas percepções desveladamente (...) e o que é pior, em vários lugares, os padres falam abertamente de suas faltas” (*Brazil and The Brazilians*, p. 143)²⁵⁴.

Para Fletcher, o desvirtuamento desses religiosos representava o abandono, por parte do clero, tanto da religião como dos fiéis, o que gerava uma situação duplamente perigosa. Além das descrenças da população brasileira com relação ao clero, nesse “ambiente corrompido”, abriam-se espaços a charlatanismos: lucrava-se com a credulidade dos devotos que adquiriam miniaturas de santos com a promessa de proteção, benzedoiras que cobravam por orações contra superstições, entre outros. Os autores acreditavam que a fé no Brasil organizava uma indústria de aparatos e serviços lucrativos no século XIX²⁵⁵. As práticas católicas eram entendidas como “casamento entre cristianismo e paganismo”:

²⁵³ Carta de J. C. Fletcher a C. Fletcher, 03.04.1852, Apud VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, p. 170.

²⁵⁴ “The priests, to some extent, owe the loss of their power to their shameful immorality. There is no class of men in the whole Empire whose lives and practices are so corrupt as those of the priesthood. It is notorious (...), every men, wheter high or low, speaks his sentiments most unreservedly on this point (...) and what is worst, in many places the priests openly avow their shame”.

²⁵⁵ Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, pp. 158-159. Nessas páginas eram expostos anúncios dos jornais para o benzimento de casas e o episódio do surto de cólera que ocorreu no Rio de Janeiro, em 1855, gerando procissões e mais uma série de “crendices”.

“Dentre os vários particulares [sobre a religião], no qual podemos traçar certo casamento entre o cristianismo e o paganismo, nenhum deles é tão curioso quanto o sistema de ex-voto (...). Os piedosos pagãos (...) penduram em seus templos os trabalhos de seus artesãos e artistas (...). Na Igreja da Glória podem ser vistas quantidades de modelos de cera de braços, pés, olhos (...). No segundo volume de Mountfacon (...) existe uma longa explanação sobre ex-votos ‘alguns oferecidos a Netuno, pelo bom sucesso de viagens marítimas, a Serapis pela saúde, a Juno Lucina pelas crianças e por um bom parto’” (*Brazil and The Brazilians*, p. 95-97)²⁵⁶.

Descrições como essas eram mais categóricas do que a tônica geral do livro que contemporizava as deficiências e acomodava as contradições. Para os autores, a religião católica praticada no Brasil nada mais era do que um cristianismo emocional e irracional, que em nada se adequava às necessidades advindas com as reformas modernizadoras, em termos políticos e sociais que o país atravessava.

Contudo, para amainar a gravidade atestada, destacando as perspectivas positivas em relação aos brasileiros, Kidder e Fletcher enfatizaram os passos políticos importantes para o progresso que haviam sido tomados, pois “o Brasil é a nação mais evoluída da América do Sul à medida em que se abandonou a exclusividade ao catolicismo”²⁵⁷ e abriu a possibilidade de abertura de outras práticas religiosas, garantidas pela Constituição. Importante notar que as críticas feitas à Igreja católica não eram dirigidas a parte dos brasileiros:

²⁵⁶ “In the many particulars in which we can trace with certainty the marriage between Christianity and heathenism, none is more curious than the system of ex votos. (...) The pious pagans (...) hung up in their temples the handiwork of their mechanics and artists (...) In Gloria Church also may be seen any quantity of wax models of arms, legs, eyes (...) In the second volume of Mountfacon, there is a long account of ex votos, ‘some of which are offered to Neptune for safe voyages, Serapis, for health, Juno Lucina for children and happy deliveries’”. *Mountfacon (1665-1741) era um monge beneditino francês pioneiro em estudos paleográficos e arqueológicos voltados à Grécia Antiga. Disponível em: <[http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Bernard_de_Montfaucon](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Bernard_de_Montfaucon)>, Acesso em jan.2013.

²⁵⁷ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 140: “Brazil is in every respect the Superior State of America just so far as she has abandoned the exclusiveness of Romanism”.

“Não há país na América do Sul onde a filantropia e o cristão tem tão livre escopo à prática do bem como o Brasil (...) É de minha firme convicção que não há país católico no mundo onde prevaleça tão alto grau de tolerância ou liberdade de sentimentos em relação a protestantes” (*Brazil and The Brazilians*, p. 143)²⁵⁸.

Para os autores, o prevalecimento de uma ideologia liberal nas manifestações de opinião pública brasileira, assim como a ideia de tolerância, abria caminhos para uma possível divulgação protestante. Para expor a viabilidade dessa proposta, além de destacar esses aspectos de receptividade no brasileiro, Fletcher se amparava em argumentos históricos ao trazer a público que “foi no território do Brasil que a Religião Reformada foi primeiramente proclamada no Continente Ocidental”²⁵⁹.

Os autores informavam ao público norte-americano que, ainda que a religião católica fosse corrompida no Brasil, os protestantes e o protestantismo eram bem recebidos no país. Traçaram um paralelo histórico entre o catolicismo e o protestantismo, no qual situavam a fundação do Rio de Janeiro e as incursões huguenotes de Colligny e Villegagnon no contexto das lutas de religião dos séculos XVI e XVII. A derrota desses protestantes era atribuída em razão de seus próprios erros²⁶⁰. A divulgação da prática protestante foi, assim, estimulada:

“Se admitirmos que essa Igreja corrupta uma vez teve a única luz e conhecimento, não há necessidade de permanecermos modificando na escuridão, ou usar o brilho da lamparina, quando temos o brilho claro do sol do

²⁵⁸ “*There is no country in South America where the philanthropist and the Christian have a freer scope for doing good than in Brazil (...) 'It is my form conviction that there is not a Roman Catholic country on the globe where there prevails a greater degree of toleration or a greater liberality of feelings toward Protestants'*”.

²⁵⁹ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 4: “*...in the territory of Brazil the Reformed Religion was first proclaimed on The Western Continent*”.

²⁶⁰ Cf.: Idem, p. 55-60.

meio-dia. Deixe que a Luz venha sobre o Brasil” (*Brazil and The Brazilians*, p. 144)²⁶¹.

O trecho mostra intenções de, além de estabelecer contatos comerciais com o Brasil, estimular a religião protestante entre os brasileiros. Na época, a divulgação missionária ganhava amplitude aos leigos nos Estados Unidos e se apresentava, também, como pontua os historiadores David Kling e Amy Kaplan, como forma de expandir os valores culturais norte-americanos²⁶².

Entretanto, a proposta de incorporação do protestantismo no Brasil contida no livro não se estabelecia simplesmente baseada no alastramento de valores norte-americanos, mas sim, na possibilidade da igreja reformada trazer valores morais puros e retidão individual de modo a fortalecerem espiritualmente o brasileiro na série de reformas em curso no Império, como se fosse mais um passo, rumo ao almejado progresso²⁶³. Assim, para eles, religião protestante e modernidade/progresso eram indissociáveis. Portanto, no livro, a possibilidade de implantação do protestantismo no Brasil vinculava-se a uma finalidade específica: “alinhar” os brasileiros ao “caminho

²⁶¹ “If we Grant that this corrupt church at one time had the only light and knowledge, there is no necessity that we should remain in modified darkness or use the glimmer of lamplight when we have the clear effulgence of noonday sun. May the Light beam upon Brazil!”.

²⁶² KLING, David. The New Divinity and the Origins of American Board Commissioners for Foreign Missions, In: SHENK, Wilber t(ed.). *North American Foreign Missions 1810-1914: Theology, Theory and Policy*. Michigan: Wme. B. Eerdsman editor, 2004, pp. 16-35. KAPLAN, Amy. *The Anarchy of Empire in the making of U.S. Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2002, pp. 23-50.

²⁶³ A periclitância de Fletcher pode ser entendida como uma percepção iluminista de religião, que continuava a considerá-la necessária aos povos, todavia, os parâmetros de fé deveriam ser racionais, alinhados à ciência, longes daquilo considerado como superstições. Cf. CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1970, pp. 120-140. O caso brasileiro se apresentava sui generis, especialmente a um norte-americano, em vista de que a nacionalidade norte-americana se constituiu conectada a parâmetros religiosos protestantes. Cf. AZEVEDO, Cecília. “A Santificação pelas Obras:” *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, n. 11, jul. 2001, pp.111-129. No Brasil, congregavam-se dois malefícios: a descrença e a superstição.

certo”, utilizando a verdadeira luz, ao invés da atual “lâmparina”, o catolicismo, o que implicava, obviamente, a vinda de novos missionários ao Brasil²⁶⁴.

Por fim, apesar das práticas intoleráveis de membros da Igreja Católica, na concepção dos autores, o país e seus habitantes estavam no caminho do progresso. Para acelerar o processo, porém, a educação deveria se conectar à religião, como acontecia no exemplo da reformulação de disciplinas que passara o colégio Pedro II contando com a exegese bíblica²⁶⁵, ou com a proposta de distribuição de bíblias nas escolas paulistas, apresentada por Kidder²⁶⁶, ou ainda, como acontecia nas ações das *Sundays Schools*, dirigidas também por ele.

O tema da Igreja Católica foi aquele no qual os autores se mostraram mais categóricos. Eles repudiaram as práticas da igreja no Brasil e defenderam a abertura religiosa no país. Ainda que os autores não tivessem a religião como tema central do livro, eles claramente escreveram em causa própria quando o assunto era abertura e o estímulo aos missionários protestantes no Brasil.

²⁶⁴ É preciso retomar, como exposto no capítulo 1, que na relação entre protestantes e católicos no século XIX, o protestantismo se enxergava como “Luz verdadeira” em relação ao catolicismo, como identificado no comentário de Fletcher. A percepção sobre religião dele pode ser entendida dentro dos parâmetros iluministas, pelos quais a presença de uma Fé ignorante e supersticiosa seria o pior dos males, a ser combatido por uma união entre Fé e Ciência. Cf.: CASSIRER, Ernst. *Op. Cit.*, p. 221-222.

²⁶⁵ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, pp. 179-180. A disciplina de exegese bíblica era inicialmente ministrada por Justus Spaulding, colega missionário de Daniel P. Kidder em sua estadia no Brasil, Cf. cap. 1.

²⁶⁶ Idem, pp. 378-380.

IV – “Controlar o destino do Novo Mundo”: O papel dos Estados Unidos e as oportunidades que o Brasil oferecia

Além de contemplarem a política e vários aspectos sociais brasileiros, Kidder e Fletcher retrataram as possibilidades brasileiras no que diz respeito à natureza intocada, a qual poderia ser transformada lucrativamente, além de outras oportunidades que o grande território do Brasil oferecia: destacaram dados e informações referentes à economia que, segundo eles, confirmavam o “diagnóstico” de que o Império rumava em direção ao progresso. No capítulo serão enfatizadas as possibilidades de intercâmbios comerciais entre os dois países. Era cobrado, dos Estados Unidos, assumirem lugar preponderante nas Américas, ao expandirem seu comércio com o Brasil.

4.1. As Percepções sobre o Território e a Natureza brasileiros.

Entre trechos que descreviam as formas de vida da população e os embates políticos brasileiros, eram descritas paisagens do Rio de Janeiro, comparando-as às da Baía de Nápoles e a de outros portos do mundo:

“A Baía de Nápoles, o Chifre Dourado de Constantinopla e a Baía do Rio de Janeiro são sempre referidos primeiramente pelos turistas viajados como locais que valem a pena serem classificados em conjunto, pela extensão, beleza e sublimidade de seus cenários. Os dois primeiro lugares, no entanto, devem dar a palma ao último, esse maravilhoso lençol d’água que, num clima de perpétuo verão, é cerceado por pitorescas e singulares montanhas (...) [que fazem o viajante] ao olhar pela primeira vez ao esplendor natural da baía exclame: C’est l’Hélie Meridionale! (Essa é a Suíça meridional!)” (*Brazil and The Brazilians*, p. 13)²⁶⁷.

²⁶⁷ “The Bay of Naples, the Golden Horne of Constantinople and The Bay of Rio de Janeiro are always mentioned by the travelled tourist as pre-eminently worthy to be classed together for their extent, and for the beauty and sublimity of their scenery. The first two, however, must yield the palm to the last-named

A beleza do Rio de Janeiro era evocada por Fletcher com a autoridade de um viajante experiente e cosmopolita. Eram feitas, inclusive, referências à poesia romântica de autores norte-americanos como George Pope, lembrado por Fletcher ao lamentar o fato de seu vizinho ter cortado uma palmeira²⁶⁸.

Embora essas descrições ajudassem a incorporar estereótipos da América Latina no imaginário norte-americano na metade do século XIX — entre eles o da existência de uma natureza exuberante e pouco controlada pelo homem — era importante mencionar imagens sobre a paisagem em *Brazil and The Brazilians*, em primeiro lugar, num sentido de estabelecer diálogos com outras publicações a esse respeito, além de contemplar o gosto dos leitores²⁶⁹. O Brasil era visto desde o início do século XIX como um lugar de natureza vigorosa. Conscientes disso, os autores reproduziam no livro descrições idílicas, por exemplo, sobre a Serra dos Órgãos:

“Apenas nos meses de Abril e Maio (outubro e novembro no Brasil) que as tintas outonais de nossas árvores da América do Norte teriam comparativo à paisagem de floresta da Serra dos Órgãos (...) Tesouros florais são coletados em todos os lugares. Vinhas silvestres se retorcem nas mais fantásticas formas ou penduram-se em graciosos festões: flores de maracujá, trombetas-de-anjo e

*magnificent sheet of water, which in a climate of perpetual summer is enclosed within the ranges of singularly-picturesque mountains (...) looking for the first time on the native splendor of the Brazilian bay and its circlet of mountains exclaimed, 'C'est l'Helvétie Meridionale!' (It is the Southern Switzerland)” p. 13. Em carta, Fletcher notou a seu pai essa efusão de sentimentos saudosos atribuídos à Henriette, a partir dos quais ele apresenta a menção. Cf.: JAMES, David. *D. Pedro II e os Amigos da Nova Inglaterra*. Anuário do Museu Imperial de Petrópolis. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde e Educação, 1952.*

²⁶⁸ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 91. O poema era: “Woodman! Spare that tree”(Lenhador! Poupe essa árvore), publicado pela primeira vez em 1837. Em uma de suas reedições, em 1853, teve seu nome alterado para “The Oak” (O Carvalho), sendo amplamente mencionado pelos preservacionistas. Sobre o assunto, ver: GARDNER, Martin. *Best Remembered Poems*. Courier Dover Publications, 1992, p. 118.

²⁶⁹ SALVATORE, Ricardo. The Enterprise of Knowledge: The Representational Machine of The Informal Empire. In: JOSEPH, Gilbert, SALVATORE, Ricardo D., LE GRAND, Catherine (editors). *Close Encounters of The Empire. Writing the Cultural History of U.S – Latin American Relations*. Duke University Press, 1998, pp. 72-75.

fúcsias em sua glória natural – Samambaias cuja elegância de linhas só é ultrapassada pelo alto e ligeiramente curvado palmito que é, de fato, a corporificação da linha da beleza (...) tudo forma um cenário que captura o naturalista, desestruturando, mesmo os não iniciados, com sua riqueza, que ainda assim, apreciam a beleza e o esplendor que são apresentados por todos os lados, pelas mãos do Criador. A sensação avassaladora que se experimenta ao entrar em uma estufa repleta (...) é como a descrita acima; e ainda, se observa um sentimento de liberdade incompatível à sensação que a palavra avassaladora pode exprimir, impossível de se definir. (...) Na província de Minas Gerais, eu uma vez contemplei a floração da magnífica floresta. Ela parecia a mim estar envolta numa névoa encantada, de púrpura e ouro” (*Brazil and The Brazilians*, pp. 249-252)²⁷⁰.

Aspectos da estilística romântica atravessam o trecho com descrições sensoriais, relatando o impacto do *wilderness* aos escritores²⁷¹. Tais registros eram coerentes com os contatos intelectuais de Fletcher nos Estados Unidos, os poetas Henry Wardsworth Longfellow (1807-1882) e John Greenleaf Whittier (1807-1892), expoentes da poesia romântica norte-americana do período, que registravam impressões semelhantes sobre a natureza e seu lado místico em seus poemas²⁷².

²⁷⁰ “In the months of April and May (October and November in Brazil) only the autumnal tints of our gorgeous North American woods can compare with the sight of the forest of the Serra dos Orgões (...). Floral treasures are heaped on every side. Wild Vines, twisted into most fantastic forms or hanging in graceful festoons, - passion-flowers, trumpet-flowers, and fuchsias in their native glory, - tree-ferns, whose elegance of form is only surpassed by the tall, gently-curved palmito, which is the very embodiment of the line of beauty (...) all form a scene enrapturing to the naturalist, and bewildering with its richness to the uninitiated, who still appreciate the beauty and the splendor that is scattered on every side by the Hand Divine. The overpowering sensation which one experiences when entering an extensive conservatory filled with the choicest plants (...) as that described above; and yet there was such a feeling of liberty, incompatible with the sensation by the word ‘overpowering’, that it is impossible to define it. In the province of Minas Geraes (...) I once beheld the magnificent forest in bloom (...) they seemed to be enveloped in a fairy-mist of purple and gold”, p. 277-278.

²⁷¹ Sobre o conceito de *wilderness*, consultar JUNQUEIRA, Mary Anne. Oeste, wilderness e fronteira no imaginário norte-americano. In: *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança: EDUSF, 2000.

²⁷² Parte das visões românticas norte-americanas sobre a natureza se atrelavam a um pensamento antitético ao progresso, crítico aos desdobramentos sociais ocasionados pela industrialização ocorrida no nordeste dos Estados Unidos. A Natureza, por esse pensamento, ganhava feições espiritualizadas: seria no ambiente natural e em grande medida isolado, em contraponto ao ambiente considerado artificial da

Mas a recuperação da natureza no livro também a articulava ao urbano, ao compararem o porto do Rio às paisagens portuárias nova-iorquinas:

“O aspecto que o Rio de Janeiro transmite a seu contemplador não se compara às compactas paredes de alvenaria, os telhados sombrios e as altas chaminés observadas comumente em nossas cidades do Norte [dos Estados Unidos]. A superfície [do Rio] é diversificada por colinas irregulares, porém pictóricas. Por entre as bases dessas colinas, e em seus lados, impõem-se linhas de edifícios cujas paredes claras e telhados avermelhados estão em feliz contraste com o profundo verde das folhagens que sempre os rodeia, quando não, entrelaça-se com eles” (*Brazil and The Brazilians*, p 22)²⁷³.

Embora a junção dos ambientes fosse percebida como bela, era notada a interpenetração da natureza no universo urbano. Era como se a floresta se sobrepusesse à civilização ali presente. Assim, ao mesmo tempo em que a natureza era deslumbrante, mostrava-se indômita. Os desdobramentos dessa interação evidenciavam, também, a passividade do homem brasileiro que não impusera a civilização tal qual o norte-americano:

“Não há presunção em afirmar que se um povo de fé semelhante [protestante], moral parecida, hábitos industriais e empreendedores semelhantes [aos dos americanos] tivessem ganhado abrigo num clima tão genial e num solo tão exuberante, há muito que o inexplorado e impenetrável interior intocado teria florescido e frutificado em civilização” (*Brazil and Brazilians*, p. 59)²⁷⁴.

cidade, que o homem encontraria sua verdadeira identidade, suas mais profundas experiências como ser. Cf.: MARX, LEO. *The Machine And The Garden. Technology and The pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University Press, 2000 [1964] e PAULINO, Carla Viviane. “O Império do Atraso”: *Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)*. Dissertação. (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011 (mimeo) pp.100-140.

²⁷³ “The aspect which Rio de Janeiro presents to the beholder bears no resemblance to the compact brick walls, the dingy roofs, the tall chimneys and the generally-even sites of our Northern cities. Its surface is diversified by hills of irregular but picturesque shape (...) Along the bases of these hills and up their sides, stand rows of buildings, whose whitened walls and red-tiled roofs are in happy contrast with the deep-green foliage that always surrounds and often embowers them”.

Para os autores, se aqueles que professavam a fé protestante estivessem no Brasil, não haveria mais florestas indomáveis na região. Assim, pode-se depreender que o país oferecia muitas oportunidades que não eram bem aproveitadas pelos locais, novamente, tidos como inferiores por conta disso.

Embora os autores admirassem a natureza, eles viam a civilização como algo necessário à evolução do país, vinculando-a sempre ao trabalho individual e ao progresso, encontrados nos Estados Unidos, ainda que o mundo de “puro concreto”, nova-iorquino, fosse considerado problemático. Há que se enfatizar que o controle do mundo natural, no país do norte, esteve vinculado à agressiva conquista territorial que fez as fronteiras do país alcançarem o Pacífico em curto espaço de tempo.

Entretanto, considerar a natureza e o clima brasileiro como favoráveis ao desenvolvimento e ao progresso era um desafio enfrentado pelos autores, pois as regiões tropicais, na época, eram entendidas pelos cânones de conhecimento como locais impróprios a se estabelecer a civilização.

Teorias como o determinismo geográfico, difundidas em terras norte-americanas e europeias na época, ratificavam uma superioridade das áreas de clima temperado, como ambientes mais propícios ao desenvolvimento da civilização e das capacidades transformadoras do homem branco²⁷⁵. Fletcher reconhecia, perante a força dessas

²⁷⁴ “*There is no presumption in the belief that had a people of similar faith [protestant], similar morals, similar habits of industry and enterprise had gained an abiding in so genial a climate and on a soil so exuberant, long ago the still unexplored and impenetrable wilderness of the interior would have bloomed and blossomed in civilization*”.

²⁷⁵ Sobre as ideias de degenerescência climática e suas utilizações no século XIX ver: KURY, Lorelai. “Más Influências: O Clima Tropical e o Brasil”. In: *Com Ciência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Artigo de 10.07.07. Disponível em: <<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=297&print=true>>, em set.2012. E Louis Agassiz, naturalista suíço radicado nos Estados Unidos, amigo pessoal de Fletcher, compartilhava dessas teorias, sendo conhecidamente defensor do poligenismo, corrente de pensamento que baseava parte de seus pressupostos no determinismo geográfico. Essa teoria preconizava a existência original de várias “raças de homens” distribuídas pelo globo.

ideias, que o clima tropical era um fator preocupante, no caso, para a plena instalação da civilização no Brasil. Considerando essas premissas, os autores procuraram destacar a condição privilegiada do Brasil entre as demais regiões tropicais:

“Aqueles cuja experiência tropical ocorreu nas índias Orientais ou na Costa Oeste Africana, não conseguem ter uma concepção precisa do delicioso clima que abrange a maior parte do Brasil. Parece até que a Providência designou tal terra como residência de uma grande nação (...) O Ten. Maury conclusivamente apresentou porque o Brasil se mostra tão abençoado, superior a qualquer outra terra de latitude correspondente (...) Nenhum outro país é tão regularmente alto quanto o Brasil (...) Essa grande elevação e forte circulação de ar se combinam a produzir um clima muito mais fresco e mais saudáveis que o das latitudes correspondentes da África ou do Sul da Ásia” (*Brazil and The Brazilians*, p. 268-270)²⁷⁶.

Kidder e Fletcher argumentavam em favor do Brasil baseados na existência de áreas de altitude alta no País, o que garantia temperaturas amenas em algumas partes do território, condição que colocava o Brasil como superior em relação a outras regiões de clima tropical. O argumento não refutava completamente a ideia corrente na Europa e nos Estados Unidos, com relação à inferioridade atribuída às regiões tropicais quanto à implementação da civilização no local, mas, destacava uma superioridade brasileira em relação aos países de clima quente.

Os autores mostravam também que o Brasil seria um lugar importante para naturalistas, dada a sua riqueza natural. Os autores identificavam estudos de cientistas renomados desenvolvidos no Brasil, como o dos prussianos Spix e Martius e do botânico inglês George Gardner. Destacam-se, além dos estrangeiros, letrados locais,

²⁷⁶ “Those whose tropical experience has been in East Indies or in west coast of Africa can have no just conception of the delightful climate of the greater portion of Brazil. It would seem as if Providence had designed this land as residence of a great nation. (...) Lieutenant Maury (...) has shown conclusively why it is that Brazil is so blessed above corresponding latitudes in other lands (...) No other country is so generally elevated as Brazil (...) This great elevation and those strong trade winds combine to produce a climate much cooler and more healthful than the corresponding latitudes of Africa and South Asia”.

caso de José Bonifácio (1763-1838), a quem eram atribuídos trabalhos em Geologia e Mineralogia, e Ildefonso Gomes (1794-1859), botânico brasileiro que acompanhava Fletcher à visita ao Comendador Silva Pinto²⁷⁷.

Eles também informavam aos norte-americanos a presença de outros cientistas estrangeiros que despendiam meses no interior no interior do Brasil, desenvolvendo pesquisas nas áreas de botânica e constatando patologias desconhecidas para eles, como a “papeira”, por exemplo²⁷⁸. Era interessante aos autores apresentar que, no Império, além da natureza exuberante, era possível, em especial aos estiduosos de História Natural, realizarem seus trabalhos, contribuindo com a ciência norte-americana²⁷⁹. Essas intenções ficam mais claras quando observada a correspondência trocada por Fletcher com o Imperador na década de 1860, quando o autor informava com entusiasmo a visita de Agassiz ao país:

“Senhor,

²⁷⁷ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, pp. 439-445. Ildefonso Gomes, além de se interessar pela botânica, publicou trabalhos da influência da água na cura de doenças, como o “*Manual de hidro-sudo-terapia ou diretório para qualquer pessoa em sua casa curar-se de uma grande parte das enfermidades que afligem o corpo humano, não empregando outros meios que suar, água fria, regime e exercício*”, de 1848. Sobre o assunto ver: BARGUIL, Carmen Maria Kligman. “O Lugar e o valor da fisioterapia na terapêutica médica: a medicina prática nos primeiros trinta anos do século XX”. Tese de doutoramento. Programa de Pós Graduação em História das Ciências. Fundação Oswaldo Cruz. Casa Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2011 (mimeo).

²⁷⁸ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, p. 365-373; 603-611.

²⁷⁹ Segundo algumas resenhas, em *Brazil and The Brazilians* o país era apresentado de forma semelhante aquela que a historiadora Maria Helena Machado classificou as descrições de Louis Agassiz, “como um laboratório a céu aberto”: “Aos vários dos nossos leitores que gostam de descrições de cenários de floresta, prometemos muito aprazimento (...) As descrições da fauna e da flora dos Brasis não são partes menos interessantes desse trabalho. O naturalista verá quanto arcabouço existe para ele nessas terras luxuriantes e quais promessas de novas descobertas o aguardam”. THE LIVING AGE. “Mr. Fletcher’s Brazil and The Brazilians”. Nova York: v. 66, i.844, 04.aug.1860, p. 299. “*To as many of our readers as have a taste for descriptions of forest scenery, we can promise gratification in abundance (...) The descriptions of the fauna of the Brazils are not at least interesting portions of this work. The naturalist will see what scope there is for him in those luxuriant lands, and what promise of new discoveries held out to him*”. Cf.: MACHADO, Maria Helena P. T. “A Ciência Norte-Americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo ‘degeneracionista’”, in: *Revista USP*, n.75, set/nov., 2007.

Tenho grande prazer em informar a Vossa Majestade Imperial que ‘o Rei dos Naturalistas’, Professor Agassiz, decidiu ir ao Brasil por um ano investigar a rica casa de tesouros de flora, fauna e terra (geologia) encontrados nos domínios de Vossa Majestade. Vossa Mjaestade dificilmente pode dimensionar o grande interesse que é sentido aqui [nos Estados Unidos] pelos homens de ciência nessa tão aguardada visita do Professor Agassiz (...). Permita-me dizer que o Professor Agassiz já pensa em Vossa Majestade como a um amigo. Por minha sugestão ele escreveu a Vossa Majestade (...) Acredito que Vossa Majestade fará tudo o que estiver em seu poder para ajudar a dar ao mundo científico e à Ciência do futuro, as investigações de alguém que irá associar o nome de Vossa Majestade inseparavelmente com a Ciência e com o Brasil (...) Ele [Prof. Agassiz] muito deseja que Vossa Majestade possa comissionar o Sr. Bourget como um naturalista prático (o que seria de grande ajuda a ele) para acompanhar e coletar amostras no Amazonas (...).

Do Mais humilde servo de Vossa Majestade,

J.C. Fletcher²⁸⁰.

As referências explícitas ao geólogo Nathaniel Plant e ao naturalista Louis Agassiz indicavam o empenho de Fletcher em promover viagens científicas de norte-americanos ao Brasil. Esse esforço viria a se configurar na conhecida *Expedição*

²⁸⁰ Doc. 6635. Carta de J. C. Fletcher a Dom Pedro II. Boston, March 8, 1865. Trecho Original: “*To H. I. M. Dom Pedro II. Sire, I have great pleasure in informing Your High Imperial Majesty that “The king of Naturalists”, Professor Agassiz, has determined to go to Brazil to spend a year in investigating the rich treasure house of Flora, Fauna and Terra (Geology) which is found in Your Majesty’s dominions. Your Majesty can hardly appreciate the great interest that is felt here by men of Science in this most contemplated visit of Professor Agassiz (...) Permit to say that Professor Agassiz already looks upon Your Majesty as his friend. At my suggestion he writes Your Majesty. (...) I believe that your Majesty will do all in Your majesty’s power to aid in giving to the scientific world, and to the science for the future, the investigations of one who will couple Your Majesty’s name inseparably with science and Brazil (...) He also greatly desires that your Majesty might commission M. Bourget as a pratical naturalist (who could be of great aid to him) to accompany and collect for him on the Amazon. (...) Your Majesty’s Humble Servant. J. C. Fletcher*”, Apud JAMES, David. *D. Pedro II e os Amigos da Nova Inglaterra*. Anais do Museu Imperial. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1952, pp. 63-64. No livro também há o registro das cartas que Agassiz enviou a D. Pedro II por ocasião da Expedição.

Thayer²⁸¹. O dado ratifica o componente diplomático que Maria Helena Machado destacou ao analisar a Expedição, empreendida em 1865²⁸².

Mas ainda, era conferida no texto de *Brazil and The Brazilians* uma grande importância ao território do Império:

Créditos de digitalização: Universidade de South Carolina
(<http://library.sc.edu/spcoll/sccoll/brazil/images/kidder2.jpg>). O tamanho original do mapa é 36 X 45 cm.

²⁸¹ O historiador David James nota em seu livro a intenção que Fletcher tinha em trazer Agassiz ao Brasil a despeito de empecilhos, como o caso da idade do naturalista, que era avançada no período. Cf. Idem, pp. 39-40.

²⁸² MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Brasil a Vapor. Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. Tese apresentada ao Concurso de Livre Docência. Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005 (mimeo), pp. 25-85.

Kidder e Fletcher incluíram um mapa do Brasil logo no início do livro, que informava sobre a geografia física e política do país, as vias de fluxo brasileiras, a localização das cidades, os obstáculos geológicos do território, bem como os seus “vazios demográficos”. Isso fornecia uma dimensão concreta do Império Brasileiro aos leitores, que facilmente poderiam associá-lo aos mapas norte-americanos da época.

Desnecessário lembrar que a produção de mapas nos Estados Unidos já existia comercialmente e em grande intensidade: através dela surgiam variadas representações do território norte-americano e de outros países. Os mapas dos Estados Unidos eram atualizados conforme avançavam as anexações territoriais do país. Com isso, era facilmente notada a intenção de afirmação desse país em relação ao continente e ao mundo da época²⁸³. Como o território era algo expressivo em relação ao poder dos países na época, comparações entre as áreas dos Estados Unidos e do Brasil eram claras em *Brazil and The Brazilians*, servindo a prenunciar o poderio das duas nações:

“Os Estados Unidos, pelos últimos dados computados pelo *Topographical Bureau* em Washington tem uma área de 2.936.166 milhas quadradas. O Brasil é maior, portanto, em 68.294 milhas quadradas, que todo o território da União: em outras palavras, isso significa adicionar às possessões dos Estados Unidos uma área igual aos estados adjacentes de Nova York, Connecticut, Massachussets e Vermont para fazê-lo ter as mesmas dimensões da Terra do Cruzeiro do Sul” (*Brazil and The Brazilians*, p. 434)²⁸⁴.

²⁸³ A literatura cartográfica, bem como seus vários produtores e distribuidores, cartógrafos, diplomatas, editores de periódicos e congressistas, ajudaram a conformar nos Estados Unidos do século XIX, um discurso continental de domínio, de leste a oeste. Sobre o assunto ver: RISTOW, Walter. *Maps and Mapmakers: Commercial Cartography in the Nineteenth Century*. Detroit: Wayne State University Press, 1960; WALKER, James. “Henry Tanner and the Cartographic Expression of American Expansionism in the 1820s”. *Oregon Historical Quarterly*, v. 111, n. 4, winter 2010, pp. 416-443.

²⁸⁴ “The United States by the latest computations of the *Topographical Bureau* at Washington has an area of 2,936,166 square miles. Brazil is therefore, 68,294 square miles larger than the whole territory of the Union: in other words, we should to add to the possessions of the United States an area equal of the adjacent States of New York, Connecticut, Massachussets and Vermont to make it of the same dimensions as the land of The Southern Cross”.

Além desse mapa, a Baía de Guanabara também era contemplada igualmente:

Imagem 4 – Mapa: Baía do Rio de Janeiro, *Brazil and The Brazilians*, p. 12-13.

Outra figura destacada nesse sentido é a vista da Glória. Na xilogravura foram destacados prédios importantes, mulheres e escravas, tendo-se ao fundo a bela paisagem do Rio de Janeiro. Essas figuras mostravam um olhar de viajante que enxergava a beleza sem a desconectar de intencionalidades políticas e de estratégias de domínio:

Imagem 6 – Vista do Morro da Glória pelo Passeio Público, *Brazil and The Brazilians*, p. 88-89.

4.2. Potencialidades comerciais do território brasileiro

As imagens que relacionavam o Brasil à natureza exuberante, à existência de “espaços vazios” também estavam vinculadas às potencialidades econômicas que o país oferecia:

“Alguém que olhe superficialmente o mapa do Brasil logo será convencido que essa terra é desenhada pela natureza para a subsistência de milhões [de habitantes] (...) deve haver explicações para essa abundante irrigação, essa fertilidade de solo e salubridade de clima” (*Brazil and The Brazilians*, p. 269)²⁸⁵.

Entre as qualidades atribuídas ao solo brasileiro estava a fertilidade, que associava a natureza à noção de recurso: ela servia de meio para desenvolvimento agrícola²⁸⁶. No Brasil era possível, segundo os autores, a produção de víveres para o sustento de milhões:

“Não é, no entanto, a extensão [do território] que deveria atrair nossa atenção, mas o fato de que nenhuma porção de terra no globo é tão disponível a cultivo e ao sustento do homem (...) Não são nem suas minas de ouro ou de diamante (...) Embora a natureza agraciou o Brasil com os mais preciosos minérios, ela foi ainda mais pródiga ao dar as riquezas vegetais (...) o solo e clima brasileiros

²⁸⁵ “Let one glance at the map of Brazil and he will instantly be convinced that this land is designed by the nature for the sustenance of millions (...) there must be some reason for this bountiful irrigation, this fertility of soil and salubrity of climate”.

²⁸⁶ O historiador José Carlos Barreiro nota que a relação que, sobretudo, ingleses e norte-americanos tinham, com a natureza no século XIX já envolvia um sentido de exploração e aproveitamento. Cf.: BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e Viajantes no Brasil do Século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Unesp, 2002, pp. 10-12. A filosofia de controle da natureza por mãos humanas ganhou força a partir da Segunda Revolução Industrial, sendo símbolo do progresso. A criação de novas tecnologias mecânicas era essencial a essa perspectiva, afinal era ela que fomentava meios à obtenção desse controle. Sobre as relações entre natureza e a ascensão desse pensamento sobre ela, ver: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. “Paisagem, Historicidade e Ambiente: as várias naturezas da natureza”. *Confluenze*, Bologna, n.1, v.1, 2009, pp.136-157.

oferecem asilo a qualquer planta valorizada” (*Brazil and The Brazilians*, p. 434)²⁸⁷.

O território brasileiro aparecia dotado de um potencial agrícola extraordinário. Ao apresentarem as atividades primárias brasileiras, os autores notavam as plantações de café, cana, chá e laranjas de São Paulo e Minas Gerais²⁸⁸; de cana, cacau e algodão da Bahia, Pernambuco, Paraíba e Alagoas²⁸⁹. Além dessas culturas, eles mencionaram projetos para a reintrodução do cultivo de trigo no Paraná e da produção de frutas de clima temperado em Santa Catarina e na Serra Fluminense²⁹⁰. Eram também destacados recursos minerais e extrativos, caso dos metais preciosos e da erva mate, por exemplo. Porém, do ponto de vista dos autores, essas atividades eram desqualificadas em relação à agricultura:

“Goiás e o Mato Grosso podem ser considerados juntos pelas relações que estabelecessem com as outras partes do Império, bem como com o mundo. Ambos foram originalmente estabelecidos por bandeirantes, em busca de ouro. A ânsia por tesouros fez com que aventureiros se embrenhassem nos mais fundos rincões dessas intermináveis florestas. Suas buscas foram bem sucedidas. (...) Mas a agricultura fora negligenciada, as pessoas não podiam comer ouro, e de várias formas, aqueles tão hábeis a contar suas riquezas por arrobas, estavam em condições precárias de existência. Os solos não eram cultivados; nada era exportado. Nenhuma cidade efervescente havia sido erguida. A ‘febre do ouro’, baixando, deixou a sociedade em estado tão penoso, sensível até os dias de hoje. Ouro e diamantes cercearam o progresso de Goiás e do Mato Grosso mais do que as densas florestas e as grandes distâncias da costa

²⁸⁷ “It is not, however, its extent which should attract our attention so much as the fact no portion of the globe is so available for cultivation and for sustentation of man (...) Its neither the gold of its mines or the diamonds (...). Although nature has bestowed upon Brazil the most precious minerals, yet she has been still more prodigal in the gift of vegetable riches (...) its soil and its climate offer an asylum to almost every valuable plant”, p. 434.

²⁸⁸ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Op. Cit.*, p. 365; 397; 439 e 448.

²⁸⁹ Idem, p. 501-505, 524-528, 549.

²⁹⁰ Idem, p. 321-324, 347.

marítima. É instrutivo olhar para os tão diferentes resultados alcançados entre as riquezas minerais e vegetais do Império. Após México e Peru (antes das descobertas dos tesouros Australianos e Californianos), o Brasil fornecia as maiores quantias de moedas brutas ao mundo comercial. Aqui, os, diamantes, rubis, safiras, topázios e as multicoloridas opalas cintilam em esplendor natural. E ainda tão grandes são as riquezas da produção agrícola do Império que as somas anuais recebidas unicamente com o café ultrapassam os resultados de oitenta anos de extração de diamantes (...) e se adicionarmos as somas obtidas com as grandes amostras de açúcar, algodão, caucho (ou borracha indiana), corte de madeira e os produtos dos imensos rebanhos do sul, nós temos, verdadeiramente uma ideia mais clara das fontes de riqueza no Brasil, mas apenas uma parca noção dos recursos do vasto Império” (*Brazil and The Brazilians*, p. 462-463)²⁹¹.

Ou na tentativa de Zacarias de Góis de Vasconcellos (1815-1877), então governador da província do Paraná, de fomentar a produção de trigo e desestimular a colheita da erva mate, criando um novo tipo de envolvimento dos trabalhadores:

“O presidente da província [do Paraná, Zacarias Góis e Vasconcellos], (...) pronto a combater tanto a indolência como a ignorância, (...) alude ao fato de que trigo era antigamente não apenas artigo de cultivo na fértil comarca de Curitiba, mas era, inclusive, exportado. Este ramo agrícola está agora

²⁹¹ “Goyaz and Mato Grosso may be ranked together in the relation they bear to the other portions of the Empire and of the world. Both were originally settled by gold-hunters. The lure of treasure led adventurers to bury themselves in the deep recesses of these interminable forests. Their search was successful. (...) But agriculture was neglected; people could not eat gold, and in many instances those who were able to count treasure by arrobas were in the greatest want of necessities of life. The ground was not cultivated; nothing was exported; no flourishing towns were built. The gold-fever, abating, left society in a state so enfeebled that we see its effects even today. Gold and diamonds hindered the progress of Goyaz and Mato Grosso more than their dense forests and great distance from the sea-shore. It is instructive to look at the widely-different results of the mineral and vegetable riches of Empire. After Mexico and Peru (before the discovery of Australian and Californian treasure), Brazil furnished the largest quantum of hard currency to the commercial world. Here the diamond, the ruby, the sapphire, the topaz and the rainbow tinted opal sparkle in their native splendor. And yet so much greater are the riches of the agricultural productions of the Empire, that the annual sum received for the single article of coffee surpass the results of eighty years yield of the diamond mines. (...) and we add the sums obtained for the other great staples of sugar, cotton, seringa (or the indian rubber), dye-woods and the productions of the immense herds of the South, we have, it is true, a better idea of the sources of wealth in Brazil, but only a faint conception of the resources of the vast empire”.

praticamente abandonado (...) porque grande parte da população, abstendo-se do trabalho exigido na produção de cereais, vai às florestas virgens, e lá, arrancando as folhas sempre verdes com seus ramos tenros de *Ilex Paragauyensis*, [erva mate] (...) e então ajuntam fortunas ou obtém a sobrevivência sem a intervenção ou perseverança de industriiosidade ou grande esforço (...) o senhor Zacarias quer controlar tais colheitas, a fim de moderar as inclinações e causas que levam as pessoas a esse tipo de trabalho por poucos meses deixando-as indolentes pelo resto do ano” (*Brazil and The Brazilians*, p. 321-322)²⁹².

Os autores destacavam a ausência de um componente moral da formação do indivíduo que fazia as atividades de coleta e mineração. Nisso, essas atividades pareciam menos laboriosas que a da agricultura: a última, segundo eles, demandava cuidados mais perenes e específicos ao trabalhador que a coleta de ouro ou de erva-mate; com isso, incutia no agricultor valores positivos relacionados ao trabalho individual e cuidados com a terra.

Ao compararem a produção do café à extração de minérios, indicando as maiores qualidades das práticas agrícolas, os autores também se posicionavam com relação à “Corrida para o Ouro”, principalmente na região da Califórnia, vivida nos Estados Unidos da época: entendiam-na como uma crença que não agregava real crescimento ao país. Mesmo a pecuária, encontrada de norte a sul do Brasil, considerada lucrativa, em estados como o Rio Grande do Sul e o Ceará, especializados na produção

²⁹² “The president does not merely confine his attentions to the early training of the youth of his provincial charge, but his remarks in reference to the various branches of agriculture show him to be a man of enlarged views and that he is ready to combat indolence as ignorance. He alludes to the fact that wheat was formerly not merely only as an article of cultivation in the fertile comarca of Curitiba, but that was exported. This branch of agriculture is almost abandoned (...) because a large portion of population, eschewing the labor required in the production of cereals, rush to the virgin forests, and there, stripping the evergreen leaves and branches of the *Ilex Paraguayensis* (...) senhor Zacarias (...) wishes to control its gathering, to moderate inclinations and the causes that push the people into this branch of labor for a few months and then leave them indolent for the remainder of the year”.

de charque²⁹³, não era tão valorizada pelos autores, isto por não imprimir ritmos e culturas de trabalho tão fixos quanto, como instava no imaginário desses norte-americanos, a agricultura fornecia. Tal pensamento parecia estar diretamente vinculada ao ideal de pequeno fazendeiro encontrada nos Estados Unidos. Para muitos, o pequeno fazendeiro era aquele que diferentemente do minerador se estabelecia no local e criava uma cultura relacionada ao seu trabalho.

É necessário ressaltar que, embora nesse período, a exportação agrícola brasileira que mais se destacava fosse o café, os autores traziam no livro outras diferentes culturas – milho, arroz, açúcar, cacau, borracha – também a indicar ao norte americano o potencial agrícola não plenamente explorado no território:

Statement of principal exports in two periods of five years each, and in 1854-55.

ARTICLES.		1st Period. 1844-45 to 1848-49.	2d Period. 1849-50 to 1853-54.	1854-55.
		Average.	Average.	
Rum	canadas	2,709,669	2,654,820	3,848,546
Cotton	arobas	714,959	956,237	869,960
Rice	"	291,262	256,865	236,677
Sugar	"	7,591,885	8,652,252	7,961,422
Hair	"	31,740	47,081	46,047
Cacão	"	190,203	276,506	147,901
Coffee	"	7,873,952	8,850,183	13,027,523
Hides, salted	number	680,028	512,078	475,985
Hides, dry	arroba	675,283	533,653	508,747
Diamonds	oitavas	632	6,364	12,459
Tobacco	arobas	326,343	499,204	631,161
India-Rubber	"	38,336	105,784	195,284
Maté	"	254,474	404,221	372,098
Gold (bullion)	oitavas	194,808	195,756	76,382
Sarsaparilla	arobas	3,469	5,003	3,535

Tabela 1 – Principais produtos de Exportação, em 1854-1855. *Brazil and The Brazilians*, p. 605.

The four principal articles of export from Brazil in fifteen years. Arroba = 32 lbs.

	Cotton. (arobas.)	Coffee. (arobas.)	Sugar. (arobas.)
1840-41	691,875	5,059,223	6,698,391
1841-42	639,580	5,565,325	4,817,577
1842-43	685,149	5,897,555	5,209,721
1843-44	814,255	6,294,281	5,682,980
1844-45	826,445	6,229,277	7,476,286
1845-46	645,345	7,034,582	7,110,804
1846-47	606,882	7,947,753	6,963,960
1847-48	639,288	9,307,292	7,409,349
1848-49	849,416	8,354,840	8,801,616
1849-50	1,109,314	5,935,817	7,993,586
1850-51	883,440	10,148,268	9,907,860
1851-52	898,250	9,544,858	7,480,099
1852-53	997,908	9,923,982	10,681,344
1853-54	892,273	8,698,036	8,258,378
1854-55	869,960	13,027,526	7,951,422

Tabela 2 – Principais Exportações Brasileiras, por Produtos. *Brazil and The Brazilians*, p. 605.

²⁹³ KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, p. 347-349; p. 528.

Provavelmente, foi Fletcher quem teve acesso a esses dados por meio do contato com reuniões da Sociedade de Estatística, que produzia tais informações²⁹⁴. Os comentários sobre outras regiões do Brasil também devem ter sido elaborados mais por ele do que por Kidder, já que ele viajou muito pelo país para escrever o seu livro. Nas tabelas, é possível comprovar que, em termos de rentabilidade, as atividades extrativas seriam menos lucrativas que as atividades agrícolas. Ao mesmo tempo em que Fletcher notava o pouco aproveitamento do território brasileiro, apresentava um encaminhamento, em geral postos pelos próprios brasileiros, para a solução da questão. Ele indicava brasileiros que já pensavam na expansão agrícola no país e de novas práticas de trabalho, caso de Zacarias de Góis e Vasconcellos. O país, portanto, deveria ser percebido pelo leitor como terra de oportunidades e de enriquecimento.

4.2.1 Sinais da modernização brasileira

Os autores notavam a modernização da agricultura no país com base na introdução de maquinário que ajudava no cultivo e na colheita:

“Anteriormente mencionei as demonstrações mecânicas, nas quais implementos agrícolas de ferro e madeira, apresentados num estilo semelhante ao de qualquer coisa do tipo na Europa ou América do Norte. Dentre os vários maquinários para facilitar a preparação do café [para exportação] havia um – de invenção do Senador Vergueiro – que limpava nada menos que trinta e duas mil libras* de café por dia” (*Brazil and The Brazilians*, p. 415)²⁹⁵.

²⁹⁴ CORREIO MERCANTIL Instrutivo, Científico e Literário: Rio de Janeiro, ano 12, n. 258, 20.mai.1855, p. 1.

²⁹⁵ “I before mentioned the workshops of mechanics, where agricultural implements in wood and iron are turned out in a style equal to any thing of the kind made in Europe or North America. Among the various machines for facilitating the preparation of coffee for market was one – the invention of Senator Vergueiro – which cleans no less than thirty-two thousand pounds of coffee per diem”. * Essa quantidade corresponde a 14.464 kg, considerando o valor de cada libra como 0,452 kg.

Os equipamentos apresentados se vinculavam à produção agrícola, voltada à exportação num intuito de aumento da produção agrícola²⁹⁶. No exemplo destacado pelo autor havia um aprimoramento técnico local. No caso dos irmãos De Mornay, que trabalhavam na produção e exportação de açúcar em Pernambuco, o exemplo de empreendimento capitalista apresentou a importação de maquinário por norte-americanos, que obtinham grandes lucros com a atividade.

Em relação ao universo urbano brasileiro, os autores destacaram as tipografias das capitais, cujas atividades produziam jornais e outros impressos direcionados ao leitor brasileiro²⁹⁷. Tal produção era considerada positiva, pois, como destacado no capítulo três, incentivava a leitura e a educação nacional. Existia outro caso de manufatura no Brasil, observado negativamente: as que produziam aparatos religiosos. Essas eram repudiadas pelos autores, por sustentarem e obterem lucros a partir da credulidade e superstição dos fieis católicos²⁹⁸.

Para os autores, portanto, os produtos que passavam por transformações que requeriam maquinário, em sua maioria, vinculavam-se à produção agrícola; os bens de consumo manufaturados vinham, na maioria das vezes, de Inglaterra e França²⁹⁹. Os empreendimentos manufatureiros nacionais, como beneficiamento de grãos e produção de tecidos rústicos, como estopa, mostravam-se tão esparsos que tais atividades nem eram contabilizadas por tabelas; pelo contrário, constavam dentre os produtos de importação:

²⁹⁶ Cf. RIBEIRO, Luiz Cláudio M.. “A invenção como ofício: as máquinas de preparo e benefício do café no século XIX. *Anais do Museu Paulista*: São Paulo, n.1 , v.14, 2006, pp. 121-165.

²⁹⁷ Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. , *Op. Cit.*, p. 252-255.

²⁹⁸ Idem, p. 494.

²⁹⁹ Cf.: Idem, p. 195; 351; 361; 579; 615.

Statement of principal imports in two periods of five years each, and the year 1854-55.

ARTICLES.	Average. 1841-45 1843-49.	Average. 1849-50 1853-54.	1854-55.
	Value in Contos.	Value in Contos.	Value in Contos.
Cotton (manufact.) ...	16,781	26,445	25,756
Wool ... “ ...	2,926	4,821	4,557
Linen .. “ ...	1,905	2,510	2,187
Silk..... “ ...	1,287	1,892	2,562
Mixed.. “ ...	1,571	2,222	2,815
Wines.....	3,058	3,321	3,145
Flour (wheat)	3,457	4,330	4,173
Hardware	2,193	3,256	3,547
Codfish and fish	1,212	1,584	2,245
Crockery, porcelain and cut glasses.....	932	1,403	1,615
Specie.....	2,050	6,929	4,566
Salt.....	796	687	1,111
Butter.....	1,186	1,394	1,347
Machinery	213	242	225
Drugs.....	467	724	858
Tea.....	277	272	330
Copper	398	404	487
Coal	542	1,068	1,550
Furniture.....	163	115	201
Arms.....	206	316	410
Boots and Shoes.....	314	329	679
Beef and Pork.....	750	1,560	1,579
Oil	608	566	727
Spirits, distilled	400	467	542
Powder.....	241	330	341

Tabela 3 – Principais importações Brasileiras em dois períodos. *Brazil and The Brazilians*, p. 602.

Assim, pela leitura de *Brazil and The Brazilians* depreende-se que a população brasileira não tinha fácil acesso aos “benefícios da industrialização”. Constata-se também que, para os autores, o Brasil devia avançar direção ao progresso, investindo na agricultura e aproveitando os excelentes solos e clima do país. Os estímulos ao desenvolvimento agrícola brasileiro se encaixavam perfeitamente com os projetos de inserção de manufaturados norte-americanos no Brasil. Portanto, enquanto os autores estimulavam o incremento para a agricultura brasileira, afirmavam que os Estados Unidos deveriam galgar um maior espaço na América do Sul, tornando o Brasil um mercado para as manufaturas norte-americanas.

A consequência da ausência de produção de manufaturas locais era um comércio rudimentar. As ruas do Ouvidor e do Príncipe eram as únicas destacadas como centros de comércio comparáveis a dos norte-americanos e dos europeus:

“Passamos pela Rua do Rosário, novamente à Rua Direita, e continuamos a caminhada pela Rua do Ouvidor, uma combinação da Rua Vivienne, da Regent

Street e da Broadway no Rio*. Ela não é, no entanto, longa ou larga, mas as lojas dela são brilhantes e de bom gosto. Não há parte da cidade mais atraente ao recém chegado estrangeiro que essa rua, com suas tipografias, lojas de flores, de plumas e joalherias” (*Brazi and The Brazilians*, p. 36)³⁰⁰.

A movimentação comercial do centro do Rio de Janeiro, capital do Império, parecia, aos autores, acanhada, se comparada à das ruas de Nova Iorque, de Paris e de Londres. Era notado, como exemplo de uma infra-estrutura limitada, o pequeno número de hotéis, o que condicionava à manutenção de casas de estalagem para os estrangeiros³⁰¹.

A imagem do comércio do Império, portanto, era de que ele crescia, mas pouco oferecia em bens de consumo atraentes à população, ou ainda, carecia de infra-estrutura. O País convivia com caixeiros viajantes cobrando preços exorbitantes, e vendas que comercializavam produtos básicos, como farinha importada e charque. Quando esses negociantes comercializavam produtos mais finos, como tecidos, abotoaduras, sapatos, era porque todos esses manufaturados vinham de países europeus³⁰².

Ainda que a infra-estrutura urbana brasileira fosse restrita, era intenção dos autores enfatizar que o país caminhava na direção do seu desenvolvimento. No âmbito dos transportes, eles louvaram a ampliação das linhas férreas no país:

“Outra linha de trem está sendo construída agora, da capital para o interior, segundo notícia de um exemplar recente do ‘National Intelligencer’: - ‘O Imperador do Brasil (...) tomou sob sua proteção a construção de uma grande linha de ferro que serve a conectar as mais ricas províncias de seu Império. Essa

³⁰⁰ “We pass by the Rua do Rosario, again to the Rua Direita, and continue our promenade up the Rua do Ouvidor, which is the combined Rue Vivienne, Regent Street and Broadway of Rio. It is not however, either long or broad, but the shops upon it are brilliant and in good taste. There is no part of the city so attractive to the recently-landed foreigner as this street, with its print-shops, feather-flower stores and jewellery-establishments”. *Essas eram ruas de comércio nos Estados Unidos e França da época.

³⁰¹ Idem, p. 46.

³⁰² Cf.: Idem, p. 169 e p.126; p. 277, p. 300, p. 363, p. 436, p. 456, p. 523.

linha é planejada para ser ampliada e, gradualmente, ramificada em todas as direções para acomodação de viajantes e transporte da produção de várias partes do país. A primeira seção da ferrovia está agora em construção pelo Sr. Edward Prince, construtor inglês, e logo será finalizada” (*Brazil and The Brazilians*, p. 302)³⁰³.

Não apenas a partir do Rio de Janeiro eram apresentados projetos de construção de linhas de trens, havia também expansões similares em Pernambuco e São Paulo³⁰⁴. A ampliação das linhas férreas estava fortemente relacionada ao incremento da agricultura com base em determinados maquinários, o que aumentaria a produção, como mencionado; já que essas estradas de ferro seriam responsáveis pelo escoamento da produção. Esses eram os indícios da modernização brasileira: fortemente arraigada numa especialização agrícola, na tentativa de aproveitar o território para essa finalidade.

Enquanto no mundo rural destacava-se o incremento da agricultura e as estradas de ferro, no universo urbano as ruas de comércio, calçadas das vias públicas e iluminação noturna eram indicativos de que o país estava, ou não, na direção do progresso:

“As ruas de poucas cidades são melhor iluminadas que aquelas do Rio de Janeiro. As centrais de gás do [bairro do] Atterrado levam seus raios iluminados aos subúrbios remotos, assim como às intrincadas redondezas da Cidade Velha e da Cidade Nova. O carvão para esse gás vêm da Inglaterra” (*Brazil and The Brazilians*, p. 124)³⁰⁵.

³⁰³ “Another railway is now being built from the capital into the interior, the following notice of which is in a latter number of the *National Intelligencer*: ‘The present Emperor of Brazil (...) has taken under his protection the construction of a great line of iron-rails which is to connect the richest provinces of his Empire. This main line (...) is planned as to be extended and gradually ramified in every direction for the accommodation of travelers and transport of the produce of the various parts of the country. The first section of it is now being built by Mr. Edward Price, an English contractor and soon be completed’.

³⁰⁴ Cf. Idem, p. 410; 522.

³⁰⁵ “The streets of few cities are better lighted than those of Rio de Janeiro. The gas-works on the Atterrado sends illuminating streams to the remote suburbs as well as through the many and intrincating thoroughfares of the Cidade Velha and Cidade Nova. (...) The coal for the gas comes from England”.

Os autores sublinharam também a implantação de vapores que fariam trechos do Brasil para a Europa e algumas tentativas, por parte do Dr. Rainey, de implantá-los entre o Brasil e os Estados Unidos³⁰⁶. No campo das comunicações, eram observadas a presença de telégrafos no Rio de Janeiro e o serviço dos correios, cujo sistema, embora diferenciado do norte-americano, parecia funcionar bem³⁰⁷.

Assim, embora notassem as desigualdades entre Brasil e Estados Unidos na condição da infraestrutura, os autores enfatizavam a velocidade das ações governamentais nesse aspecto: “... os sinais dos tempos são de que o Brasil não continuará mover-se em passos de tartaruga (...) e os aprimoramentos internos, auspiciosamente iniciados por D. Pedro II, rapidamente desenvolverão os recursos do país”³⁰⁸.

Kidder e Fletcher, portanto, apresentaram ao público norte-americano um prognóstico do crescimento brasileiro. A produção agrícola e os transportes que se desenvolviam ativamente no Império pareciam aos autores os elementos essenciais para uma real aproximação entre Brasil e Estados Unidos.

³⁰⁶ Cf. Idem, p.195; 198. O Dr. Thomas Rainey, autor de “Ocean Navigation and Ocean Post” (New York: Appleton, 1858) na década de 1860, ganharia a licitação para o trânsito de vapores entre o Rio de Janeiro e Nova York a partir de 1862, e se enriquecerá muito com isso. Disponível em: <<http://ncccha.blogspot.com.br/2009/12/thomas-rainey-1824-1910.html>>, acesso em nov. 2012.

³⁰⁷ Cf. KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, pp. 22; 34-36.

³⁰⁸ Cf. Idem, pp. 434-435: “*The signs of the times are, however that Brazil will not go on at the snail’s-pace (...) and the internal improvements auspiciously begun under D. Pedro II will rapidly unfold the resource of the country*”.

5. As possibilidades dos intercâmbios comerciais entre Brasil e Estados Unidos.

Em *Brazil and The Brazilians*, não faltavam exemplos de norte-americanos em diversas regiões do país que haviam se enriquecido graças às possibilidades oferecidas pelo Império. Era o caso dos irmãos de Mornay, com a produção e exportação de açúcar em Pernambuco, dos Senhores Heath e March, trabalhando com a fábrica de beneficiamento de algodão e com o cultivo de frutas de clima temperado na Serra dos Órgãos, do dentista e naturalista de Limeira, o qual ele não menciona o nome, do Coronel Carson, com sua fábrica de algodão e cultivo de cacau em Valença, na Bahia, do capitão Foster, responsável pelo navio com o qual Fletcher viajara para o sul e, ainda, dos engenheiros que faziam o novo trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando Juiz de Fora a Petrópolis³⁰⁹. Kidder e Fletcher, por um lado, viam nesses homens e em seus empreendimentos sinais daquilo que o Brasil poderia oferecer enquanto lugar de crescimento intelectual e econômico individual; assim como oportunidades com as quais os Estados Unidos poderiam lucrar no país.

Os estímulos às trocas comerciais entre Brasil e Estados Unidos eram amplamente enaltecidos, enquanto eram criticadas as parcas medidas norte-americanas tomadas nesse sentido:

“Desde 1839, o Brasil tem linhas de vapor circulando por todas as milhas de sua costa (...) agora o Brasil tem nada menos que oito linhas de vapor diferentes conectando o país com a Inglaterra, França, Hamburgo, Portugal, Bélgica e Sardenha. Os Estados Unidos, embora tenham sido os grandes concorrentes no comércio da Grã-Bretanha com o Brasil, não tem uma linha de vapor sequer com qualquer parte alguma da América do Sul; e enquanto a Inglaterra está arrebanhando uma colheita dourada, a balança de comércio está a cada acumulando-se contra nós. Com isso tão evidente, parece estranho que o

³⁰⁹ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C.. *Op. Cit.*, pp. 521-522; 255-285; 367-370; 497-503; 300.

governo da União [Estados Unidos], que tem ajudado a expandir os interesses mercantis subsidiando vapores para outras terras, tem sido lento no que tange à América do Sul e especialmente descuidado para com o Brasil (...) A cada ano a balança comercial volta-se incrivelmente rápido contra nós (...) nosso último ano de comércio com Brasil nos deixou um saldo negativo de 14.167.753 dólares os quais temos de pagar ainda pesadas taxas de exportação (...) Porque existe essa desastrosa diferença de contas contra nós? (...) Nosso governo e comerciantes (...) não fizeram quase nada para incrementar as trocas com o Brasil (...) Deve haver um esforço de nossa parte para introduzir efetivamente os vários produtos de nosso país que podemos fornecer tanto quanto a Grã-Bretanha (...) Podemos fornecer vários outros materiais e itens mais baratos e melhor que os da Inglaterra (*Brazil and The Brazilians*, p. 195-196)³¹⁰.

Nessa passagem, as intenções dos autores eram claras. Os Estados Unidos deviam concorrer com a Inglaterra na América do Sul, cultivar relações que pudessem transformar o Brasil como o lugar de escoamento de parte da produção manufaturada dos Estados Unidos. Novamente, observa-se que o projeto de incremento das relações entre Brasil e Estados Unidos era muito mais concebido por Fletcher, que tinha olhos para os negócios, que por Kidder, mais envolvido com a prática religiosa. Especialmente para o primeiro autor, os Estados Unidos perdiam oportunidades importantes na América do Sul, enquanto a Inglaterra dominava o comércio local:

³¹⁰ “Since 1839, Brazil has had steamship –lines running along the whole of her four thousand miles of sea-coast, (...) now Brazil has no less than eight different lines of steamers connecting her with England, France, Hamburg, Portugal, Belgium and Sardinia. The United States, which hitherto has been the great commercial rival of Great Britain in Brazil, has not a single line of steamers to any portion of South America; and while England is reaping golden harvest, the balance of trade is each year accumulating against us. With all this so evident, it does seem strange that the General Government of the Union which has aided in extending our mercantile interests by subsidies to steamships running to other lands, has been so tardy in regard to South America, and especially unmindful of Brazil. (...) Each year the balance of trade is increasingly rapidly against us (...) our last year’s trading with Brazil left against us the cash balance of \$ 14,167,753, which we had to pay at heavy rates of exchange (...) Why is there such a disastrous account against us? (...) Our government and our merchants have done (...) next to nothing to foster the trade with Brazil. (...) There ought to be an effort on our part to introduce effectually the many productions of our country which we can furnish as well as Great Britain (...). We can furnish many kinds of hardware and other itens cheaper and better England”.

“É próprio observar que do total de importações brasileiras, a Grã-Bretanha supre 54%; a França, 12%; os Estados Unidos 8,25% (sendo que em 1845 eram 10%). De 1845 a 1855 as importações da Grã Bretanha cresceram 98%, as da França, 34%; dos Estados Unidos, 21%; Portugal, 42%; Bélgica, 100% (A Bélgica e Portugal têm agora, cada um, uma linha de vapor, França e Grã Bretanha duas cada uma” (*Brazil and The Brazilians*, p. 625)³¹¹.

Na fala, era visível que o Brasil tinha mais parcerias comerciais com países europeus que com os Estados Unidos, servindo, sobretudo à Inglaterra e França, como mercado consumidor. A proposta do autor, em tornar os Estados Unidos mais competitivos comercialmente ao Brasil, não era impensada em vista do surto de industrialização vivido pelo norte do país no período.

Porém, essa industrialização deve ser analisada em suas devidas proporções. Comparados os níveis de industrialização, as políticas de comércio e as linhas de comunicação de Grã-Bretanha e Estados Unidos no período, Fernanda Pacca Almeida, historiadora que analisou a rivalidade comercial entre esses dois países, ressalta o caráter desafiador do empreendimento norte-americano: “na primeira metade do século XIX os Estados Unidos não competem com a Grã-Bretanha: desafiam-na. A preponderância britânica no Brasil é um fato tacitamente admitido ao qual não cabe discussão”³¹². O melhor seria afirmar que os norte-americanos concorriam com os ingleses na América do Sul. Eles competiam por mercado, ainda que a Inglaterra, maior potência do planeta na época, alcançasse sempre a frente nesses empreendimentos.

³¹¹ “It is proper to observe that of the total of Brazilian imports Great Britain furnishes 54 percent; France: 12; The United States: 8,25 (which in 1845 was 10) (...) from 1845 to 1855 the imports from Great Britain increased 98 percent; France, 34; United States, 21; Portugal; 42 (...); Belgium, 100 (Belgium, Portugal, and Sardinia now have each a line of steamers and France as well Great Britain two lines each)”

³¹² ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de. *Desafio Americano à preponderância britânica no Brasil: 1808-1850*. Tese. (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1970, p. IV.

Naquele período, a balança comercial entre Brasil e Estados Unidos pendia desfavoravelmente aos norte-americanos, os maiores compradores de café brasileiro, adquirindo em torno de 50% dessa produção³¹³. Era preocupante a Fletcher observar que esse dinheiro não retornava aos cofres dos Estados Unidos por meio da compra brasileira de produtos de clima temperado ou de bens manufaturados norte-americanos.

Mais preocupante ainda era o fato das autoridades responsáveis sobre isso pouco se importarem com isso. Joseph Smith, historiador que analisou as relações entre Brasil e Estados Unidos, nota que na metade século XIX os dois países viveram diversos mal entendidos. Para ele, a tentativa de Fletcher era reconhecida como um olhar “cor de rosa”; porém, que procurava estreitar as relações, sobretudo, pela economia³¹⁴.

Fletcher reconhecia a preponderância britânica na América do Sul, em vista das estatísticas que apresentava. Mas também indicava que, mesmo que a industrialização norte-americana não fosse comparável à britânica, era necessário aos Estados Unidos obter novos mercados, expandindo a difusão de suas manufaturas. Os trechos de *Brazil and The Brazilians*, sinalizavam a inabilidade norte-americana em aproveitar oportunidades relativas às possibilidades de mercado que o Brasil oferecia, já que era um Império que caminhava rumo ao desenvolvimento da agricultura e não da indústria. Novamente, especialmente Fletcher, lamentava o não envolvimento dos Estados Unidos na América do Sul. Havia, entretanto, um ponto no qual Fletcher reafirmava a importância do estabelecimento de linhas de vapor entre Estados Unidos e Brasil:

“Nosso comércio com as Índias Ocidentais e com o Brasil e de todas as porções nordeste e leste da América do Sul, que será alcançado pela linha de vapores

³¹³ Cf.: KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C., *Op. Cit.*, p. 186.

³¹⁴ SMITH, Joseph. *Brazil and United States: Convergence and Divergence*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 36.

que propomos já é bem amplo, como mostram as tabelas; mas esse comércio está agora apenas em sua infância” (*Brazil and The Brazilians*, p. 611)³¹⁵.

As propostas de intensificação comercial a partir de linhas de vapores entre os Estados Unidos e o Brasil não foram interrompidas por Fletcher após a publicação de *Brazil and The Brazilians*. Como vimos no primeiro capítulo, na década de 1860, o autor auxiliou nos acordos com autoridades diplomáticas brasileiras a esse respeito, na implantação da primeira linha de vapores entre Rio de Janeiro e Nova Iorque, em 1862, na qual a imprensa norte-americana inclusive registrou a importante colaboração de Fletcher nos trâmites da operação³¹⁶. A relação entre aumento de negociações entre os países e a implantação de linhas de vapor parecia muito clara a ele, quando indicava os avanços de outros países europeus nesse sentido:

“Nosso adversário comercial mais importante dentre esses países tem sido a Grã-Bretanha; mas agora fomos ultrapassados, em nossas propostas de cultivar e amparar esse comércio, pelas nações mais insignificantes da Europa. As linhas europeias que até agora se estabeleceram no Brasil são as de Southampton (Inglaterra); Liverpool (Inglaterra); Havre (Francesa); Marselha (França); Antuérpia (Bélgica); Genova (Sardenha); e a Luso-Brasileira (conjunção entre Brasil e Portugal) (...) Enquanto essas nações europeias desfrutam de facilidades para o traslado de correspondências, viagem e cultivo de relações amistosas e simpáticas, tão essenciais a um vigoroso comércio e apropriada compreensão entre as nações; nós negligenciamos esses vitais e importantes interesses, e agora somos dependentes de nossos rivais quanto aos meios de embarcar nossa própria correspondência, e pessoas envolvidas em nosso comércio (...) e assim, o produtor norte-americano de trigo, milho, carne de porco ou vaca, tecidos,

³¹⁵ “*Our commerce with the West Indies and Brazil, and all the northern and eastern portions of South America which would be reached by the steam-line which we propose is already very large, as the tables will show; but that commerce is now only in its infancy*”.

³¹⁶ Sobre os acordos tramitados em prol do estabelecimento de linhas de vapor entre Nova Iorque e o Rio de Janeiro, ver: NEW YORK Times, “Steam communication with Brazil; Interesting address by Rev. J. C. Flecher, before the Boston Board of Trade”. New York, August, 14th, 1863 e NEW YORK Times. “The Production of Brazil”, *New York Times*: New York, August, 1st, 1863.

outras manufaturas e maquinários vê seu mercado restrito e seus preços reduzidos, enquanto o mercador perde seus lucros e vê seus navios ociosos (...) Os Estados Unidos deveriam olhar a condição política de todos os países do continente ciosamente. Interesses de grande magnitude estão envolvidos nas rápidas mudanças inerentes aos tempos. O espírito de desenvolvimento em matéria de riqueza, poder e desenvolvimento social nos alerta a estarmos preparados para disputar, num futuro não tão distante, um mercado que agora se forma e se expande nesse continente (...) Nossa presente posição indica essencialmente o quanto devemos conformar e nalguma medida controlar o destino desse Novo Mundo” (*Brazil and The Brazilians*, p. 625-626)³¹⁷.

Ao proporem o estabelecimento de linhas de vapor entre Brasil e Estados Unidos, os autores argumentavam o quanto a intermediação europeia sobre os produtos norte-americanos deixava-os mais caros aos brasileiros, prejudicando o comércio entre esses países. No entanto, para os objetivos da nossa pesquisa, o importante nesse excerto é o seu final.

Ainda que Fletcher buscasse aproximações entre Brasil e Estados Unidos, e que o autor visse o Brasil com possibilidades de desenvolvimento, adotando algumas características das “nações civilizadas”, ele não escondia o lugar de destaque que os Estados Unidos deveriam assumir nas Américas. Para ele, os norte-americanos

³¹⁷ “...our only important rival in the trade of those countries has been Great Britain; but we are now surpassed, in our endeavors to cultivate and to foster it, by several of the most insignificant nations of Europe. The European lines thus far established to Brazil are Southampton (England); Liverpool (England); the Havre (French); the Marseille (French); the Antwerp (Belgium); the Genoa (Sardinia); and the Luzo-Brasileira (Portuguese and Brazilian combined) (...) While these European nations enjoy such facilities for correspondence, travel, and the cultivation of those general relations of amity and sympathy, so essencial to a vigorous commerce and a proper understanding between nations, we have neglected these important and vital interests, and are dependent on our commercial rivals for the means of conveying our correspondence and the persons engaged in our commerce; (...) thus the American producer of wheat, corn, beef, pork, cotton fabrics, manufactory and machinery sees his market abridged and his prices reduced; while the merchant loses his profits, sees his ships lie idle (...)the United States should watch the political condition of all the countries on this continent with jealous care. Interests of vast magnitude are involved in the rapid changes incident to the times. The spirit of development in material of wealth and power, and in social improvements, admonishes us to be prepared to dispute, at no distant day, a trade now forming and expanding on this continent (...) Our present position indicates how essencially we must conform and to a certain extent control, the destiny of the New World”.

deveriam controlar os destinos do Novo Mundo e isso significava minimizar a ação europeia na América.

Novamente, ainda que Fletcher fizesse o possível para “relativizar” as distâncias entre Estados Unidos e Brasil, aspectos da cultura imperial do país eram evidenciados aqui e ali no texto. O autor estava ele mesmo imbuído dessa “tradição” da cultura norte-americana, de uma consciência de superioridade em relação aos brasileiros e à infraestrutura brasileira. Como vimos anteriormente, os dois autores assumiram em muitos momentos voz de autoridade para julgar o país ou eleger saídas para os problemas enfrentados. Porém, para eles, essa superioridade não deveria imobilizar contatos, mas, pelo contrário, seria um excelente argumento para impulsionar novas negociações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa foi possível depreender que *Brazil and The Brazilians*, escrito por Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher, é uma rica fonte para se compreender alguns aspectos da circulação de homens, ideias, imagens e representações entre Brasil e Estados Unidos. Os autores propuseram-se a divulgar os aspectos positivos do Império Brasileiro, ao mesmo tempo em que apontavam as desigualdades entre o país do norte e o país da América do Sul.

A argumentação dos autores buscava ressaltar as qualidades do Brasil, mas, mesmo assim, colocava os Estados Unidos em lugar de destaque no hemisfério ocidental. Isso se desenvolveu de maneira ponderada e conciliatória, a partir de dois caminhos: em primeiro lugar, pelo conhecimento que, sobretudo, James C. Fletcher adquirira sobre o Brasil; em segundo lugar, pelos objetivos e preocupações que esse autor trazia consigo ao escrever *Brazil and The Brazilians*, entre eles, o de fomentar os intercâmbios entre os dois países, clamando para que os Estados Unidos assumissem um papel destacado no Novo Mundo a partir de contatos com o Brasil.

Pela escrita de *Brazil and The Brazilians* Fletcher foi considerado um *connoisseur* do Brasil, o que lhe abriu portas junto à Secretaria de Estado nos Estados Unidos. Por sua vez, o livro tornou-se uma das principais referências sobre o Brasil nos Estados Unidos no século XIX. Os contatos desenvolvidos por James Cooley Fletcher, consideravelmente maiores do que aqueles que Daniel Parish Kidder estabelecera em sua estadia no território brasileiro, em fins da década de 1830, fez com que o último fosse mais uma referência importante para *Brazil and The Brazilians* do que de fato um

co-autor. O relato de viagem escrito por Kidder em *Brazil and The Brazilians* tornou-se uma fonte significativa para a construção do livro.

É possível conjecturar que a presença do nome de Kidder agregasse ao nome de Fletcher credibilidade, posto que o mesmo era um pastor influente nos Estados Unidos e já publicara livros sobre o Brasil e sobre outros lugares do mundo. É possível supor também que Fletcher, apaziguador, afeito às relações cordiais e diplomáticas, tenha sido o principal autor do livro, mas tenha garantido a Kidder a co-autoria, na tentativa de não desagradar Kidder que publicara o seu relato nos Estados Unidos. Com isso, mantinha boas relações no universo protestante norte-americano. Em outras palavras, essas são suposições, que não puderam ser comprovadas no correr da pesquisa. A única certeza é que James Cooley Fletcher foi o principal autor do livro que foi objeto desta pesquisa.

O texto de *Brazil and The Brazilians* informava sobre grupos sociais brasileiros não mencionados em outros relatos de viajantes, procurando “corrigir distorções sobre o Brasil e os brasileiros” em solo norte-americano. As informações e comentários sobre o Brasil eram apresentadas ao leitor norte-americano em livro de fino acabamento editorial, com texto fluido e num vocabulário acessível ao grande público. Por essas características, o livro era atraente para os leitores dos Estados Unidos, pois tratava de uma gama de assuntos que começava com a Monarquia do país, passando pelos tipos sociais, até comentários sobre bailes, peças de roupa que se usava entre os membros da elite, além de “outras curiosidades”. Assim, o texto simpático e envolvente de *Brazil and The Brazilians* parecia atender às expectativas dos leitores da época, que prezavam tanto pela escrita fluente quanto por informações sobre lugares distantes e desconhecidos.

Assim, os temas tratados no livro eram expostos aos leitores norte-americanos por meio de um discurso elegante, amistoso, humanitário e informativo. Eram retirados

exemplos do cotidiano brasileiro de modo a capturar a sensibilidade e simpatia dos leitores norte-americanos pelo Brasil. Mas isso não significou que o texto não dialogava com o pensamento científico norte-americano ou com questões polêmicas dos Estados Unidos do período: esses temas eram estabelecidos com leveza, equacionando a rigidez das teorias que ecoavam nos Estados Unidos. Nisso, havia no livro uma série de confrontos, entre teorias e imagens do Brasil previamente estabelecidas, com os dados trazidos pelos autores. Exemplos desse tipo de contraponto puderam ser observados quando os autores trataram do lugar do negro no Brasil ou do clima tropical.

Esses contrapontos mostravam que o Império brasileiro, ainda que inferior à República dos Estados Unidos — diferentemente do que era transmitido por outros escritos que circulavam nos Estados Unidos sobre o Brasil, como mencionado — encontrava-se fortalecido e percorria um caminho rumo à modernidade e à civilização, incorporando uma série de práticas e de reformas sociais, culturais, políticas e econômicas que rompiam com as antigas estruturas de origem portuguesa, latina, oriundas da colonização.

Portanto, a ideia de progresso e “evolução” do país em direção à modernidade é latente no texto de *Brazil and The Brazilians*. Era essa perspectiva de avanço progressivo do país, rumo à “civilização”, que permitia a construção de prognósticos positivos do Império por parte de Kidder e Fletcher. Deve ser lembrado que o entendimento de progresso dos autores comportava as inovações políticas (a Monarquia era constitucional), técnicas (especialmente na agricultura) e científicas do século XIX, afiançado por uma esfera de letrados afeitos à modernidade política, intelectual e moral,

cuja procedência pode ser encontrada no pensamento iluminista; além dos homens que garantiam novas formas de produção desenvolvidas pela Revolução Industrial³¹⁸.

Mesmo assim, eram reconhecidas as assimetrias entre Estados Unidos e Brasil: o primeiro, para eles, já havia alcançado o patamar mais avançado de desenvolvimento, o último, ainda não. As justificativas que explicavam a inferioridade brasileira com relação à norte-americana davam-se em virtude das diferenças entre latinos e anglo-saxões.

A evolução dos brasileiros dava-se num processo de supressão de heranças coloniais e incorporação de outras lógicas modernas, características do século XIX, as quais, na percepção dos autores, os Estados Unidos já haviam incorporado. Era a partir das reformulações em curso no Império, para adequar-se aos moldes de “progresso do XIX”, que os brasileiros eram colocados entre os “mais avançados entre os latinos” e povos que viviam em “climas quentes”³¹⁹.

Cabe lembrar que ao longo da narrativa foram também expostas as visões acerca da condição dos outros países latino-americanos. Os autores não constataavam positivities nos países hispano-americanos, apenas retrocessos e “barbárie”, além de considerarem os descendentes dos espanhóis inferiores aos descendentes dos portugueses. Para eles, a “estável Monarquia dos trópicos” mostrava que República — caso dos Estados Unidos — era próspera em climas temperados, em sociedades compostas por homens que mostravam “virtude cívica” e em países com predomínio da religião protestante. Já os países da América Latina que haviam instituído a República

³¹⁸ Sobre as várias perspectivas de progresso e seus encaminhamentos ao longo do século XIX, ver: PRODI, Paolo. *Naufração sem espectadores: a ideia de progresso no ocidente*. São Paulo: Ed. Unesp, 2003, cap. 2.

³¹⁹ Cf.: KIDDER, Daniel & FLETCHER, James C.. *Brazil and The Brazilians*, *Op. Cit.*, p. 583-584.

mostravam que a anarquia, as disputas políticas, tornavam a República um governo instável, sem a devida autoridade para se manter a ordem entre os latinos.

Deve ser ressaltado, que mesmo notabilizadas as hierarquias entre anglo-saxões e latinos, diferentemente de outras produções norte-americanas sobre o Brasil, *Brazil and The Brazilians* não fora concebido enquanto ratificador do atraso e da degeneração nos trópicos; ao contrário, propunha-se como propulsor de contatos de ordem científica e comercial entre Brasil e Estados Unidos, para atrair investimentos e negociações proveitosas a ambos os países, em especial, aos Estados Unidos.

Fletcher colocava-se, ao longo tanto da narrativa do livro e também nas cartas ao Imperador, como amigo do Brasil e dos brasileiros, desejoso por seu progresso, ou mais que isso, como protetor da boa relação entre os dois países. Ao rebater a críticas de outros missionários sobre suas atividades relacionadas ao comércio — e ao seu afastamento do serviço religioso, ainda que não o tenha abandonado completamente — esse autor via-se como homem que percebia as potencialidades econômicas no Brasil e os frutos que os Estados Unidos poderiam adquirir com a aproximação dos países, muito mais que outros norte-americanos que haviam visitado o Império. Desse modo, Fletcher colocava-se como “amigo norte-americano do Brasil”, desejoso do seu desenvolvimento.

Todavia, ainda que os autores — novamente, principalmente Fletcher — procurassem por aproximações e intercâmbios comerciais e “constatassem” que o Brasil tinha, na América do Sul, o papel que os Estados Unidos tinham na América do Norte, notamos, por parte dos idealizadores de *Brazil e The Brazilians*, a expressão de uma voz de autoridade de norte-americanos letrados sobre o brasileiro. Eles podiam olhar para o país, analisar, averiguar; eram os que podiam “diagnosticar” em que patamar estava o Brasil no que concernia à modernidade e à evolução rumo ao progresso. Eram eles

também que podiam indicar soluções não só para o Brasil, mas também indicar iniciativas para os Estados Unidos na região.

Em outras palavras, *Brazil and The Brazilians* mostra que subjaz à forma amistosa com que foi construído o texto, além da simpatia expressa pelos brasileiros, que os autores não concebiam uma igualdade entre Estados Unidos e Brasil. Tal fato denota aspectos a cultura imperial presente naquele país ainda nos dias de hoje. Para eles, o lugar de destaque no Novo Mundo cabia, exclusivamente, aos Estados Unidos.

Fontes

- ALBERDÍ, Juan Bautista. *Bases*. Buenos Aires, Editorial Plus Ultra, 1852.
- BASTOS, Aureliano Tavares. *Cartas do Solitário, estudos sobre reforma administrativa, ensino religioso, africanos livres, tráfico de escravos, liberdade da cabotagem, abertura do Amazonas e Comunicações com os Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Typographia da Actualidade, 1862.
- FISKE, John; WILSON, James Grant; DICK, Charles; HOSMAN, James (Org). *The Cyclopaedia of American Biography*. New York: The Press Association Compilers, 1918.
- FLETCHER, James C. *International Relations with Brazil*. New York: John Amersman, 1865.
- KIDDER, Daniel P. & FLETCHER, James C. *Brazil and The Brazilians – portrayed in Historical and descriptive sketches*. Philadelphia: Childs & Peterson, 1857.
- KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros. Esboço histórico e descritivo* Coleção Brasileira. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, 1943.
- KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of Travel and Residence in Brazil – 2 vols*. New York: Sorin & Ball, 1845.
- STROBRIDGE, G. E. *The Biography of the Reverend Daniel Parish Kidder* . New York: Hunt & Eaton, 1894.

Artigos de Jornais

Procedência: Acervo Digital do *New York Times*

- “DEATH of George Childs – the Philadelphia Philanthropist is at rest”, *New York Times*: New York, Feb. 03rd, 1894.
- “DR. THOMAS Rainey – Bridge father – dead”. *New York Times*: New York, March, 30th, 1901.
- “EXIHIBITION of American Manufacturers in Brazil”. *New York Times*: New York, june, 28th, 1855.
- “IMPORTANT from Alabama.The City of Selma--Its Great Military Importance to the Rebels--Its Manufactures of War Material, Clothing, Salt, &c.--Description by a Resident of the Place”. *New York Times*: New York, April, 5th, 1864.
- “ITALY AND GARIBALDI. A Lecture by Rev. J.C. Fletcher”. *New York Times*: New York, Nov. 15th, 1860.
- “NEW PUBLICATIONS – Brazil and The Brazilians, portrayed in Historical and Descriptive Sketches, By Rev. D.P. Kidder, D. D. and Rev. J. C. Fletcher. Illustrated by one hundred and fifty engravings. Philadelphia:Childs &Peterson”. *New York Times*: New York. June, 24th, 1861.
- “OBITUARY”. *New York Times*: New York, Oct, 24th, 1901.
- “STEAM communication with Brazil; Interesting address by Rev. J. C. Flecher, before the Boston Board of Trade”. *New York Times*: New York, August, 14th, 1863.
- “SYMPATHY For Italy. Large Mass Meeting at c LARGE at Cooper Institute. An Address to the Italian people resolutions and speeches by Hon. John A. Dix, Luther R. Marsh, Rev. Dr. Hitchcock, Rev. J.C. Fletcher and others”, *New York Times*: New York, Nov. 19th, 1860.
- “THE PRODUCTION of Brazil”, *New York Times*: New York, August, 1st, 1863.

Procedência: Arquivo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) – RJ

- REVISTA DO Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Atas, vol. 5, p. 363, 110^a Sessão, 17 de agosto de 1843.

- REVISTA DO Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, tomo XXV, 1862, p. 692-695.

Procedência: Banco de Periódicos Digitalizados da Universidade de Cornell

“Making of American History” - MOA

- “BRAZIL and La Plata: Personal Records of a Cruise of Rev. C. S. Stewart”. Critical Notes. *The North American Review*: Boston, v. 84, i. 74, jan. 1857, pp.264-265.
- “BRAZIL and The Brazilians” *Harper’s Magazine*, New York: v. 15, n. 866, out. 1857, pp. 690-691.
- “BRAZIL and The Brazilians”, *The Living Age*, New York, v. 0060, i., oct. 1859, pp. 31-36.
- “BRAZIL and The Brazilians”. Literary Notes. *Atlantic Monthly*, Boston: v. 1., n. 1, p. 122-123.
- “BRAZIL and The Brazilians”. Notices of Books. *New Englander*: New Haven, v. 15, i. 66, nov. 1857, p. 746.
- “FLETCHER’S Brazil and The Brazilians”. *The North American Review*, Boston: n.177, vol.085, Oct.1857, p. 533-548.
- “FROM Fletcher’s Brazil and The Brazilians, in Press. Slavery in Brazil”. *National Era*: Washington D.C., Aug. 6, 1857.
- “MR’S FLETCHER Brazil and The Brazilians”, *The Living Age*, New York: v. 0066, i. 844, august 4, 1860, pp. 297-300.
- “TRAVELS”. *Putnam’s Monthly Magazine of American Literature, Science and Art*. New York, v. 7, i. 40, apr. 1856, pp. 436-437.
- MR STEWART’S Brazil Personal Records of a Cruise”. *Putnam’s Monthly Magazine of American Literature, Science and Art*. New York: vol. 009, i. 49, jan. 1857, pp. 98-99.

Cartas – Procedência: Museu Imperial, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil

- Carta de J. C. Fletcher a d. Pedro II.. Comunicado em inglês. Doc. 6082. 14 de julho de 1855.

- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6586 ,“Rio de Janeiro”, 05 de setembro de 1864.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6586, “Exchange Hotel, Rua Direita”, 27 de julho de 1864.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6586.“On board of Guienne”, 26 de setembro de 1864.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6635, “Rio de Janeiro”, 24 de maio de 1865.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6635. “Newburyport, Massachussets”, 27 de abril de 1866.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6818, “New York”, 21 de novembro de 1866.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Doc. 6914. “New York”, 23 de maio de 1868.
- Carta de J. C. Fletcher a D. Pedro II. Mensagem, em inglês, enviando um poema de Longfellow. Doc. 6586. 13 de agosto de 1864.
- Carta de J. C. Fletcher a Dom Pedro II, Doc. 6818. “Newportbury, Massachussets”, 20 de julho de 1866.
- Carta de J. C. Fletcher a José Joaquim de Siqueira. Carta (em francês) a propósito de livros a serem oferecidos a d. Pedro II. Doc. 6453. 17 de julho de 1862.
- Carta de J.C. Fletcher a D. Pedro II. Doc: 6586. “Rio de Janeiro”, 04 de agosto de 1864.
- Carta de James Fletcher a d. Pedro II. Carta, em inglês, a propósito da tomada de Vileta no Paraguai. Acompanham 2 cartas do mesmo ao mesmo e 4 retalhos de jornais americanos. Doc. 7050. 22 de janeiro de 1869
- Carta de James Fletcher a d. Pedro II. Carta, em inglês, enviando poemas. Doc. 6635, 27 de janeiro de 1865.
- Carta de James Fletcher a d. Pedro II. Carta, em inglês, oferecendo o livro Brazil and the Brazilians. Doc. 6818. 21 de novembro de 1866.
- Carta de James Fletcher a d. Pedro II. Doc. 6984. 23 de maio de 1868.

- Carta de James Fletcher a d. Pedro II. Mensagem, em inglês, pela morte de D. Leopoldina. Acompanha 1 carta do mesmo ao mesmo. Doc. 7407. 13 de abril de 1871

Acervo da Biblioteca Nacional

- Carta de James Cooley Fletcher a Manuel Pacheco da Silva, Doc. I-0907020, 30. jul.1858. Acervo da Biblioteca Nacional, Sessão de Manuscritos.
- CORREIO MERCANTIL, *e Instrutivo Político e Universal*. Rio de Janeiro: ano 14, n.1, 01.jan.1857.
- CORREIO MERCANTIL... Rio de Janeiro, ano 15, n. 251, 16.set.1858.
- CORREIO MERCANTIL... Rio de Janeiro: ano 14, n. 208, 31.jul.1857, p. 1; ano 14, n. 319, 22.nov.1857.
- DIÁRIO do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, “Notas” 17 de maio, 1855, p. 2.
- THE ANGLO Brazilian Times, Rio de Janeiro, 09.mai.1865.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de. *Desafio Americano à preponderância britânica no Brasil: 1808-1850*. Tese de Doutorado em História apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1970.

ANDRADE, André Luiz Alípio de. “Variações sobre um tema: a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e o Debate sobre o Fim do Tráfico de Escravos”. (Dissertação de Mestrado). História Econômica. Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil, 2002 (mimeo).

ANDRADE, Rômulo. “Apontamentos sobre a micro-economia do escravo e sua interação com a família e as solidariedades (Zona da Mata Mineira, sec. XIX)”. In: *Anais eletrônicos do X Seminário sobre a Economia Mineira*. Diamantina, Minas Gerais, Brasil, 2002.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. “Técnica, Trabalho e Natureza na Sociedade Escravista”. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. “A Experiência do Tempo na formação do Império do Brasil: autoconsciência moderna e historicização”. *Revista de História*, São Paulo, n. 159, jul-dez. 2008, pp.107-134.

ARMITAGE, David. *Declaração de Independência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism and Politics in the Antebellum Republic. Vol. 1 – conflict and compromise 1820-1850*. New York: Cambridge University Press, 2002.

AUGST, Thomas. “The Bussiness of Reading in Nineteenth Century America: The New York Mercantile Library”. *American Quarterly*, Chicago: v.50, n.2, 1998, pp.267-305.

AZEVEDO, Cecília. “A Santificação pelas Obras:” *Tempo, Revista* v. , n. , Rio de Janeiro, 2002.

AZEVEDO, Célia Marinho. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Anablume, 2003.

BARGUIL, Carmen Maria Kligman. “‘O Lugar e o valor da fisioterapia na terapêutica médica’: a medicina prática nos primeiros trinta anos do século XX”. Tese de doutoramento. Programa de Pós Graduação em História das Ciências. Fundação Oswaldo Cruz. Casa Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2011 (mimeo).

BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. “Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional: Oficina de Homens”. Anais do XII Encontro Regional da ANPUH-Rio. Seropédica, 2008.

BASS, Natalia. “Brazilian Images of United States (1861-1898): a working version of modernity?”. Phd Thesis, University College of London, United Kingdom, 2009 (mimeo).

BAYLIN, Bernard. *As Origens Ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: EDUSC, 2003.

BERBEL, Márcia Regina. *A Nação como Artefato. Deputados do Brasil nas Cortes portuguesas, 1821-1822*. São Paulo: Hucitec-Fapesp, 1999.

BESTOR, Arthur. “American Civil War as a Constitutional Crisis”. *The American Historical Review*, Chicago, v. 69, n.2, Jan. 1964, pp. 327-352 > cap.2, perto de home.

BETHELL, Leslie. “The Mixed Comissions for the Supression of Transatlantic Slave Trade in the Nineteenth Century”. *The Journal of African History*, Cambridge, v.7, n. 1, 1966, 79-93.

BRITO, Luciana. “Uma nação de ‘blend of colors’: o olhar dos abolicionistas norte-americanos sobre amalgamação (ou miscigenação) no Brasil e Estados Unidos”. Anais eletrônicos do XXVI Encontro Nacional de História da ANPUH. São Paulo: Universidade de São Paulo, Brasil, 2011.

CAMARGO, Mônica Ovinski de. “O Habeas Corpus no Brasil Império: liberalismo e escravidão”. Revista *Sequência*, São Paulo, n.49, dez. 2004, pp. 71-94.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. “Paisagem, Historicidade e Ambiente: as várias naturezas da natureza”. Bologna, *Confluenze*, n.1, v.1, 2009, pp.136-157.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: O teatro das sombras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CASPER, Scott E., CHAISON, Joanne and GROVES, Jeffrey D.. *Perspectives on American Book History. Artifacts and Commentary*. Cambridge: University of Massachussets Press, 2002.

CASPER, Scott E., GROVES, Jeffrey D., NISSENBAUM, Stephen W, WINSHIP, Michael. *A History of the Book in America. Volume 3: The Industrial book (1840-1880)*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1970.

CAVALCANTI, H. B.. “O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19: comparando as experiências Presbiterianas e Batistas”. *REVER – Revista de Estudos de Religião*. São Paulo: n. 4 , 2001, pp. 61-93.

CEZAR, Temístocles. “Lições sobre a escrita da História, Historiografia e Nação no Século XIX”. *Diálogos: UEM, Maringá*, v. 8, n.1, 2004, pp. 11-29.

_____. “O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do séc. XIX”. *História: Unisinos*, v.11, n. 3, pp.308-310, 2007.

COLE, Arthur. *The Irrepressible Conflict (1848-1861)*. SCHLESINGER, Arthur (org). *A History of American Life*. New York: MacMillan, 1934.

CONWAY, Molly. “African Americans in antebellum Boston: A study of boardinghouses for ‘free colored Seaman’ in antebellum Boston”. Disponível em: <<http://www.primaryresearch.org/bh/research/conway/index.php>>. Acesso em out., 2012.

COSTA, Emília Viotti. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Unesp, 2002.

COSTA, Wilma Peres. “A economia mercantil escravista nacional e o processo de construção do Estado no Brasil (1808 – 1850)”, in: SZMERCSÁNYI, Tamás e LAPA, José Roberto do Amaral(orgs.). *História Econômica da Independência e do Império*. São Paulo: Hucitec / Edusp / Imprensa Oficial, 2a ed., 1996.

DAVIDSON, Cathy (org.). *Reading in America. Literature and Social History*. John Hopkins University Press, 1989.

DOLHNNIKOFF, Miriam. *O pacto imperial. Origens do federalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Globo, 1999.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUTRA, Eliana Freitas e MOLIÈRE, Jean-Yves. *Política, nação e edição – o lugar dos impressos na construção da vida política, Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Anablume, 2006.

FAUST, Drew G.. “Evangelicism and the meaning of the Proslavery Argument: the Reverend Thornton Stringfellow of Virginia”. *The Virginia Magazine of History and Biography*, Vol. 85, n.1, Jan., 1977, pp. 3-17.

FEITOSA, Pedro Barbosa de Souza. “‘Que venha o Teu Reino’: estratégias missionárias para a inserção do protestantismo na sociedade monárquica (1851–1874)”. 2012. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012 (mimeo).

FERES JÚNIOR, João. “*Spanish America* como o Outro da América”. In: *Lua Nova – Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 62, 2004.

FERHENBACHER, Don. *Slavery, Law and Politics: the Dred Scott Case in historical Perspective*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1978.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. *Protestantismo e Modernidade no Brasil*. (Tese de doutoramento). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo).

FIELDS, Barbara J.. "Slavery Race and Ideology in the United States of America", *New Left Review*, 1990, pp. 95-118. Disponível em: <<http://www.solidarity-us.org/pdfs/cadreschool/fields.pdf>>, acesso em mai.2013.

FIXICO, Donald. Federal State Policies and American Indians. In: DELORIA, Philip Joseph; SALISBURY, Neal (Ed.). *A Companion to American Indian History*. Malden: John Wiley Professional, 2004.

FONER, Eric. *Free Soil, Free Labor, Free Men. The ideology of the Republican Party before the Civil War*. New York: Oxford University Press, 1995.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

FRIEDRICKSON, George. *The Black Image in the White Mind. The Debate on Afro-American Character and Destiny*. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.

GALLAY, Allan. "The Origins of Slaveholders' Paternalism: George Whitefield, the Bryan Family and the Great Awakening in South". *The Journal of Southern History*, n. 53, v.3, Aug. 1987, pp.369-394.

GARDNER, Martin. *Best Remembered Poems*. Courier Dover Publications, 1992.

GERBOVIC, Tathiana. "O Olhar estrangeiro em São Paulo até meados dos oitocentos: relatos de viajantes ingleses e norte-americanos". (Dissertação de Mestrado). História Econômica. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil, 2009 (mimeo).

GONÇALVES, Bruno Rosi. *A Atuação de Missionários Protestantes na Construção das Relações Internacionais entre Brasil e Estados Unidos*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro. 2009 (mimeo).

GRADEN, Dale. "An act of 'even public security': Slave resistance, Social Tensions and the end of the International Slave Trade in Brazil (1835-1850)". *The Hispanic American Historical Review*, Duke University Press, v. 76, n. 2, May, 1996, pp. 249-282.

GREENBLATT, Stephen. *Possessões Imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 2003.

GREGÓRIO, Vitor Marcos. “Uma face de Jano: a navegação do rio Amazonas e a formação do Estado Brasileiro (1838-1867)”. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós Graduação em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008 (mimeo).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. e CAMPOS, Pedro Moacyr (org.). *História da Civilização Brasileira, tomo II, volume 3, “Reações e transações”*. São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1976.

HOLLOWAY, Thomas. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HORNE, Gerald. *O Sul mais distante. Os Estados Unidos, o Brasil e o Tráfico Internacional de Escravos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HORSMAN, Reginald. *Race and Manifest Destiny. The Origins of American Racial Anglo-Saxonism*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

HOVDE, David. “Sea Colportage. The loan library system of the American Seamen’s Friend Society 1859-1967”, *Libraries & Culture*, Austin: v. 29, n. 4, aug-oct, 1994, p. 389-414.

HUTTER, Lucy Maffei. *Navegação nos Séculos XVII e XVIII: Destino, Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

JAMES, David. *D. Pedro II e os amigos da Nova Inglaterra*. Anais do Museu Imperial. Petrópolis: Ministério da Saúde e Educação, 1952.

JANCSÓ, István. “Brasil e Brasileiros – Notas sobre modelagem de significados políticos na crise do Antigo Regime Português na América”. *Estudos Avançados*, Rio de Janeiro, v.22, n. 62, 2008, pp. 258-274.

JOSEPH, Gilbert, SALVATORE, Ricardo D., LE GRAND, Catherine (editors). *Close Encounters of The Empire. Writing the Cultural History of U.S – Latin American Relations*. Duke University Press, 1998.

JUNQUEIRA, Mary A.. A recuperação da antiguidade clássica e a instalação da república nos Estados Unidos da América (fins do XVIII e início do XIX). In: MURARI, Francisco e SUANO, Marlene (orgs.). *Antigos e Modernos: Diálogos sobre a (escrita da) História*. São Paulo: Alameda, 2009, pp. 468-478.

_____. “Charles Wilkes, a US Exploring Expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). Rio de Janeiro: *Tempo. Revista de Estudos Históricos da Universidade Federal Fluminense*, Niterói, mai.2008, pp.

_____. “Representações políticas do território latino-americano na Revista Seleções”. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, v. 21, n.42, 2001, pp. 325-342.

KAPLAN, Amy. *The Anarchy of Empire in the making of U.S. Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KEYSSAR, Alexander. *The Right to Vote. The Contested History of Democracy in the United States*. Nova York: Basic Books, 2000.

KIRDEIKAS, João Carlos Vieira. “O Estado e a Formação do Mercado Interno para o Capital no Brasil, 1850-1903”. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003 (mimeo).

KOSSOY, Boris. *O Olhar Europeu: O negro na iconografia brasileira do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1996.

KRAAY, Hendrik. “A visão estrangeira: a Independência do Brasil (1780-1850) na historiografia européia e norte-americana”. In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Fapesp/Hucitec, 2005.

KURY, Lorelai. “Más Influências: O Clima Tropical e o Brasil”. In: *Com Ciência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Artigo de 10.07.07. Disponível em:

<<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=297&print=true>>.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. “A roda de expostos: o óbvio e o contraditório da instituição”. *Resgate*, São Paulo, n. 3, 1991, pp.66-75.

LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2005.

LIPPI, Lúcia. *O Brasil dos Imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LUZ, Nícia Vilela. “A Monarquia Brasileira e as Repúblicas Americanas”. *Journal of Inter-American Studies*: Miami, v.8, n.3, jul.1966, 358-370.

MACHADO, Maria Helena P. T. “A Ciência Norte-Americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo ‘degeneracionista’”. *Revista USP*, São Paulo, n. 75, set./nov. 2007.

_____. “Travels and Science in Brazil”. *ReVista – The Harvard Review of Latin America*, Cambridge, v. 8, n. 3, mar-may, 2009, p. 34-40.

_____. *Brasil a Vapor. Raça, Ciência e Viagem no Século XIX*. Tese (Concurso de Livre Docência). Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006 (mimeo).

_____. “A Sensualidade como caminho: notas sobre relatos de viagem”. In: *Revista USP*, São Paulo: n. 58, jun-ago. 2003, pp. 134-147.

_____. *O Brasil no Olhar de William James*. São Paulo: EDUSP, 2010.

MALEVAL, Isadora Tavares. “O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o (não) lugar da História do Presente”. *Ars História*, vol.1, n.2, jul-dez. 2010, p. 49-59.

MANTHORNE, Katherine. “O Brasil no Imaginário norte-americano no século XIX”. *Revista USP*, São Paulo, n.30, pp.58-72, jun/ago, 1996. Dossiê Viagens e Viajantes.

MARQUESE, Rafael B. e PARRON, Tâmis. “Internacional Escravista: a política da Segunda Escravidão”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v.12, n. 23, jul-dez. 2011, pp. 97-117.

MARQUESE, Rafael de Bivar. "Governo de Escravos e Ordem Nacional: Brasil e Estados Unidos (1820-1860). *Penélope*, Lisboa, n. 27, 2002, pp. 59-73.

_____. *Feitores do Corpo, Missionários da Mente. Senhores, Letrados e o Controle de Escravos nas Américas, 1660-1860*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARSDEN, George. *Religion and American Culture*. Nova York: Harcourt Brace College Publishers, 1990.

MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O Olhar Britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARX, LEO. *The Machine and the Garden. Technology and the pastoral ideal in America*. New York: Oxford University Press, 2000 [1964].

MASON, Matthew E. "Slavery Overshadowed: Congress Debates Prohibiting the Atlantic Slave Trade to the United States, 1806-1807". *Journal of the Early Republic*, Pennsylvania, v.20, n. 1, sept.-nov., 2000, pp. 59-81.

MATHEWS, Donald G. *Slavery and Methodism: A Chapter in American History (1780-1845)*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

_____. "Methodist Missions for Slaves, 1829-1844". *The Journal of American History* vol. 51, n. 4, march, 1965, pp. 615-631.

_____. "The Second Great Awakening as an organizing process, 1790-1830: An hypothesis", in: *American Quarterly*, vol. 21, n. 1, 1969, pp. 23-43.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *No Tempo de Saquaremas*. São Paulo: Hucitec, 1987.

MC CORMICK, Richard P.. "New Perspectives on Jacksonian Politics". *The American Historical Review*: Chicago, v. 65, n.2, 1960, pp. 288-301.

MC NEILL, J. R.. "Observations on the Nature and Culture of Environmental History". *History and Theory*, Wesleyan University, n.42, 2003, pp. 5-43.

MC PHERSON, James. *Battle Cry of Freedom. The Civil War Era*. New York: Oxford University Press, 1988.

MCLENDON, Eric. "Slave Missions and Memberships in North Alabama". Master of Arts, Auburn University, Alabama, 2006 (mimeo).

MENDONÇA, Antônio G. e VELÁSQUEZ FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, São Paulo: Loyola, 2002[1990].

MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. *O Celeste Porvir*. São Paulo: ASTE, 1995.

MINDLIM, José. "Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.4, n. 7, 1991.

MORENO, Ricardo. "Somos Diferentes – Somos Iguais: construção e desconstrução do conceito de raça". *Dialética*, Salvador, Bahia, v.1, n.1, p. 19-26, 2010.

MOURA, Luís Cláudio Rocha Henriques. "Abreu e Lima: uma leitura sobre o Brasil". Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2006 (mimeo).

NEVES, Lúcia. "Revolução: em busca de um conceito no Império Luso-Brasileiro". In: FERES Jr., João e JASMIN, Marcelo G.. *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola/IUPERJ, 2007, pp. 129-140.

NOBRE, Carlos. "O Controle Penal do Escravo: Crime e Polícia no Rio de Janeiro (1808-1850)". *Revista USCS – Direito*. Ano 9, n. 14, jan-jun. 2008.

O'TOOLE, Tess. "The Servant's Body: The Victorian Wet-Nurse and George Moore's *Ester Waters*". *Women's Studies*, Amsterdam, v. 25, 1996, pp. 329-349.

OLIVEIRA, Cecília Helena Salles de, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib e COSTA, Wilma Peres (orgs.). *Soberania e Conflito: configurações do Estado Nacional no Brasil do Século XIX*. São Paulo: FAPESP/Hucitec, 2010.

PAULA, João Antônio de. "A ideia de nação no século XIX e o marxismo". *Estudos Avançados*, São Paulo, v.22, n.62, jan-abr., 2008.

PAULINO, Carla Viviane. "Em nome da Ciência: James Melville Gillis e a U.S. Naval Astronomical Expedition em direção à costa oeste da América do Sul.(1849-1852)". 2012. Apresentação de trabalho. Encontro Internacional da ANPLHAC. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2012.

_____. “O Império do Atraso: Etnologia, Política e Religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank”. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011(mimeo).

PIMENTA, João Paulo G.. “A independência do Brasil como revolução: um tema clássico”. *História da Historiografia*: Ouro Preto: n.3, set/2009, pp. 53-82. “Portugueses, Americanos e Brasileiros: Identidades políticas na crise do antigo regime luso-americano”. *Almanack Brasiliensis*, São Paulo, n. 03, mai. 2006, pp.69-80.

_____. “Portugueses, Americanos e Brasileiros: Identidades políticas na crise do antigo regime luso-americano”. *Almanack Brasiliensis*, São Paulo, n. 03, mai. 2006, pp.69-80.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagens e de transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

PRUCHA, Francis Paul. *The Great Father: The United States Government and The American Indians*. Lincoln: Nebraska University Press, 1984.

QUINTANEIRO, Tânia. “A Criança Brasileira no Século XIX na percepção de viajantes ingleses e norte-americanos: uma análise comparada”. In: *Síntese: nova fase*, v. 19, n. 58, 1992, pp. 361-390.

REIS, Cacilda Estêvão dos e ANDRADE, Solange Ramos de. “A imigração europeia nos discursos da elite política brasileira”. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cacilda_estevao_reis.pdf, acesso em dez. 2012.

REIS, Elisa P.. “O Estado Nacional como Ideologia: o caso brasileiro”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1988, pp. 187-203.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. “A Educação Feminina no Século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)”. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. Campinas, São Paulo, 1993 (mimeo).

RIBEIRO, Luiz Cláudio M.. “A invenção como ofício: as máquinas de preparo e benefício do café no século XIX”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, n. 1, v. 14, jan-jun. 2006, pp. 121-165.

RINALDI, Selma. *Para formar os Brasileiros. O Compêndio de História do Brasil de Abreu Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo: 2007 (mimeo).

RISTOW, Walter. *Maps and Mapmakers: Commercial Cartography in the Nineteenth Century*. Detroit: Wayne State University Press, 1960.

ROSS, Dorothy. “Historical Consciousness in Nineteenth Century America”. *The American Historical Review*, Chicago, vol. 89, n. 4 (oct. 1984), pp. 909-928.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAMPAIO, Maria Clara Salles Carneiro. *Fronteiras Negras ao Sul: A Proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afro-descendentes norte-americanos na Década de 1860*. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008 (mimeo).

SANTOS, Fabiane Vinente. “‘Brincos de ouro, saias de chita’: mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em *Viagem ao Brasil* (1865-1866)”. *Hist. Ciências e Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, Jan./Apr. 2005.

SCHWARTZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIXAS, Mariana Ellen Santos. “Protestantismo, política e Educação no Brasil: A Propaganda do Progresso e da Modernização”. *Revista Brasileira de História das Religiões*. São Paulo: ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010.

SHENK, Wilbur (org.). *Foreign Missions, 1810-1914: Theology, Theory and Practice*. William Eerdsman Publishers, 2004.

SMITH, Henry Nash. *Virgin Land The American West as symbol and myth*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

SMITH, Joseph. *Brazil and United States: Convergence and Divergence*. New York: Oxford University Press, 2009.

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear Horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2007.

STAMPP, Kenneth. *America in 1857: A nation on the brinks*. New York: Oxford University Press, 1989.

_____. *The Peculiar Institution: Slavery in Antebellum South*. New York: Oxford University Press, 1953.

TEIXEIRA, Ivan. “Poética Cultural: Literatura & História”. *POLITEIA: História e Sociedade*: Vitória da Conquista, Bahia, v.6, n.1, 2006, pp. 31-56.

TERRA, Paulo Cruz. *Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1824-1870)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói: 2007(mimeo).

TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

_____. *O Imperialismo Sedutor: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TURNER, Frederick Jackson. *The Significance of the frontier in American History*. A paper read at the meeting of the American Historical Association in Chicago, July 12, 1893.

VIANNA, Luiz Werneck. "Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos". *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: vol. 34, n. 2, 1991.

VIEIRA, David Gueiros, *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1980.

VITTE, Antonio Carlos. "Natureza, Imaginação e Política na Geografia Francesa: construção da imagem e de mundo tropical e da Tropicalidade". Curitiba: *Percursos: Sociedade, Natureza e Cultura*, n. 11, 2010-1, p. 307-327.

WALKER, James. "Henry Tanner and the Cartographic Expression of American Expansionism in the 1820s". *Oregon Historical Quarterly*, v. 111, n. 4, winter 2010, pp. 416-443.

WEEKS, William E. American Expansion 1815-1860. In: SCHULTZINGER, Robert D. *A Companion to American Foreign Relations*. Blackwell Companions to the American History. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

WIRTH, Lauri Emílio. "Protestantismo Brasileiro de Rito Luterano". *Revista USP*: São Paulo, n.67, set-nov., 2005, pp.68-77.

WOOD, Gordon S. *The creation of the American Republic 1776-1787*. Chapel Hill/London: The University of Carolina Press, 1998.

YOUNG, Robert J. C.. *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

ZBORAY, Ronald J.. *A Fictive People: Antebellum Develloping Economy and the American Reading Public*. New York: Oxford University Press, 1993, pp. 15-16.

_____. "Fiction and Informed Reading in early nineteenth America". *Nineteenth Century Literature*. University of California, vol. 47, n.3, dec. 1992, pp. 320-348.

ZBORAY, Ronald, and ZBORAY, Mary S. "Reading and everyday life in Antebellum America: the diaries of Daniel F. and Mary D. Child". In: *Libraries & Culture*, Austin, v. 32, n. 3, 1997.